

**MULHERES NANÃS: UM ESTUDO SOBRE OS SABERES CONSTITUÍDOS DE
NEGRAS IDOSAS NAS COMUNIDADES DE PORTO ALEGRE¹**



**MULHERES NANÃS:
UM ESTUDO SOBRE OS SABERES CONSTITUÍDOS DE NEGRAS IDOSAS
NAS COMUNIDADES DE PORTO ALEGRE**

¹ Imagem vertical de mulher negra retinta, idosa. O rosto é marcado por rugas e linhas de expressão, olhar sereno e lábios carnudos e serrados, expressando uma fisionomia séria e ao mesmo tempo, serena. Cabelos grisalhos, curtos e soltos, localizada no centro da imagem. Ela usa brincos de argola nas orelhas, esta sentada com as mãos sobrepostas na altura das coxas, usa uma túnica lisa num tom lilás e ao fundo há nuvens num tom lilás claro. A imagem é emoldurada por uma margem com desenhos abstratos africanos na cor lilás, amarelo e branco.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Faculdade de Educação
Mestrado em Educação

Perla Santos

**MULHERES NANÃS:UM ESTUDO SOBRE OS SABERES CONSTITUÍDOS DE
NEGRAS IDOSAS NAS COMUNIDADES DE PORTO ALEGRE**

Porto Alegre
2023

PERLA SANTOS

**MULHERES NANÃS:UM ESTUDO SOBRE OS SABERES CONSTITUÍDOS DE
NEGRAS IDOSAS NAS COMUNIDADES DE PORTO ALEGRE**

Dissertação de Mestrado apresentado
ao Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal do
RioGrande do Sul como requisito para
obtenção do título de Mestre em
Educação

Linha de Pesquisa: Trabalho, Educação
e Movimentos Sociais

Orientador: Prof. Doutor Johannes Doll

Porto Alegre
2023

CIP - Catalogação na Publicação

da Silva dos Santos, Perla
MULHERES NANÁS: Um estudo sobre os saberes
constituídos de negras idosas nas comunidades de Porto
Alegre / Perla da Silva dos Santos. -- 2023.
125 f.
Orientador: Johannes Doll.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Negras Idosas. 2. Territórios. 3. Sagrado. 4.
Ancestralidade. 5. Memória. I. Doll, Johannes, orient.
II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO (Obrigatório) – Não colocar título

[Digite Nome Completo]

[Título do

Trabalho]

[subtítulo do

trabalho]

[Escolher o tipo de trabalho] como requisito parcial à obtenção do título de [Escolher o grau] em [Escolha a área] [da/do] [Escolher a unidade/instituto] da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador:

Aprovado em:[Informe a cidade da Unidade],[Clique aqui para inserir uma

data].BANCA EXAMINADORA:

Nome e titulação do orientador
Instituição do orientador

Nome e titulação do membro da banca
Instituição do membro da banca

Nome e titulação do membro da banca
Instituição do membro da banca

Dedicatória

Dedico este trabalho a todas as mulheres Nanãs que conheci nesta jornada. Levarei cada uma delas no meu coração. Sou muito grata pelas aprendizagens e pelo afetorecebido.

Agradecimentos

Tantos nomes invadem meu orí que tenho até receio de esquecer de alguém, mas farei um esforço para nomear todos que estiveram comigo nessa jornada: Agradeço a Esú que possibilitou que as Nanãs da minha pesquisa cruzassem o meucaminho nessa vida encruzilhada; à Yansã, dona do meu orí e minha mãe-búfalo, à Minha Maria Padilha, ao meu terreiro e minha ialorixá Karina Ferreira, conselheira e amiga. Agradeço imensamente ao meu orientador Johannes Doll, por ser essa pessoa que ajuda, confia e acolhe; às minhas colegas do mestrado: Janair Machado, Estela Kohlrausch, Iara de Almeida, Diana Daros, Franciele Conte, Morghana Vasconcelos, Bruna Kin Slodkowski e Adriana Pinto; aos amigos Gleber Almeida e Fernando Santana. Sou grata às minhas queridas mentoras Catarina Machado e Paulina Gonçalves e agradeço a mim, por apostar nesse estudo. Ádúpé!

Aqui eu não sou a “Outra”, mas sim Eu própria. Não sou o objeto, mas, o sujeito.

Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político.

Nesse sentido eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou.

Grada Kilomba

Resumo

Esta dissertação foi desenvolvida a partir de um estudo sobre os saberes constituídos de mulheres negras idosas das comunidades de Porto Alegre. O objetivo da dissertação é compreender como tais saberes constituídos a partir das vivências de mulheres negras idosas impactam nas comunidades em que possuem uma função social, a partir da perspectiva de gênero e raça. Participaram deste estudo quatro mulheres de diferentes bairros da cidade, de 60 a 86 anos de idade que exerciam liderança no seu território: no carnaval, como escritora na liderança de clubes e como Yalorixa. Este estudo ancora-se nos conceitos de Vilma Piedade (2017), Interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw (2002), Teoria sobre Memória e Sociedade (1994) e o conceito de Território Usado de Milton Santos (1999) como base para fundamentar a discussão. Foram utilizadas técnicas de Observação Participante e entrevistas semiestruturadas, a partir das quais foram produzidos dados para a elaboração do material para análise do conteúdo (Bardin 1977). Conclui-se que essas mulheres têm uma forte ligação com seus ancestrais, que seus saberes e ofícios foram aprendidos com eles, de forma oral e que cada uma delas transmite esses conhecimentos de forma singular. Elas possuem uma forte ligação com seus territórios e têm na estética e nas práticas do auto-amor um instrumento contra a opressão.

Palavras-chave: Negra; Idosa; Territórios; Sagrado, Ancestralidade; Memória

Abstract

This dissertation was developed from a study on the constituted knowledge of elderly women in Porto Alegre communities. This research aimed to understand how this knowledge derived from these women's experiences influenced the communities in which they work. In this sense, a study was carried out with four women from different neighborhoods of the city, aged 60 to 86 years old, who exercised leadership in their territory. The theoretical-methodological basis used was based on the concepts of Vilma Piedade (2017), Intersectionality by Kimberlé Crenshaw (2002), Theory on Memory and Society (1994) and the concept of Used Territory by Milton Santos (1999). For this, Participant Observation techniques and semi-structured interviews were used, from which data were produced for the preparation of material for content analysis (Bardin 1977). So far, it has been concluded that these women have a strong connection with their ancestors, that their knowledge and crafts were learned from them, orally, and that each one of them transmits this knowledge in a unique way, as well as having a strong connection with their territories and uses the aesthetics and practices of self-love as an instrument against oppression.

Key words: Black; Elderly; Territories; Sacred, Ancestry; Memory.

SUMÁRIO

PRÓLOGO AFETIVO	11
1 INTRODUÇÃO O INÍCIO DE TUDO- LAROYÊ – FECUNDAÇÃO DA PESQUISA	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
2 OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICO	27
2.1 Objetivo geral.....	Erro! Indicador não definido.
2.2 Objetivos específicos.....	27
3. REFERENCIAL NUTRITIVO – GESTANDO A PESQUISA.....	Erro! Indicador não definido.
4 TEORIA SOBRE MEMÓRIA E SOCIEDADE	38
5 TEORIA DE TERRITÓRIO USADO	40
6 REFERENCIAL SAGRADO – A DANÇA	43
7 MÉTODO: PRIMEIRAS FORMAÇÕES.....	48
8 PREPARAÇÃO: REFLEXÕES... PRIMEIRAS FORMAÇÕES	48
8.1 O cenário da pesquisa	52
8.2 Entrevista-encruzilhada	55
8.3 As Mulheres Nanãs da pesquisa	58
8.4 Coleta de dados.....	64
8.5 Elaboração das categorias de análise.....	67
8.6 Categorias iniciais	70
8.7 Categorias intermediárias	71
8.8 Categorias finais	73
9 OFÚN – O NASCIMENTO DA PESQUISA-ERÊ.....	74
10 “ANCESTRALIDADE E MEMÓRIA”	75
11 “ATUAÇÃO, TERRITÓRIO E SABERES.....	88
12 “CONSCIÊNCIA RACIAL”	93
REFERÊNCIAS	99
APÊNDICE A — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	105
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	108
APÊNDICE C – GLOSSÁRIO.....	110

PRÓLOGO AFETIVO:

*Às vezes o simples fato de se levantar e
seguirem frente é corajoso e grandioso
Charlie Mackesy*

Venho de um lugar onde havia poucos livros. Na minha infância os poucos que tinham foram fruto de doações e eram, geralmente velhos, rasurados e rasgados. Só na vida adulta que comecei a gostar de ler e estudar. Nasci em um lugar humilde, de pessoas simples e à elas escrevo essa dissertação que tem cheiro de lembranças e memórias. Este estudo traz em forma de palavras a história desses e, principalmente, dessas mulheres de mogno que fazem histórias e pequenas/grandes revoluções diariamente. Com esta dissertação, pretendo despertar a memória de nossas avós que marcaram nossas vidas com afetos. Nostalgicamente, lembro dos barulhos e cheiros de minha avó fazendo o café da manhã, acordando-me cedo, intencionalmente ou não com muitos barulhos de panelas, objetos caindo e o som de um velho rádio. Tudo isso envolvido com cheiro de café passado num coador de pano. Pães e outros alimentos assados no fogão a lenha, o que dava um sabor singular que só quem provou um alimento preparado neste fogão entenderá. Este escrito visita lembranças: lembranças úmidas de dias chuvosos, com cheiro de terra molhada de quando a chuva caía, dos banhos de chuva e dos bolinhos que nossas avós só faziam quando chovia (por isso o nome “bolinho de chuva”, gostosuras envolvidas em açúcar, canela em pó e amor). A imagem da minha vizinha sempre me invade a mente, saias longas e coloridas, ancas largas, chinelos e lenço cobrindo os cabelos crespos e embranquecidos pelo tempo.

Confesso que na minha casa nunca tivemos o hábito da leitura, comecei a tê-lo na faculdade, o que não foi um processo indolor. Venho de um lugar de falas simples e muitas palavras ensinadas eram pronunciadas de forma diferente do que a Norma padrão exige. No estilo Adoniran Barbosa, aprendia a me comunicar:

De tanto leva frechada do teu
olharMeu peito até parece sabe
o quê? Táubua de tiro ao Álvaro
Não tem mais onde furar
(Adoniran Barbosa)

Lembro do constrangimento que sentia quando era corrigida publicamente, após falar algum vocábulo “errado” e também de me sentir inferior, quando ouvia palavras que não fazia ideia do que significavam, saindo de bocas de pessoas que antes do nome precedia pronomes de tratamento abreviados por “DR.” ou “DRa.”. Por isso que a presente escrita precisa ser compreendida por letrados e não letrados, doutores da academia e doutores que se formaram na escola da vida. Escrevo para o povo preto e com o povo preto e periférico a história deles, delas, ou melhor: nossa. Escrevo para eles e elas que sofrem entulhados nos ônibus sucateados do transporte público. Que sentem a precariedade da mobilidade urbana, para os que criam o cardápio da sobrevivência, quando a mistura (carne) acabou e ainda faltam muitos dias para o fim do mês, para receber o salário. Para os que deitam o botijão para poder cozinhar mais uma refeição, tentando driblar o gás que está acabando. Para os que moram em lugares sem saneamento básico e desconhecem calçamento nas ruas, em que o asfalto é um luxo e que quando saem, protegem seus pés com sacolas plásticas, devido a lama das ruas. Esta dissertação é para quem comunga do pacto do silêncio que se instaura quando uma viatura da polícia chega, o olhar que comunica mais que qualquer palavra e que só quem é da “Quebrada” entende. Os que escutam temeroros o som dos tiros rompendo o silêncio das noites da periferia. Seguido da correria quando algum jovem é baleado; o medo que ronda, temendo ser um familiar e os gritos de desespero que se ouve ao longe, da mãe que perdeu seu filho. Esta escrita é para aqueles que mesmo sem dinheiro para alugar um salão de festas, celebra com os amigos, estendendo uma lona no pátio de casa e fazendo ali uma espécie de tenda festiva, com música no “último volume” e que festejam até o sol nascer. Mas também é para quem é distante desta realidade. Essa dissertação é para todas, todos e *todes*, tenha idade que tiver.

Os anos de Mestrado foram momentos de desafios, todavia, encontrei pessoas incríveis e, por mais dolorosa que tenha sido esta jornada, trago nestas páginas a beleza da cultura da resistência e a magia do nosso sagrado negro. Desejo a quem ler que possa mergulhar nesta mágica relação de memórias, luta,

ternura e *orixalidade* que rondam as mulheres Nanãs. Convidando os leitores a perceberem quantas dessas mulheres cruzam nosso caminho diariamente, quantas heroínas assim temos na rua em que residimos, no nosso bairro, na cidade.

Agradeço por doar seu tempo lendo este prólogo, confesso que estou criando o hábito de ler prólogos agora, antes, devido à ansiedade, ia direto para os capítulos, mais uma aprendizagem fruto do Mestrado. Outro fruto do Mestrado é o meu vício por adquirir novos livros e a irresistível vontade de entrar em livrarias. Sentindoum prazer inenarrável ao sentir o cheiro do livro novo.

O estudo é basicamente em torno da figura das mulheres Nanãs. Iniciando, pedindo licença a Esú e agô aos ancestres. Para contar a história destas mulheres, nomeamos cada fase das suas vidas, com uma labá. Toda a escrita tem a contribuição de vivos e não vivos, do Orum (Céu) e Aiyê (Terra) e isso não ficará explícito na escrita, como nas nossas vidas que estamos conectados com nossos ancestrais e divindades a todo momento. Esta dissertação mesmo concluída, está incompleta e se completará a partir do contato com o leitor que terá acionado lembranças e memórias que eu desconheço.

Durante muito tempo no Mestrado, tive medo, ansiedade, frustrações e sacrifiquei muitas noites de sono, bem como vi pouco minha família. Apesar de todo esse sacrifício, amei esta pesquisa desde sua concepção e oferto-a com carinho e gratidão, inspirada na obra premiada de Charlie Mackesy¹. Acrescento: nada supera a gentileza e é isto que irão encontrar nas próximas páginas: gentileza, como também a força de mulheres da cor da noite que lutaram e lutam por justiça. Pretas que constroem um legado, marcadas por sofrimentos, dores, lutos e perdas, mas que mesmo assim ofeceram a esta pesquisadora inexperiente grandes ensinamentos. Abriram as portas de suas casas e de seus corações. Ora nas suas cozinhas, no terreiro, na mesa de jantar. Cada uma a sua maneira, apresentaram-me sua biografia repleta de força. Levarei cada uma delas na jornada que inicio no mundo da pesquisa, grata por tê-las conhecido e aprendido. Levo nestas páginas, e para minha vida acadêmica também, a gratidão por tantas aprendizagens, a humildade e consciência de que estou apenas começando e que qualquer título que eu receba agora, será graças a essas grandes professoras que ornamentaram minha pesquisa. Desejo que toda titulação futura não me afaste da humildade que aprendi a ter desde o terreiro até a presente pesquisa. Creio que o meio acadêmico já está

repleto de muitos “deuses e deusas”, conformo-me em ser mortal, uma mortal que vê potencia na história dos excluídos e que deseja ouvir os historicamente silenciados. Então, não espere encontrar neste estudo palavras como elocubrações, capilaridades, etc. e, sim, o mais puro “pretoguês”.

È engraçado, como els gozam a gente, quando a gente diz que é “Framengo”, Chamam a gente de ignorante, dizendo que a gente fala errado. Eles ignoram que a presença deste “R” no lugar do “L” é a marca linguística de um idioma africano no qual o “L” não existe. Ao mesmo tempo, acham o

¹ O Menino, a Toupeira, a Raposa e o Cavalo, de Charlie Mackesy, foi adaptado para o cinema e ganhou o Oscar 2023 na categoria melhor curta-metragem de animação.

maior barato a fala dita “brasileira” que corta o “R” dos infinitivos verbais. “ Vou te “conta” que os olhos não conseguem “vê”. Em vez de você, “cê”, em vez de estar, “tá”. Não sacam que estão falando “Pretoguês” (Lélia Gozales-documentário Amefricanidades)

1 INTRODUÇÃO: O INÍCIO DE TUDO – LAROYÊ – FECUNDAÇÃO DA PESQUISA

Exu é o começo

Atravessa o

avesso Exu é o

travesso Que

traça o final

(Música de Serena Assumpção)

Encontro-me no meu escritório, a tela do computador está branca, nenhuma palavra ousa surgir naquele documento, horas tentando iniciar a escrita, já não sei se o dia está ensolarado ou chuvoso, janelas fechadas. Um desânimo teimosamente me ronda. Tudo neste momento parece mais interessante que escrever, tudo: lavar louça, mexer no celular, “maratonar” séries, dormir. Questiono-me: devo desistir? Estou sozinha! Neste momento, *Esú*² gargalha e bradando, exige: “Comece comigo!” Então, lembro que nunca estou sozinha. Obedeço, *Laroye*³, *Esú*! Tudo começa com ele, início a escrita saudando e pedindo que *Bará*⁴ me dê o dom da comunicação. Inspiração, início de tudo, início da escrita, *esuzilando*⁵ ideias, início da vida. Então, uma sensação libidinoso envolve zonas erógenas da minha alma, pensamentos lubrificadas, úmidos, expõem entusiasmo: ideias penetrativas, ejaculando palavras, rabiscos, rascunhos e num orgasmo mental, concebe-se essa dissertação. Estamos gestando esta defesa. O *pensamento-sêmen* fecunda a escrita, dando à ela vida e vida é *Esú*, o início é *Esú*. Tudo que começamos, saudamos Ele, mas não confunda, *Esú Bará* com o *Exú Catigo*, ou com o diabo cristão – esse último é invenção do colonizador.

Encontro na encruzilhada da escrita, Nogueira (2011) que alerta que evocar *Esú* é mais que uma convocação religiosa e sim um ato filosófico, acrescento que é um ato político: vamos amar nosso *Èsú* na rua, como foi dito no desfile da Grande Riodeste ano. Nesse momento, *Bará* avisa: “Estou aqui! Então, receba seu padê⁶, e esteja comigo nesta jornada”. Nessa escrita, poética e fecunda, vamos *esuzilar*, sim, conjugar *Esù*, pois como um verbo, Ele é ação.

Além dele, neste momento posso ouvir muitas vozes, coros, tambores e atabaques de bantos e yorubás que foram atingidos pela *Maafa*⁷, saúdo cada um deles. Saúdo também as africanas e africanos que não conseguiram fazer a travessia, que num ato de muita coragem, atiraram seus corpos e corpos⁸ na

grandeCalunga⁹. Todos se apresentam nesta escrita, por isso escrevo na primeira pessoa do plural, pois escrevo com muitas mãos, inspirada por muitos orís fortes. Aconchego-me nos escritos de Evaristo (2017) e encorajo-me a ouvir essas vozes, sem-corpos físicos que me auxiliam na escrita. Esta pesquisa, além de mãos e orís, é feita com inúmeros pares de pés, pedestres que criam e escrevem sua história com os pés, como defende Nogueira (2012), criando passos, danças, dribles, trilhando caminhos. Nesse momento, quem segura minha mão é a minha vó materna Alfredolina, convidando a retornar, retroceder para avançar, voltar para poder seguir. Nesse movimento de maré, vou suleando¹⁰. Assim começo, pedindo também Agô¹¹ aos mais velhos que estão no Orum¹², mas estão comigo nesta jornada. Fazendo-me entender que essa escrita começou muito antes de mim e que ao escrever, conecto-me com outras mulheres pretas, criando pontes (Gomes 2004), Evaristo (2016) surge teimosamente com sua *escrevivência*, fazendo-me pensar que nossa escrita é plural. Escrita regada muitas vezes por lágrimas, dolorida, difícil, todavia necessária. Entre a dificuldade de começar as primeiras frases, minha vó sussurra: “Tua escrita está apenas começando. Calma, retorna, é época de voltar para avançar”; E eu volto, não estou mais só, aliás nunca estive.

² Èsú: A palavra Èsù é o orixá do movimento. Disponível em:

<https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/esu-exu-quem-ele. Acesso em 11/07/2022>.

³ Laroyê: saudação a Èsú. Disponível em:

<https://www.significados.com.br/exu/#:~:text=Laroye%2C%20Exu!,africano. Acesso em 11/07/2022>

⁴ Bará: É o orixá mensageiro. Disponível em:

<https://treinamento24.com/library/lecture/read/796606-o-que-e-um-bara. Acesso em 11/07/2022>.

⁵ Esusilar: esù transformado em verbo.

⁶ Padê: Comida oferecida a Èsú. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/qdownload/pade-pdf-free.html. Acesso em 11/07/2022>

⁷ Maafa: Holocausto negro, termo em kiswahili maafa para denominar esse longo processo de violência vivida pelos africanos que parte desde a colonização árabe e europeia até os dias atuais. Disponível em:

https://www.congresso2019.fomerco.com.br/resources/anais/9/fomerco2019/1571416801_ARQUIVO_b7d738f343752db2147167d75509099d.pdf. Acesso em 11/07/2022.

Como Aqualtune¹³, tento me lançar ao mar, tentando desesperadamente retornar à África, todavia, o oceano impede. Começo este projeto, traçando mentalmente rotas de fuga, buscando novos solos epistêmicos, aquilombando saberes dos que vieram antes de mim. Tendo a fuga como resistência ao colonialismo e nesse momento chega Beatriz Nascimento (1985)

Guiada por minha avó, mergulho em *Sankofa*¹⁴ e relembro a sua biografia que também é minha: Alfredolina Andrade da Silva, mulher negra nascida no município de Lajeado, em 1922. Ela me conta que nunca frequentou a escola, aprendeu apenas a escrever seu nome. Por ter a pele clara e por sua formosura, aos 13 anos foi apresentada ao seu futuro esposo. Meus bisavôs seguindo as ideias de branqueamento, conforme ilustra o quadro “A redenção de Cam” BROCOS (1895)¹⁵, arranjaram um namoro com um pretendente branco e proprietário de algumas terras. Minha avó relata que quando seu namorado ia visitá-la, apresentava-se muito bem trajado, vestindo bombachas, chapéu e botas; todavia, o que mais chamava atenção dela era o fato de que ele sempre tinha em sua cintura uma adaga afiada. Na mesma direção de análise, outro fato começou a preocupá-la: toda vez que ela discordava da opinião de seu namorado, ele segurava a adaga e a questionava. Um dia, ela chegou à seguinte conclusão: “Se agora que somos namorados, quando discordo de seus pensamentos, ele me ameaça com uma faca, se casarmos, ele me matará!”.

Então, num ato de coragem solitário, ela rompe o namoro e na época foi um escândalo. Logo, ficou “mal falada” na região. A comunidade ficou escandalizada com a ousadia daquela negra pobre que rejeitou um homem branco. Lembro de ouvi-la contando esta história, com um olhar determinado e sábio que só adquire quem vive muito. Logo depois, ela sorria e dizia que eu era a neta mais parecida com ela. Hoje, entendo que nossas semelhanças ultrapassavam os traços físicos e entendo porque fui a neta escolhida para ouvir suas histórias.

Minha avó ficou seis anos sozinha; creio que devido ao término com o namorado, sofreu esta retaliação. Mas, aos dezenove anos, conhece meu avô, Manuel da Silva, homem negro e órfão e decide que é com ele que irá morar. Sim, mais uma vez, minha avó mostrou sua força, repudiando o casamento formal e protagonizando sua história. Com esta mulher negra aprendi que não basta resistir, precisamos subverter. Vale dizer que me refiro à ela no tempo presente, mesmo com minha avó tendo partido para o plano ancestral há alguns anos, pois na cultura africana, nossos ancestres não morrem, apenas ingressam para outro lugar. Todavia, permanecem nos protegendo e guiando. Ainda sinto sua proteção e nos momentos difíceis recorro à lembrança dela.

⁸ Corpas:

⁹ Calunga grande: Mar. Disponível em: <https://www.terreirodavobenedita.com.br/l/caboclo-flecheiro2/>. Acesso em 11/07/2022.

¹⁰ Suleando: segundo Paulo Freire (1992), o termo 'sulear' aparece pela primeira vez, como neologismo contra a dominação dos processos humanos impostos pela colonização excludente do norte europeu. O termo Norte sempre leva a pensar como única fonte, e seu direcionamento positivista fomenta essa ideia. Disponível em: <file:///C:/Users/Perla/Downloads/1236-Texto%20do%20artigo-4483-1-10-20181221.pdf>. Acesso em: 11/07/2022.

¹¹ Agô: o iorubá, pedido de licença para movimentos de entrada, saída, passagem etc.

¹² Orum: Céu ou mundo espiritual. Disponível em: <https://www.vivendobauru.com.br/o-que-significa-a-palavra-orum/>. Acesso em 11/07/2022.

¹³ Aqualtune: Avó de Zumbi dos palmares. Disponível em: <https://pvmulher.com.br/conheca-aqualtune-avo-de-zumbi-dos-palmares/>. Acesso em: 11/07/2022.

Alfredolina e meu avô tiveram dezessete filhos, a oitava foi minha mãe, que aos quinze anos, devido ao êxodo rural, migra para Porto Alegre, trabalhando como doméstica. Depois de alguns anos, ela consegue comprar um terreno na zona periférica do município de Alvorada¹⁶. Conhece meu pai e, após oito meses de namoro, casam-se. Eles tiveram duas filhas: minha irmã, Laura Tatiana e eu. Recordo que tínhamos uma vida muito humilde.

Minha avó dá passagem, e agora, quatro divindades rodeiam-me, são elas as *Yabás*¹⁷ que chegam para fazer-me compreender a minha/nossa história. Oxum, áurea e formosa, acalenta-me nos braços, embala-me e recorda que ela habita as águas doces e protege as crianças. Lembra-me que suas águas se tornam líquido amniótico para proteger e cuidar dos bebês ainda no ventre. Acaricia minha face e faz-me recordar que estive comigo desde a minha fase embrionária. Viu meus primeiros passos, como também viu que muito cedo, eu já dançava. Lembro de aprender a dançar com meu pai e com minha avó paterna, Maria Leopoldina dos Santos. Ela vivia dançando pela casa humilde, ligava um velho rádio e bailava pelos pequenos cômodos segurando um pano de prato com as duas mãos junto ao peito como se dançasse com alguém. Mal sabia eu que a dança iria guiar minha vida...

Nessa fase da infância, na minha fase Oxum, vivia com meus iguais, minha família preta. Em casa estava protegida, cabelos crespos, volumosos, soltos e livres. Esteve comigo, minha *yalodê*¹⁸ quando ingressei na escola. Esteve comigo, acalutando-me quando zombavam do meu cabelo, nariz, boca e cor da pele!

¹⁴ Sankofa: Há na tradição africana um conceito que capta o essencial da prática de **Abdias do Nascimento**: o sankofa, parte de um conjunto de ideogramas chamados adinkra, representado por um pássaro que volta a cabeça à cauda. O símbolo é traduzido por: “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”. Disponível em: <https://www.itaucultural0.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/>. Acesso em 10/07/2022.

¹⁵ O quadro, que “remete à imagística cristã da natividade”, mostra uma senhora negra, descalça sobre um chão de terra, que ergue as mãos e os olhos aos céus ao lado de uma mulher, provavelmente sua filha, de tom de pele mais claro, que segura seu bebê, branco, no colo. E um homem branco à sua direita. As três personagens representariam as três gerações necessárias para que o Brasil se tornasse um país branco. O homem branco à direita, ao que tudo indica, o marido da mulher ao centro e pai da criança, olha para o menino com admiração. Ele é o elo que permite o branqueamento completo dos descendentes da senhora, possivelmente escrava e, assim, a sua salvação. Disponível em: <https://www.edusp.com.br/mais/a-tela-a-redencao-de-cam-e-a-tese-do-branqueamento-no-brasil/>. Acesso em 10/07/2022.

Na escola aprendi logo que era diferente! Questionamentos surgiram: “Onde está a minha história?” Nos livros não encontrei! Desespero! Aos poucos fui me calando, já não questionava mais nada, comecei a odiar-me! Ninguém quer ser descendente de escravos, só isso restava? Precisamos da “benevolência” da Isabel para nos libertar? Meus ancestrais aceitaram pacíficos a escravidão? O que resta para mim? Indagações rondavam minha mente.

Os anos passam e com a adolescência, chega a revolta, a fúria. Quando essas lembranças invadem minha memória, se apresenta a segunda yabá: a dona dos ventos, vestimentas carmim, rasgando os céus com seus trovões: lansã. Na minha juventude, vivi na periferia, e meus parentes também. Perdi muitos familiares e amigos. Eram eles homens negros que morreram por diversos motivos, dentre eles: por engano, bala “perdida”, brigas, envolvimento com o tráfico ou confronto com a polícia. No Brasil, a cada 23 minutos, um jovem negro morre¹⁹ e infelizmente vi muitos amigos e parentes aumentarem esta estatística. Todavia, o que as estatísticas não mostram é a dor que fica na família de quem perde um familiar precocemente. Ah, lansã, esteve comigo nesta fase, encaminhando as almas dos meus familiares, pois recebeu o dom de levar os desencarnados do Aiyé para o Orum, conforme Santos (1993) escreveu. Lembro de cada um deles, lembranças que se amontoaram nas minhas memórias, como Evaristo (2021) conta no seu livro *Becos da Memória*.

Naquela época, no meu bairro, percebia a liderança das mulheres negras idosas, que chefiavam suas famílias, associações de moradores ou instituições religiosas, sendo elas negras-mães/pai, negras-avós e bisavós e mães-órfãos, que perdem seus filhos precocemente e negras-provedoras/trabalhadoras (LICHTENFELS, 2007). Eu, particularmente, percebia a liderança das benzedeiros e das Yalorixás, pois nesta época comecei a frequentar os terreiros. São elas as psicólogas e conselheiras das comunidades. Recordo de dona Tereza, benzedeira que com sua tesoura segurava uma brasa e fazendo uma cruz em cima de um copo de água, protegia toda a meninada do bairro, afastava mal olhado e quebrante.

¹⁹ A cada 23 minutos, um jovem negro é morto no Brasil. A cada dia, são 66 vidas perdidas, totalizando 4.290 óbitos por ano. Segundo o Mapa da Violência, um rapaz negro tem até 12 vezes mais chance de ser assassinado em relação a um branco. Em comum nesses homicídios, está a presença do racismo, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU). Fonte: Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/573450-a-cada-23-minutos-um-jovem-negro-emorto-no-brasil-onu-lanca-campanha-vidas-negras-para-alertar-sobre-violencia>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

Na minha fase Yansã, cursei o Ensino Médio com Habilitação em Magistério, de 1998 a 2002. Neste período, tive aulas de Literatura com o professor Hugo de Souza. Em suas aulas, ele solicitava muitas produções textuais e nelas, eu escrevia sobre negritude. Ele gostou do estilo de minha escrita, ao ponto de estimular-me a levar meus textos para o escritor Oliveira Silveira²⁰ apreciar. Levei minhas produções e ingressei no grupo *Semba*²¹, de arte negra do escritor citado. Neste momento, comecei a conhecer minhas origens. Lembro-me daquele senhor negro, de cabelos grisalhos ensinando-me sobre histórias enegrecidas, trazendo heróis e heroínas cor de mogno. Esta experiência fez nascer em mim o desejo de lecionar. Iniciei minhas pesquisas sobre negritude, garimpando documentos, livros e artigos que contassem a história negra.

Quando concluí o Ensino Médio, percebi o que difere os estudantes de classe média e alta dos indivíduos de classe baixa. Enquanto minhas colegas faziam planos, escolhendo que faculdade e curso iriam ingressar, eu buscava um emprego. Precisava ajudar minha família. Passei meses procurando trabalho, mas como não tinha experiência, logo não era contratada. Seguia estudando em casa, pesquisando e lendo sobre minha cultura.

A leitura desses livros começou a me trazer problemas familiares. Minha família após anos frequentando o terreiro, converte-se a uma religião evangélica (Neopentecostal) e essa instituição religiosa tinha um discurso forte contra a Cultura negra, demonizando-a. Proíbiam-me também de dançar e nessa época entendia que esta linguagem artística tomava uma grande importância na minha vida. Ah, Yansã que nos itans vira borboleta para se livrar das prisões, sabe que naquele período cortaram minhas asas.

²⁰ Escritor Oliveira Silveira: Nascido em Touro Passo, distrito de Rosário do Sul-RS, em 16 de agosto de 1941. Foi um dos intelectuais afrodescendentes de maior destaque no estado onde nasceu e também a nível nacional, participando ativamente de debates, encontros e mobilizações do movimento negro. No período de 1971 a 1978, participou do Grupo Palmares, sendo também o mentor do estabelecimento do dia 20 de novembro – data da morte de Zumbi dos Palmares em 1695 – como o “Dia Nacional da Consciência Negra”. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/353-oliveira-silveira>. Acesso em 11/07/2022.

²¹ A palavra semba significa umbigada em quimbundo. Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/lado-a-lado/Fique-por-dentro/naquele-tempo/noticia/2013/01/naquele-tempo-como-nasceu-o-samba-que-isabel-danca-no-palco>. Acesso em 11/07/2022.

Eu desejava seguir estudando esses temas, praticando danças negras e frequentando o terreiro, todavia tornava-se cada vez mais difícil. Só havia uma

solução: ir embora. Comecei a estudar para um concurso público. Estudava oito horas por dia. No ano de 2009, passei e fui chamada para dar aula no município de Alvorada. E nos ventos de Yansã, fui levada, voei. Pude seguir com meus estudos, dança e religião. No terreiro, costuma-se dizer que ninguém pode segurar o vento e como filha de Iansã, também não posso ficar presa. Nesta fase, tornei-me livre. Nos primeiros meses, vivi numa invasão, passava as noites acordada, temendo que invadissem o casebre que morava. Depois consegui uma moradia digna e aí comeceia sonhar com a Universidade.

Iansã com suas mãos nos quadris, meneia-os e dando o lado, deixa Iemanjá, a terceira Yabá chegar. Ela beija meu orí²² e neste gesto, desperta memórias de outra fase de minha vida. Quando me tornei mais madura e segura, voltando a estudar, desta vez para o vestibular e para o concurso de Porto Alegre passei em ambos. Em 2011, começo a estudar na Universidade Federal, no curso de Licenciatura em Dança e lecionar no município de Porto Alegre. Neste período, tinha 28 anos, morava em Alvorada, trabalhava numa escola da Restinga e estudava na UFRGS - em diversos campus. A jornada era desafiadora: acordava as 5 horas da manhã, trabalhava o dia todo e, à noite, ia à faculdade. Chegava meia noite em casa.

A dança volta a me encontrar, começo a perseguir as de origens negras, as minhas danças. Encontro-me nas danças de movimentos frenéticos de quadris que dialogam com o som do tambor. Consegui concluir a Graduação, e lembro do discurso de Angela Davis “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”²³. Não era apenas eu que estava me formando, e sim uma legião comigo! Como na música de Maria Bethânia, “Não mexe comigo, que eu não ando só”, cada negro representa milhares de outros, desde aqueles que foram capturados na África, que se rebelaram e deram suas vidas para que fôssemos livres hoje. Lembrei dos meus amigos e primos que morreram precocemente, e da minha avó. Uma lágrima teimosa, ousou escorrer neste momento homenageando todos os meus ancestrais, mas um sorriso logo surgiu, acompanhado da alegria: Eu não engrossei as estatísticas, como diz Evaristo (2015): “Eles combinaram de nos matar, nós combinamos de não morrer!”

Eis que surge a última yaba: *Nanã Buruquê*²⁴, com seu ibiri²⁵, numa passada lenta e um sorriso largo. Com ela vem à lembrança de que aprendi com os mais velhos, que ao contrário da cultura ocidental que valoriza a juventude, tenho que buscar envelhecer com sabedoria. Essa compreensão conduz-me a trilhar um caminho de aprendizado constante. Estou na fase Iemanjá, preparando-me para um dia chegar na Fase Nanã. Busco no Legado de minha avó, de Acotirene²⁶, das mulheres Nanãs²⁷ dos terreiros, líderes comunitárias, benzedeiras e ativistas do movimento negro, fortalecer-me com seus saberes. Percebo, então que tanto a minha pesquisa quando minha trajetória de vida foi atravessada pelos ensinamentos destas mulheres negras idosas.

Nanã segura meu braço e me conduz até as terras lamacentas do passado. Neste caminho, vejo na figura de Nanã, a história das idosas negras. Começo a refletir que no momento, encontro-me no Mestrado em Educação, no grupo de pesquisa em educação e envelhecimento. Percebendo que a figura da mulher negra idosa sempre esteve presente em minha vida, compreendendo a necessidade de investigar a importância de seus saberes e sigo esta pesquisa.

Voltando ao tema, apresentamos agora, parte do horizonte teórico que sustentará a realização do estudo. Serão as seguintes teorias e conceitos: Conceito Filosófico de Dororidade, de Vilma Piedade; Interseccionalidade, de Kimberlé Williams Crenshaw; Decolonialidade e Teoria sobre Memória e sociedade, de Ecleia Bosi. Lembrando que esta última teoria será relacionada com memórias negras, pois é dessa memória que vem de África às Américas, conforme Martins (2003) explica que vamos focar. Unindo teoria e Práxis, que segundo Freire (1987) “é uma teoria do fazer e, nesse momento, precisamos exatamente isto: ousar fazer um caminho, na forma de diretriz, sem querer, de forma alguma, que este seja o caminho absoluto”. Moretto (2005).

²² Ori: cabeça. Disponível em: <https://ocandomble.com/2014/06/18/entendendo-o-ori/>. Acesso em 11/07/2022.

²³ Discurso de Ângela Davis durante a conferência de abertura da Escola de Pensamento Feminista Negro, em 17 de julho de 2017, na cidade de Cachoeira-BA.

²⁴ Nanã Buruquê: Orixá mais velha do panteão africano. Disponível em: <https://www.girasdeumbanda.com.br/materia/209/nana-buruque-nkisi-nzumbaranda.html>. Acesso em 11/07/2022.

²⁵ Ibirí: Cetra de Nanã Buruquê- disponível em: <https://www.femininosagrado.com.br/sobre-nana-e-o-ibiri/>. Acesso em 11/07/2022.

De acordo com Nunes (2010), “Existe um passado e um presente de populações negras que vêm se educando secularmente através de uma resistência que não é passiva, que apenas reage às diversidades, mas que é, igualmente, provocadora de reações”. Diante da afirmação da autora, este estudo pretende aprofundar as formas de resistência, imbricações e impactos no campo da educação. Todavia, referimo-nos à Educação não-formal, que ocorre nos becos, nas cozinhas, nos terreiros, nas rodas de samba, nas festas, nas comunidades. Aprendizagens que não estão presentes nas instituições formais de ensino e que tem como docentes a mulher da cor da noite e cabelos embranquecidos pelo tempo.

Neste sentido, a pesquisa pretende caminhar em busca de compreender esses saberes, analisando a legitimidade, ou não, dos conhecimentos e investigando quais vozes são ouvidas e quais são silenciadas, segundo as reflexões de Silva (1996). Neste momento, Nanã sorri, trazendo das profundezas da sua morada, as terras pantanosas, o barro que necessito para molda a pesquisa e esta segue com as seguintes reflexões:

Compreendendo os saberes, a atuação dessas idosas nas suas comunidades e educação que entenderemos como ocorre o envelhecimento deste grupo: para compreender esse processo, devemos entrecruzar a heterogeneidade e a diversidade, segundo Goldstein e Catunda (2000). Necessitamos visitar o passado escravocrata brasileiro e perceber que esses atravessamentos históricos influenciaram a velhice da população negra feminina. Devido ao processo de escravização, a mulher negra vai ter uma velhice que passa por privações. Além disso, elas são atravessadas pelo racismo durante a sua biografia, compreendendo que o passado escravista reverbera na velhice vulnerável das mulheres negras. A essa pesquisa interessa saber como conseguem superar isso e serem referências em suas comunidades. O presente projeto de pesquisa objetiva analisar a contribuição das memórias destas negras idosas e o impacto destas reminiscências nas suas comunidades, entendendo a memória como algo individual/coletivo. Uma das hipóteses implícitas nesta investigação é que a partilha dos saberes dessas mulheres promove processos educativos nas comunidades onde atuam.

²⁶ Acotirene: Foi a matriarca do Quilombo dos Palmares, Disponível em: <http://anamontenegro.org/cfcam/2018/03/23/mulheres-de-luta-acotirene/>. Acesso em 11/07/2022.

²⁷ O termo mulheres Nanãs será utilizado neste projeto para representar a sabedoria das mulheres idosas.

Gostaríamos de abordar alguns pontos relacionados à velhice da mulher negra e suas dores (Piedade, 2017): solidão, luto, luto interrompido, dentre outros. Ao refletir sobre população idosa e suas trajetórias de vida, partindo de uma perspectiva racial, objetivamente a população velha e negra, é necessário discutir a trajetória de vida impactam suas comunidades, nos sujeitos, nos movimentos sociais das comunidades/instituições e, para além dos limites territoriais e isso impacta no campo da educação das pessoas que convivem com elas. Ao trazer esta temática, procuro aproximar os saberes não-formais dos saberes universitários, convidando a comunidade acadêmica a se aproximar do conhecimento que se dá através da oralidade, criando formas de resistência e luta antirracista promovidas por estas mulheres.

Repudiar o mito de Democracia Racial é desinvizibilizar a velhice negra. Ao desmistificar este mito, compreendemos a formação brasileira. Romper com discursos ideológicos nos livra das anestésias mentais, conforme Freire (2005). Consciente de ser inacabada, compreendendo que esta intenção de pesquisa poderá ir além desses referenciais teóricos e que está aberta a novos mundos em busca de uma sociedade humanizadora e que valoriza saberes de diversas esferas sociais.

Naná pergunta como estou me sentindo agora. Respiro e reflito, após a gênese deste projeto, percebo Esú dentro de mim, no sangue que se movimenta em minhas veias, nas sístoles e diástoles cardíacas, nas trocas celulares e sinapses. Entrego a ele o seu Padê: essa escrita. Olho em volta e vejo uma legião de ancestrais e sinto suas memórias em mim. Peço sua benção, minha avó, e posso escutar a senhora respondendo: “Deus e os Orixás te abençoem, minha filha”. Oxum oferece o seu abebê²⁸ e entendo o porquê em dois lados há espelho, pois quando me enxergo nele, reflito todas as mulheres. Ao contrário de Narciso, Oxum ensina-me que ao se olhar no espelho não fica apaixonada por sua imagem, e, sim, nesta atitude, que ela pode ver as outras, aprendo que me olho e vejo todas. Oxum convida-me com isso a descolonizar minha escrita e pensamento. Yansã que é tempestade, mostra que pode tornar-se brisa e acalenta-me. Iemanjá fortalece meu orí, e Nanã traz o barro da criação, moldando-me e enegrecendo-me. Uma voz rouca e potente rompe o silêncio, eis que a mulher do fim do mundo surge: Elza Soares, ousada e irreverente, provoca-me dizendo “mostra os novos velhos”, e

lembro-me de Goldenberg (2016). Surge então, Mercedes Baptista, agradecendo-me por lutar pelo dia da Dança Afro-brasileira²⁹ e convoca-me a levar para os palcos esta pesquisa em forma de espetáculo, revelando as vidas dessas heroínas invisíveis. Depois disso, percebo que a Pequena pesquisa foi fecundada, já vive e cresce, cresce e cresce. Quem olha nem percebe, mas ela cresce dentro de mim. Encorajo-me a escrever e cuidá-la, eu e toda a ancestralidade. Acrescento que nas próximas páginas será apresentada a jornada de concepção, formação, gestação, parto e primeiras ações desta Pesquisa- Erê³⁰. Como uma dança de casal, haverá momentos que será apresentado a experiência quase mágica dessa pesquisa com os elementos que compõe o sagrado negro, como também em outros, conceitos e teorias conduziram o estudo numa coreografia horizontal, na qual um conhecimento não sobrepõe o outro. Neste estudo, para uma melhor compreensão destacaram-se três itens: o primeiro, em que foi criado um glossário com os vocábulos em iorubá utilizados no estudo que se encontra nos anexos; o segundo, as imagens aqui contidas foram todas descritas para auxiliar a compreensão dos indivíduos com baixa visão ou deficientes visuais; e terceiro, encontra-se o roteiro do espetáculo que será criado a partir das vivências das Mulheres Nanãs desta pesquisa.

²⁸ Espelho de Oxum

²⁹ Lei 12.799- lei municipal que reconhece o dia da dança Afro-brasileira. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/>. Acesso em 11/07/2022

³⁰ Erê: Criança em Iorubá.

OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender como os saberes constituídos a partir das vivências de mulheres negras idosas impactam nas comunidades em que possuem uma função social, a partir da perspectiva de gênero e raça.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1) Conhecer as memórias das diferentes fases da vida - infância (Oxum), adolescência (Iansã), adulta (Iemanjá) e velhice (Nanã);
- 2) Identificar as experiências que constituem os saberes das Mulheres Nanãs;
- 3) Entender a dinâmica de atuação social junto à comunidade;
- 4) Analisar como essas mulheres comunicam e vivem esses saberes com suas comunidades.

2 REFERENCIAL NUTRITIVO – GESTANDO A PESQUISA

A pesquisa está sendo gestada, já foi fecundada, está crescendo e sendo muitodesejada, idealizada. Olho para as pilhas de livros e materiais para ler, chego a questionar se algum dia meu pequeno feto há pouco fecundado nascerá. Qual será sua fisionomia? Apresentará algum defeito, será perfeita? Quantas dúvidas rondam. Não tem como responder nada agora, o momento é de incertezas, só me resta nutrir a pesquisa e torcer para que meus esforços, tragam-na com a melhor forma possível. Para nutrir este pequenino estudo, alimentá-lo-ei com conceitos e teorias, que a seguir serão apresentadas. As teorias nutritivas são: Dororidade, Interseccionalidade, Decolonialidades, Conceito de Território Usado e a teoria sobre Memória e Sociedade,esses dois últimos optamos por colocar nos dois próximos capítulos e, logo em seguida, terá um capítulo sobre os elementos sagrados dessa pesquisa

Quando pensamos em mulher negra, precisamos pensar nas suas singularidades e opressões. Quadros (2019) afirma que duas categorias perpassam a construção da identidade da mulher negra: gênero e raça; e essas são atravessadas pelo sexismo e machismo. Existem dores e silenciamentos que só a mulher negra sentirá. Dores herdadas pela escravidão. Esses atravessamentos históricos geram uma dor que é sentida apenas pela mulher negra. , termo filosófico cunhado por Vilma Piedade, entende-se que “Dororidade contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo racismo. E essa dor é preta”. PIEDADE,(2017).

Refletindo sobre o conceito de Dororidade, sua criadora, Vilma Piedade ao cunhar esse conceito filosófico não tinha como objetivo deslegitimar o conceito *Sororidade*, entendendo que o segundo conceito não respondia a todas necessidades das mulheres negras. Conforme Quadros (2019) argumenta “*Dororidade* surge do atravessamento dessas dores, em um momento que a *Sororidade* já não dialogava inteiramente com essas mulheres negras cujas pautas eram deixadas “para amanhã” (QUADROS, 2019). Não se trata de anular a sororidade ou tirar-lhe o seu valor e sim,entender que este conceito precisa da *Dororidade*. Segundo Piedade (2017), um conceito precisa do outro.

Quadros (2019) acrescenta que como Simone de Beauvoir, ao escrever o livro *Segundo Sexo* (1949), conclui que não se nasce mulher, torna-se mulher,

também não se nasce negro, torna-se negro, conforme defende Neusa Souza (1983). Ser negro é muito mais que apenas a pigmentação na pele, ultrapassa fatores biológicos. Quadros (2019) acrescenta que o processo de enegrecer é um processo de reconhecimento.

Outro conceito que dialoga com *Dororidade* é a *Interseccionalidade*, todavia, antes de apresentar o conceito, apresentaremos uma breve reflexão. Esta pesquisa, em seu DNA, traz memórias, saberes, dores e lutas de mulheres. Mas não qualquer mulher, de forma genérica, tratam-se de mulheres negras e idosas. Para ter uma compreensão mais profunda deste tema, ao analisarmos a mulher negra idosa, iremos relacionar com as discussões que envolvem os temas Raça e Classe. Unindo-os de forma interseccional. Trata-se de Interseccionalidade e quando falamos essa palavra,



Figura 1-interseção

muitas pessoas lembram que já ouviram este vocábulo na época da escola (Ensino Fundamental, em Matemática). Optamos por trazer esta figura para criar uma memória para a pessoa que ler este estudo e, como foi falado no prólogo, desejamos que este escrito seja compreensível a letrados e não letrados. A partir dessa figura, apresentamos um dos conceitos que irão sulevar a pesquisa: *Interseccionalidade*. Na definição matemática, trata-se dos elementos ou os valores que aparecem, ao mesmo tempo, no conjunto A e no conjunto B. Interseccionalidade no campo analítico é um recurso metodológico para pensar questões que envolvem as categorias Gênero, Raça e Classe, enxergando a sobreposição das identidades sociais que são atravessadas pela opressão, dominação e discriminação:

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça, classe e modernos aparatos coloniais. (Akotirene, 2019, p.14)

A partir desse conceito, busca-se compreender a categoria mulher, levando em consideração as suas identidades singulares. Pensar no gênero feminino unido a raça

e classe, formando assim a tríade que baseia os estudos Interseccionais. O conceito foi criado pela norte-americana Kimberlé Crenshaw, no ano de 1989.

Segundo Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente, o movimento negro falha pelo caráter machista, oferece ferramentas metodológicas reservadas às experiências apenas do homem negro. (Akotirene, 2019, p.14)

O presente estudo apresenta como objetivo geral a busca por compreender os como os saberes constituídos das mulheres negras idosas impactam nas comunidades em que possuem uma função social, a partir da perspectiva de Gênero e Raça, e a partir dele, precisamos analisá-los unidos à classe. Sendo assim, a análise torna-se mais consistente. Pois ao analisar essas categorias de forma isolada, corre-se o risco de perder informações importantes na análise. Isolando a categoria “mulher” não será possível abraçar todas as questões identitárias das diferentes mulheres. Aqui nesta pesquisa, amparados pelo conceito *Interseccionalidade*, investigamos a mulher negra idosa e sua classe social.

Pensar nessa tríade – Gênero, Raça, Classe – é algo historicamente recente. Visitando a história do feminismo de forma breve, analisando as grandes ondas feministas: temos a primeira onda ou geração feminista, entre o final do século XIX e início do século XX, as Sufragistas – relacionada ao sufrágio – ao direito de votar. A segunda grande onda trouxe as questões relacionadas a autonomia do trabalho, com também questões relacionadas a moralidade e a corpo feminino. Uma forte representante deste período foi Simone de Beauvoir. Na terceira grande onda, que ocorreu entre as décadas de 1970 e 1980, foi associada ao feminismo negro. Em tal período as mulheres negras do Movimento Negro buscaram trazer para o debate

a importância de olhar para as suas singularidades. Este processo ocorreu da seguinte forma: as mulheres negras do passado modificaram o Movimento Negro quando perceberam que suas pautas de gêneros eram deixadas para segundo plano. Outrossim, buscaram no movimento feminista um lugar onde suas questões fossem priorizadas, entendendo que sua história foi atravessada pela escravidão, na qual foram objetificadas e hipersexualizadas. Todavia, as mulheres negras sentiram que foram subalternizadas e marginalizadas, tanto nos movimentos sociais Negro, como no Feminista. Uma vez, que suas questões específicas, como *Dororidade*, eram secundarizadas, conforme Reis (2011). Todavia, seguem essa luta, pensando num feminismo que trate especificamente dos seus atravessamentos. Segundo Quadros (2019), as pautas feministas das mulheres brancas, deixava de lado a pauta das mulheres negras, assim como o Movimento Negro, surgindo assim, o nascimento do Movimento Feminino Negro. Lembrando que a fragilidade feminina, historicamente não foi atribuída à mulher negra, como também sempre tiveram de trabalhar. Conforme Carneiro:

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhozinhos e de senhores de engenho tarados. (CARNEIRO, 2013, p.02)

Após esse breve resumo da história do feminismo, percebemos a importância de pensarmos nas questões da mulher negra. Retornando ao conceito *Interseccionalidade*, nota-se que quando falamos de mulher, não podemos esquecer as questões que envolvem raça e classe.

Dando continuidade a esta escrita coletiva, realizada por viventes e ancestrais, do Orum e do Aiyê, convidamos a pensar o envelhecimento. Sigo moldando essa pesquisa com o barro de Nanã e sendo aconselhada pelos ancestrais. Agora, dentre a multidão de ancestrais, podemos enxergar, com seis tranças na cabeça e olhar tímido, Bell Hooks, fazendo-nos lembrar das nossas corpos. Convidando a pensar como esses corpos envelhecem.

O processo de envelhecimento é heterogêneo e não deve ser visto apenas

como um processo biológico, mas também como um processo social e cultural. Assim, o envelhecimento de mulheres negras no Brasil, ocorre individual e coletivamente, envolvendo memórias, subjetividades, identidades e relações sociais. A diáspora e a escravidão influenciaram nas condições sociais das mulheres negras, produzindo desvantagens cumulativas sociais referentes a autoimagem das mesmas. Apesar disso, elas procuram produzir suas histórias, buscando manter sua identidade e encontrar formas de envelhecimento que condizem com suas referências culturais.

Ao abordarmos a velhice em mulheres negras, necessitamos analisar os atravessamentos que compõem esta velhice: memórias ancestrais e memórias pessoais; entendendo que opressões relacionadas a raça e gênero moldarão suas narrativas e reminiscências. Entre falas e silêncios, entendo a memória com algo seletivo, individual e também coletivo. Essas mulheres escrevem suas histórias, atravessadas pela diáspora africana e o passado escravocrata.

Ao analisarmos a senescência, percebemos muitas velhices. Analisando a velhice sobre o prisma social e não biológico, percebemos singularidades relacionadas a fatores sociais. Conforme Beauvoir afirma “A velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fator biológico, mas também um fato cultural” BEAUVOIR, (2018). Sendo assim, a velhice é uma construção social, impregnada de fatores culturais e resultado de processos históricos. A velhice da mulher negra brasileira, por conta da diáspora e dos processos escravistas do passado, será atravessada por questões sociais resultante destes fatores. Conforme Carneiro justifica:

“As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras” (CARNEIRO, 2013, p.1).

Estas opressões serão percebidas ao longo da vida dessas mulheres, e na velhice não será diferente. Memória tem relação com tempo passado, todavia, não se pode lembrar de todos os fatos ocorridos, havendo uma seleção do que recordar. Há uma relação entre o binômio “lembrança e esquecimento”. Nesse processo há um lugar para as memórias coletivas, comum a todos os indivíduos de um determinado grupo. Conforme Amorim explica:

A memória opera por uma ligação com o passado, enriquece o presente, selecionando pela lembrança e pelo esquecimento do que se deve lembrar, sendo pleiteada também por fornecer um lugar de pertencimento, uma memória comum.(AMORIM, 2012,p.109).

Questionamos quais seriam estas memórias? As memórias individuais que mulheres negras buscam esquecer, como na obra de Rosane Paulino (Bastidores,1997)³¹, memórias das violências sofridas em casa, pois segundo IPEA 2013, a mulher negra é a que mais sofre violência doméstica (Houve um aumento de 24% de agressões em mulheres negras, enquanto que as agressões sofridas por mulheres brancas, em suas residências é de 18%).

Como também, memórias coletivas históricas, conforme Carneiro traz (2013), reminiscências do período colonial permanecem até hoje no imaginário social, adquirindo novas formas, mantendo resquícios da escravidão baseados no gênero, classe e na raça.

Mergulhamos novamente em Sankofa, voltando ao passado: para compreendermos porquê o contingente senil negro feminino passa privações e violências para isso precisamos visitar o passado. Torna-se necessário concatenar três importantes conceitos para compreensão das estruturas de poder que sistematizam o Brasil dentro do contexto histórico/global. São eles, segundo Quijano (2005): a Globalização, a criação do Capitalismo moderno e colonial e o Eurocentrismo como única forma de racionalidade, justificando assim o colonialismo e pautando relações com os não-europeus a partir da Colonialidade.

Segundo o mesmo autor, a raça surge como conceito de dominação para o trabalho, cultura, produção dos recursos dos outros povos. Antes disso, ser português ou espanhol tratava-se apenas de uma categorização geográfica. Todavia, a partir da invasão, surge na América novas identidades sociais: negro, branco, mestiço e o índio. Os colonizadores passaram a utilizar as características fenotípicas como cor para classificar os indivíduos na categoria racial. Provavelmente, esta classificação iniciou-se nas regiões britânico-americana. O trabalho escravo negro era a base econômica, sendo eles a raça colonizada fundamental, pois os índios foram excluídos desta parte da sociedade colonial, conforme explica Quijano:

Com o tempo, os colonizadores codificaram como cor os traços fenotípicos dos colonizados e a assumiram como a característica emblemática da categoria racial. Essa codificação foi inicialmente estabelecida, provavelmente, na área britânico-americana. Os negros eram ali não apenas os explorados mais importantes, já que a parte principal da

economia dependia de seu trabalho. Eram, sobretudo, a raça colonizada mais importante, já que os índios não formavam parte dessa sociedade colonial. Em consequência, os dominantes chamaram a si mesmos de brancos. (Quijano, 2005, p.117)

ideia de raça imposta na América concedeu a legitimação às relações de dominação do colonizador, contudo, trazendo uma naturalização destas relações de dominação e dominado. Neste momento, as formas de controle e exploração do trabalho e controle da produção de produtos se organizaram em torno do capital e do mercado mundial; assim, encontrava-se o processo escravocrata, a servidão, a pequena produção mercantil e o salário. Estabelecendo, pela primeira vez na história, um padrão global de controle do trabalho, recursos e produtos. A partir da ideia de raça, estabeleceu-se papéis e lugares na nova estrutura global de controle de trabalho. Torna-se necessário explicar a lógica de como se deu esta organização hierárquica do trabalho. O colonizador, agora denominando-se “branco”, encontrava-se em uma posição superior de poder. Conforme, Quijano:

Na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial. (Quijano, 2005, p.118)

Os europeus (brancos) acreditavam e pregavam que tinham a razão, a civilidade, pois tinham os preceitos fundamentais da razão moderna europeia. Acreditavam que ser humano era aquele ser racional; e o ser humano que possui racionalidade é aquele que foi concedida a legitimidade para dominar a natureza. Os povos que não partilham deste pensamento da civilização europeia, como sociedade civil, são sociedades primitivas, não dominando a natureza, vivendo em harmonia com a mesma, por isso podem ser dominados – como o colonizador

dominou a natureza, por isso a legitimação da dominação dos brancos. Ou seja, negros e índios por terem uma relação diferente com a natureza, na visão do europeu colonizador, eram irracionais, logo poderiam ser dominados.

A divisão baseada na raça vai reverberar em outros campos, como: cultural, epistêmico, científico, histórico e religioso. Os dominados não tinham o direito de produzir história. Esta produção se voltou para a linha de tempo que os dominadores, ao se descobrirem brancos e racionais, impõem ao resto do mundo, começando pela América.

O europeu se considerava civilizado pois acreditava que partira do estado de natureza para uma evolução até chegar ao estado da sociedade civil europeia (estado civilizado). Todos os povos que estivessem alheios a isto estariam no passado, ou seja, atrasados na escala evolutiva, mais próximo do estado primitivo. As sociedades classificadas como “primitivas”, estavam próximas da natureza e distantes da racionalidade, portanto, raças inferiores. Quando os dominadores categorizaram as pessoas por raças, elas perderam suas singularidades. No continente africano, por exemplo, não se tinha negros e sim, existiam diversos grupos sociais que se caracterizavam por outros nomes (Zulus, Iorubás, etc). Estes grupos perderam suas identidades e se tornaram negros (África) ou índios (América). Tornando-se sob o ponto de vista europeu, raças inferiores com culturas inferiores. Quijano explica:

A história é, contudo, muito distinta. Por um lado, no momento em que os ibéricos conquistaram, nomearam e colonizaram a América (cuja região norte ou América do Norte, colonizarão os britânicos um século mais tarde), encontraram um grande número de diferentes povos, cada um com sua própria história, linguagem, descobrimentos e produtos culturais, memória e identidade. São conhecidos os nomes dos mais desenvolvidos e sofisticados deles: astecas, maias, chimus, aimarás, incas, chibchas, etc. Trezentos anos mais tarde todos eles reduzem-se a uma única identidade: índios. Esta nova identidade era racial, colonial e negativa. Assim também sucedeu com os povos trazidos forçadamente da futura África como escravos: achantes, iorubás, zulus, congos, bacongos, etc. No lapso de trezentos anos, todos eles não eram outra coisa além de negros. (Quijano, 2005, p.127)

³¹ <https://asminanahistoria.wordpress.com/2015/10/29/rosana-paulino-e-a-mulher-negra-na-arte-brasileira/>.

Torna-se necessário neste momento trazer outros elementos para refletir sobre Raça e agora acrescenta-se: Gênero; trazendo para o campo da análise à ideia de corpo e não-corpo, segundo a visão eurocêntrica. Nesta mesma direção, Quijano traz a separação do corpo e do não-corpo, ou seja, o corpo está ligado à natureza. Ele está ligado ao irracional; já o não-corpo (Alma, visão religiosa ou razão, para os modernos) é o que caracteriza o ser humano como “humano”, de acordo com o pensamento europeu. Este pensamento irá diferenciar ainda mais os indivíduos na estrutura hierarquia baseada na raça. Para melhor compreensão desta afirmação, precisamos entender que na sociedade europeia a mulher era considerada mais próxima da natureza, mais voltada para o corpo e menos voltada para a razão, devido a estrutura patriarcal e burguesa instalada naquela sociedade. Mas a partir da racialização, as mulheres das raças inferiores, por estarem em processos sociais considerados atrasados em relação à Europa, eram consideradas mais inferiores que os homens de sua própria raça. Ou seja, a partir desses atravessamentos históricos, a mulher negra até hoje, é socialmente inferiorizada. Quijano sublinha:

Esse novo e radical dualismo não afetou somente as relações raciais de dominação, mas também a mais antiga, as relações sexuais de dominação. Daí em diante, o lugar das mulheres, muito em especial o das mulheres das raças inferiores, ficou estereotipado junto com o resto dos corpos, e quanto mais inferiores fossem suas raças, mais perto da natureza ou diretamente, como no caso das escravas negras, dentro da natureza. É provável, ainda que a questão fique por indagar, que a ideia de gênero se tenha elaborado depois do novo e radical dualismo como parte da perspectiva cognitiva eurocentrista. (Quijano, 2005, p.129)

Compreendendo que o passado escravista reverbera na velhice vulnerável das mulheres negras. Rompendo com o mito da democracia racial, percebe-se que o queo passado colonial deixou como herança hierarquias sociais. A *Dororidade* traz, nesse sentido, a lembrança das dores caladas, silenciadas, dores “pretas”, rememorando narrativas de dor e superação. QUADROS (2019), afirma que podemos refletir sobreos atravessamentos que oprimem mulheres negras, que geram estereótipos, como também criam outras formas de combate a opressões veladas.

A busca por manter suas identidades encontra-se com as formas de envelhecer, unindo-as à sua ascendência. Resgatar o elo com a cultura africana é ressignificar a velhice. Vale acrescentar que o valor civilizatório africano relacionado a senioridade prega respeito aos mais velhos, pois eles detêm o conhecimento, conforme um dito africano: “Quando um velho morre, morre uma biblioteca”, que

mostraa importâncias dos saberes dos idosos. Já em outro provérbio africano diz “Antiguidade é posto” , ele reforça a importância dos mais velhos nas comunidades negras.Ao contrário da sociedade ocidental, nas culturas africanas o idoso é visto como símbolo de sabedoria.

Os lorubás³², povo que influenciou fortemente a cultura brasileira, de acordo com Nogueira (2017), têm como característica o que a antropologia denomina com “matrifocal”, ou seja, a articulação familiar tem a mulher como protagonista. Algo que percebemos até os dias atuais nas famílias negras. “É a mulher mais velha da família que toma as decisões e define a dinâmica doméstica, o que pode, à primeira vista parecer estranho” (Nogueira, 2017, p.64). Com isso, percebe-se a importância da mulher negra envelhecer, ocupando o papel de protagonista de sua vida e família.

Assim, também se percebe a importância do conceito *Dororidade* para pensar no sofrimento das mulheres negras gerado pela escravidão. Conforme Quadros (2019), a dororidade une as narrativas com a memória. *Doroidade* pode ser entendida, conforme a sua criadora por:

Quando eu argumentei que Dororidade carrega no seu significado a Dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo, destaquei que quando se trata de nós, mulheres pretas, tem um agravo essa Dor, agravo provocado pelo Racismo. Racismo que vem da criação branca para manutenção do Poder ... E o Machismo é Racista. Aí entra a Raça. E entra Gênero. Entra Classe. Sai sororidade e entra Dororidade. (PIEDADE, 2017, p.46)

³² Uma das centenas de etnias africanas, que atualmente, habita a Nigéria, o Togo, Gana e Benim, entre outros países.

Nesse sentido, coloca-se necessário conhecermos a militância das negras mais antigas e suas formas de resistência através .Analisar as práticas dessas mulheres mais velhas, visitando suas memórias, desde o passado até a chegada do povo negro na atualidade. Uma vez que, no passado, os negros criaram formas de resistir, e nestes processos já se destacava a figura da mulher negra idosa. Entre esses destaques, podemos exemplificar a conselheira Acotirene do Quilombo dos Palmares.

Pausamos aqui nossa fundamentação teórica, com as palavras de Paulo Freireem seu manuscrito da Pedagogia do Oprimido: “Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens, na criação de um mundo em que seja menos difícil amar”. FREIRE, 2005, p. 213).

3 TEORIA SOBRE MEMÓRIA E SOCIEDADE

“Nós cultuamos o tempo que é cultuado numa árvore, na qual, a raiz é o passado, o tronco é presente e a copa é o futuro...” Mameto Kamurici

A autora desta teoria, Ecleia Bosi, em 1966, graduou-se em Psicologia pela Universidade de São Paulo; concluiu seu Mestrado em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo e Doutorado na mesma instituição. Percebe-se em sua obra a presença da Psicologia Social que se liga à temática do tempo e das transformações nas relações sociais. No livro “Memória de velhos”, obra que **serviu de apoio para o presente estudo**, a autora analisa a fala de idosos que relatam as mudanças da cidade de São Paulo. Ecleia demonstra nas obras e na vida, seu compromisso com idosos e pessoas historicamente silenciadas. Suas pesquisas relacionam memórias e sociedade.

Há uma relação entre os indivíduos, suas biografias e a sociedade. As memórias dos idosos estão ligadas as transformações do território que habitam, pois, com os passar dos anos, há essa transformação territorial e o idoso será a testemunha e espectador dessas mudanças. Nossa memória é identidade, lembramos o que somos e buscamos esquecer o que não nos identificamos. Segundo Pollack (1992), existe uma relação do passado com o presente e de seus conflitos. Já Halbwachs (1998) alerta que memória tem um caráter social, coletivo, visto como um fenômeno e passível de mudanças e transformações. Entre as recordações e esquecimentos, há uma manipulação que poderá ser consciente ou não, individual e coletiva, conforme explica Cruz (2006).

A partir da teoria de Memória e Sociedade, percebe-se que a pessoa idosa ao lembrar do passado o faz de forma ativa e atenta, havendo um interesse pelo passado maior que o adulto mais jovem. Ele assume a sua função: lembrar – Bosi (2007). Segundo a autora, este idoso se torna a memória da família, da comunidade, como também em diferentes culturas, inclusive a africana, a pessoa idosa ocupa o posto de detentor de memórias. Trata-se de uma obrigação com a sociedade, obrigação de lembrar, um compromisso social que o idoso assumirá.

4 TEORIA DE TERRITÓRIO USADO:

Milton Almeida dos Santos ou, como é conhecido, Milton Santos, é considerado maior geógrafo do Brasil. Nasceu no interior da Bahia, na Chapada Diamantina. Era filho de dois professores primários e seus avós maternos também eram profissionais da educação. Certamente este fato, contribuiu positivamente no seu processo de alfabetização. Um fato interessante sobre sua educação, foi que Milton estudou em casa até seus 10 anos de idade e lá aprendeu Álgebra e Francês. Todavia, nesta idade foi para Salvador prosseguir seus estudos num internato. Na nova instituição, começou a se interessar por Geografia, devido as aulas que teve com o docente do curso Secundário Oswaldo Imbassay.

Anos depois, formou-se em Direito, contudo, começou a dar aulas de geografia em Ilhéus. Casou-se e teve seu primeiro filho, que recebeu seu nome: Milton. Nesta época, ele era professor e jornalista. Um tempo depois, retornou para Salvador e passou a lecionar na Universidade. No mesmo ano, participou do Congresso no Rio de Janeiro, onde conheceu muitos pesquisadores importantes do mundo todo. Graças aos contatos que fez com estrangeiros, Milton foi convidado pelo francês Jean Tricart para continuar seus estudos na Universidade de Estrasburgo na França. Aceitou o convite e naquele país concluiu o seu Doutorado com a tese “ O centro da cidade de Salvador”.

Quando retornou ao Brasil, fundou com instituições e acadêmicos franceses o laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade da Bahia. Também assumiu a diretoria da Imprensa Oficial da Bahia. Foi nomeado subchefe da Casa Civil no curto mandato do presidente Jânio Quadros. Porém, no período da Ditadura Militar, foi preso. Entretanto, mesmo confinado, Milton Santos recebia vários convites para lecionar fora do Brasil. Entretanto, o governo militar negou todos os convites feitos a ele.

Na prisão, Milton teve um início de AVC, foi hospitalizado e depois de sua recuperação, concederam sua liberdade. Mesmo livre, foi impedido de trabalhar. No ano de 1964, foi trabalhar na França e permaneceu por 13 anos. Nesse período, viajou e trabalhou por vários países e atuou como diretor de

Pesquisa e Planejamento de Urbanização na ONU. Lá pode observar o processo de urbanização de cidades e países pouco desenvolvidos.

Depois, foi à Tanzânia e organizou o curso de Pós-Graduação em Geografia, cruzou o mundo, estudando como se organizam as cidades e como se estruturam. Suas pesquisas nessa área contribuíram não apenas para áreas da Geografia, como também para o Urbanismo na busca de soluções para os desafios apontados. Ao ter contato com realidades locais de diferentes países, o geógrafo tornou-se um grande teórico, como também um grande crítico da Globalização.

Quando retornou ao Brasil, mais precisamente a Salvador, ministrou o curso de Extensão “A cidade Mundial de nossos dias”, lotando o auditório da Instituição de Geociências da Universidade Federal da Bahia. Entretanto, a UFBA temendo a Ditadura Militar, não permitiu que Milton lecionasse na Instituição. Então, Milton deslocou-se para a região sudeste do país. Começou a lecionar na USP, como professor convidado e como professor visitante na UFRJ até o fim do Regime Militar.

Após esse período, prestou concurso e assumiu o cargo de professor titular no curso de Geografia na USP. Mesmo depois de aposentado, seguiu pesquisando até o fim de sua vida. Milton Santos recebeu muitos prêmios e reconhecimentos. Ele via a Geografia como uma Ciência do futuro, pois através dela pode pensar permanentemente o futuro.

Após a apresentação da biografia do pesquisador, abordamos o conceito que amparou este estudo: Território. Segundo Milton Santos, *Território* é onde as ações dos seres humanos acontecem. É lá que se faz história diariamente, sendo um lugar de tensões, relacionados a disputas de poder, forças e fraquezas. Nesse sentido, o autor nos convida a pensar o território com um lugar composto por símbolos que unem e afastam as pessoas. Rompendo a ideia de território ser apenas um espaço geográfico, mas sim um espaço geográfico que só faz sentido se tiver a presença do ser humano agindo, promovendo ações:

O Território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência (Santos, 1999, p.08)

Para ser considerado um território, segundo Santos (1999), ele precisa ser habitado, usado, havendo uma relação entre viventes e os sistemas naturais. Não há territórios com ausência de pessoas, há a necessidade da ação. Este espaço geográfico só existe com as pessoas produzindo cultura, seus sentidos e ações. Acrescento que território tem íntima relação com pertencimento, identificação e identidade, conforme o autor explica:

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. (Santos, 1999, p.08)

O conceito miltoniano de *Território* convida à reflexão de que toda ação que realizamos é em um território: “O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida”. (SANTOS, 1999, p. 08). Aproximando o conceito ao tema desta pesquisa, território é o lugar em que as mulheres Nanãs trabalham, militam, onde se localizam suas moradias e também onde praticam sua aproximação com o que creem ser sagrado.

5 REFERENCIAL SAGRADO: A DANÇA DOS ORIXÁS

“Só quem driblou a morte pelo Norte saca que nunca foi sorte, sempre foi Exu” – “Eminência Parda”- Emicida

Iniciaremos este capítulo que aborda o conceito de sagrado desta pesquisa, conforme orienta a cultura negra, lembrando do mais humano dos Orixás, aquele quenão tolera ser esquecido: Esú. Utilizaremos um Itan que explica a importância de sempre saldar este orixá. Esse itã de Esú servirá de espinha dorsal para explicar a relação entre saberes formais da Universidade e os saberes que a presente escrita traz. Optamos por apresentar o itã na íntegra, para depois trazer a discussão:

Quando nasceu de Iemanjá e Orunmilá, Esú tinha uma fome que não tinha mais fim. Tomou todo o leite que a rainha do mar lhe oferecia, e mesmo assim não se saciava. E Orunmilá trazia então tudo que dispunham em casa, os grãos, os animais, tudo que pudesse ser comida. Mas nada saciava o pequeno Esú que quanto mais comia, mais chorava de fome. E como a fome não parava, Esú comeu tudo que via na frente... as árvores, a terra, as pedras, as casas e até as outras pessoas. Nada saciava a fome sobrenatural de Exu, que não demorou a engolir a própria mãe Iemanjá. Vendo sua mãe ser engolida pelo irmão, Ogum enfurecido pega sua espada afiada e parte o irmão Esú em dois pedaços. E para desespero de todos, de cada parte nasce outro Esú, que é cortado novamente por Ogum, do qual nascem mais quatro e assim nascem tantos outros Esús que, cheios de fome, iam devorando tudo que houvesse na sua frente. Vendo que os milhares de Exus iam devorar até o céu, Orunmilá recorre ao jogo de Ifá³³ e descobre o único jeito de parar a fome de Exu. E assim, propõe um trato: Orunmilá deixaria de tentar matar Exu se ele devolvesse tudo que havia comido, inclusive sua mãe Iemanjá. E daquele dia em diante, todos os Esús que nasceram do golpe de espada de Ogum iriam

³³ Ifá: (em iorubá: **Ifá**) é um oráculo africano. É um sistema divinatório que se originou na África Ocidental entre os iorubás, na Nigéria.

se espalhar pelo mundo, tomando conta de cada homem que existisse na Terra. Como parte do trato, Esú também é a quem se oferece todas as comidas antes de qualquer orixá, pois assim se cumpre a parte do trato comaquele orixá que conhece o gosto de todas as coisas do mundo e por isso aceita e compreende tudo que existe sobre a Terra, inclusive os seres humanos. Exu representa nossa vontade de conhecer, de expandir nossa mente e nossos conhecimentos sobre tudo que nossos olhos alcançam. Essa vontade de devorar tudo que nos rodeia é o que move o mundo, é a sede de viver, e a fome de vida que cada um de nós carrega dentro de si. Mas quando se abusa dessa vontade o mundo é consumido e arrasado, não deixando *espaço para a convivência com as outras pessoas*. Itan de Esú- domínio público

Debruçada neste Itan, concateno o mito com a escrita da presente dissertação, como ele, devoramos todos os conceitos eurocêntricos e os regurgitamos, úmidos de conceitos enegrecidos. Puxando a fórceps os pensamentos no passado norteados e convidando a suleá-los. Inspirada em Esú, buscamos unir diferentes solos epistêmicos de terras férteis do saber formal e do informal. Ou seja, levando para a Universidade uma pesquisa cujo foco são os saberes informais de mulheres negras e idosas. Lembrando que Esú liga os seres humanos ao Deus supremo e aos Orixás. Todavia, diferente do deus Hermes³⁴, Esú não era apenas o elo com o mundo espiritual, ele conhece todos os lugares, fala todas as línguas, está em todos os lugares. Semelhante ao Deus supremo das religiões judaico-cristãs e talvez por isso seja o mais perseguido dos Orixás:

Como onipotente, Ele criou cada rocha e cada montanha do planeta; como onisciente, ele conhece cada esconderijo e sonda até mesmo as profundezas dos oceanos ou o espaço sideral; como onipresente, ele está em toda parte, cercando-nos “por detrás e por diante” (SI 139.5)

Começamos com Esú, entendendo que ele como nós não gosta de ser esquecido e que conforme o Itan acima citado, deve ser o primeiro a ser lembrado e alimentado. Iniciamos este capítulo pedindo o dom da escrita a ele, pois esta divindade representa a comunicação. Laroye!

³⁴ Hermes: Hermes foi uma divindade da religiosidade dos gregos antigos e era tido como deus do comércio, da riqueza, da sorte, da fertilidade, dos ladrões, da viagem, dos rebanhos, entre outros.

- **Os saberes dos Orixás transmitidos através da dança:**

Como anunciamos no início deste capítulo, nessa parte da pesquisa é apresentado os conceitos sagrados aqui utilizados. Como também uma reflexão sobre as danças dos Orixás, que servirá de base para compor a pesquisa de criação do espetáculo de dança que contará a história de vidas das mulheres desta pesquisa. Os Orixás são divindades que representam forças da natureza, originários do Continente africano. No Candomblé são cultuadas as seguintes divindades: Esù, Ogun, Obaluae, Yemanjá, Oxum, Ewà, Ossain, Oxálá, Logunedé, Xangô, Oxossi, Iansã, Nanã, Ibeji, Obá e Oxumaré. Torna-se necessário explicar que nesta pesquisa utilizarmos os conceitos de sagrado do Candomblé. Nela, basicamente os ensinamentos são transmitidos através da Oralidade, ritos e mito

A partir deste conceito de sagrada presente no Candomblé acredita-se haver uma relação entre vivos e não vivos. Entre divindades e as pessoas. Essa relação Orixás e seres humanos é conectada pela arte, mais precisamente pela dança. Os orixás amam dançar com os humanos, a dança é sua ligação. Inclusive existe um Itan que conta como surgiu o Candomblé e também como humanos e divindades voltaram a dançar juntos:

E foi inventado o candomblé...

No começo não havia separação entre o Orum, o Céu dos orixás. E o Aiê, a Terra dos humanos. Homens e divindades iam e vinham, coabitando e dividindo vidas e aventuras. Conta-se que, quando o Orum fazia limite com o Aiê, um ser humano tocou o orum com suas mãos sujas. O céu imaculado do Orixá fora conspurcado. O branco imaculado de Obatalá se perdera. Oxalá foi reclamado para Olorum. Olorum, o senhor do Céu, Deus supremo, irado com a sujeira, o desperdício e a displicência dos mortais, soprou enfurecido seu sopro divino e separou o céu da Terra. Assim, o orun separou-se do mundo dos homens e nenhum homem poderia ir ao Orum e retornar de lá com vida. E os orixás também não poderiam vir à Terra com seus corpos. Agora havia o mundo dos homens e dos orixás, separados. Isoladas dos homens habitantes do Aiê, as divindades se entristeceram. Os orixás tinham saudade de suas peripécias entre os humanos e andavam tristes e amuados. Foram queixar-se com Olorum, que acabou consentindo que os orixás pudessem vez por outra retornar à Terra. Para isso, entretanto, teriam que tomar o corpo material de seus devotos. Foi a condição imposta por Olodumare. Oxum, que antes gostava de vir à terra brincar com as mulheres, dividindo com elas sua formosura e vaidade, ensinado-lhe feitiços de adorável sedução e irresistível encanto, recebeu de Olorum um novo encargo: Preparar os mortais para receberem em seus corpos os orixás. Oxum fez oferendas a Exu para propiciar sua delicada missão. De seu sucesso dependia a alegria dos seus irmãos e amigos orixás. Veio ao Aiê e juntou as mulheres à sua volta, banhou seus corpos com ervas preciosas, cortou seus cabelos, raspou suas cabeças, pintou seus corpos. Pintou suas cabeças com pintinhas brancas como as penas da galinha d'angola. Vestiu-as com belíssimos panos e fartos laços,

enfeitou-as com joias e coroas. O Orí, a cabeça, ela adornou ainda com apenas ecodidé, pluma vermelha rara e misteriosa do papagaio-da-costa. Nas mãos as fez levar *abebés*, espadas, cetros, e nos pulsos, dúzias de dourados *indés*. O colo cobriu com voltas e voltas de coloridas contas e multiplasfeiras de búzios, cerâmicas e corais. Na cabeça pôs um cone feito de manteiga de ori, finas ervas e obi mascado, com todo condimento de que gostam os orixás. Esse oxo atrairia o orixá ao ori da iniciada e o orixá não tinha como se enganarem seu retorno ao Aiê. Finalmente as pequenas esposas estavam feitas, estavam prontas, e estavam odara. As iaôs eram as noivas mais bonitas que a vaidade de Oxum conseguia imaginar. Estavam prontas para os deuses. Os orixás agora tinham seus cavalos, podiam retornar com segurança ao Aiê, podiam cavalgar o corpo das devotas. Os humanos faziam oferendas aos orixás, convidando-os à Terra, aos corpos das iaôs. Então os orixás vinham e tomavam seus cavalos. E, enquanto os homens tocavam tambores, vibrando os batás e agogôs, soando os xequerês e adjás, enquanto os homens cantavam e davam vivas e aplaudiam, convidando todos os humanos iniciados para a roda do xirê, os orixás dançavam e dançavam e dançavam. Os orixás podiam de novo conviver com os mortais. Os orixás estavam felizes. Na roda das feitas, no corpo das iaôs, eles dançavam e dançavam e dançavam. Estava inventando o candomblé. (Prandi, 2001, p 526-528,)

Acredita-se no Candomblé que os Orixás utilizam o corpo de seus devotos para dança, mas não qualquer dança. Quando o Orixá chega no terreiro e dança, essa última é repleta de significados e ensinamentos que são passados corporalmente. Temos nesse momento o corpo como transmissor de aprendizagens. Cada movimento tem um significado, na qual os orixás contam seus feitos e ensinamentos. Para isso ocorrer há a necessidade do empréstimo do corpo do devoto:

O candomblé é uma religião de transe, que permite aos deuses orixás dançarem no corpo dos devotos. O corpo serve ao ser humano, e serve às divindades. Sem o corpo humano, não há religião, porque o orixá não pode semostrar aos homens e mulheres nem com eles conviver nos ritos de confraternização. Sem agrados, logo deixariam de favorecer os humanos. (Vallado, 2019 pg 69)

Existe uma diferença entre a dança do Orixá, executada por ele no seu lugar legitimador (Terreiro) e a dança para os Orixás, que se trata de uma homenagem que busca elementos característicos de cada divindade, mas nunca uma imitação. Cada orixá tem suas movimentações específicas, sua marca e identidade. Por se tratar de uma coreografia sagrada deve permanecer no ambiente sagrado – o Terreiro:

O corpo humano é usado pelo orixá para fazer o que ele mais gosta: dançar. É por meio da dança que o orixá se apresenta na cena ritual, e é numa coreografia própria a cada um que o deus revela sua identidade. (Vallado, 2019 pg 69)

As danças sagradas ou danças dos Orixás são um momento de celebração entre todos. Ela faz sentido naquele momento e naquele lugar. Essa dança traz alegria e ensinamentos. Além disso, há o momento de consolar os aflitos e o alimento é distribuído de forma farta e alimenta muitas famílias que acabam por levar para suas casas frutas, bolos, carne e outros iguarias. Ao contrário das religiões Judaico-cristãs, contempla-se o divino com o corpo, com o empréstimo generoso por parte do devoto que oferece seu corpo para a divindade poder dançar. O orixá se comunica dançando, ou seja, trata-se de uma forma sagrada de transmitir saberes:

A dança é o coroamento de uma longa sequência de trocas entre deuses e mortais, que se inicia com as oferendas votivas, quando os sacerdotes oferecem às divindades suas comidas e bebidas prediletas, além de outros presentes. Desde o início, o respeito e o prazer de comer obriga os sacerdotes a conhecer e atender ao paladar de cada orixá. Depois, cada orixá, devidamente manifestado no corpo do seu sacerdote, dança ao som dos atabaques, agogôs e xequerês segundo seus ritmos próprios e coreografias que falam de suas proezas míticas e virtudes heroicas. O orixá fala por gestos, comunica-se por movimentos do corpo do iniciado. (Vallado, 2019, pg 69-70,)

Todos os argumentos apresentados nesse capítulo são para diferenciar a dança que ocorre nos palcos da dança das divindades. Para o palco é apresentado o artístico e não se trata de uma incorporação propriamente dita. Devido ao preconceito nutrido pelo racismo religioso, a dança para as divindades ainda é muito perseguida. Como a culminância deste estudo será apresentação de um espetáculo de dança com esta temática, tornou-se necessário escrever este capítulo.

Acrescentamos que além desses elementos que compõem a religiosidade negra se unirão ao processo de criação do espetáculo as informações contidas na análise das entrevistas das Nanãs deste estudo. Esses dois fatos tornam a criação deste projeto artístico um agradável desafio. Finalizamos, cientes da importância de produzirmos cada vez mais espetáculos com as danças negras. Inspiradas em Mercedes Batista, que lutou incansavelmente por uma dança genuinamente afro-brasileira.

Sublinho a importância da dança dos Orixás como um instrumento didático do Terreiro e voltamos a diferenciar essa dança que é do Orixá das danças que fazemos para eles (Orixás). Sugerindo que as danças sagradas executadas pelas divindades podem servir de inspiração para profissionais da dança.

6 MÉTODO: PRIMEIRAS FORMAÇÕES

"Igbasile, je ohun ti o mu mi pada"- Registro é o que me traz de volta".
(Provérbio Yorubá)

Os meses passaram rápido e na pesquisa fecundada os zigotos se dividem, células se multiplicam. E este agrupamento de células se fixam no revestimento uterino. Hormônios são liberados e como o foco será apenas essa pesquisa, o corpo trata de trancar qualquer outro projeto, havendo a amenorreia ³⁵. Náuseas e enjoos tornam-se habituais. Placenta e cordão se formam, conectando o embrião-pesquisa ao tema. A estrutura da medula espinhal -o eixo central da pesquisa- já pode ser reconhecido, rascunhado. O coração da pesquisa já bate, pulsando timidamente em meio a anotações, dúvidas e medos. Braços e pernas se formam, a pesquisa começa ganhar forma...

7 PREPARAÇÃO: REFLEXÕES... PRIMEIRAS FORMAÇÕES

Torna-se necessário para uma melhor compreensão deste capítulo, explicar que utilizarei, em alguns momentos a primeira pessoa do singular. Mesmo que na introdução do presente estudo tenha sido justificado a utilização da terceira pessoa do plural. Nesta parte serão evidenciados sentimentos e desejos meus como pesquisadora e por isso se justifica a utilização da Primeira Pessoa do Pronome Pessoal. Essa pesquisa surge da minha relação e admiração por mulheres negras idosas que sempre ilustraram a minha vida: as mulheres Nanãs. Antes mesmo de ingressar no programa de Pós-graduação em Educação já havia decidido que se fosse aprovada na seleção, seria este tema que iria pesquisar.

Após ser selecionada e iniciar meus estudos no programa de Pós-Graduação, comecei a esboçar como elaborar uma pesquisa que trouxesse à tona discussões que envolvessem a realidade das Nanãs. O estudo deveria trazer também elementos da nossa cultura negra – entendo que a Universidade é um campo na qual devemos trazer para o debate reflexões e saberes de outros polos epistêmicos. Nessa jornada difícil, meu orientador esteve ao meu lado, apostando nas minhas ideias, encorajando-me e acalmando minhas muitas inquietações.

³⁵ A amenorreia é a ausência completa de menstruação. A amenorreia é normal nas circunstâncias a seguir: Antes da puberdade e durante a gravidez.

Muitas lágrimas irrigaram este estudo, mas como expliquei na apresentação, optei por espelhar-me na postura de Esù que tudo devora, mas devolve, e quando o faz, aprende e transforma o que engoliu. Escolhi transformar essas dores em potência e por isso me amparo no conceito filosófico que utilizo nesta pesquisa: *Dororidade*, que é o processo de transformar dor em potência³⁶. Depois de ter fecundado o projeto, refiz anotações, garimpando materiais, perseguindo e também abandonando ideias, a pesquisa se desenvolveu. Passado o tempo inicial, a fase crítica da pesquisa, na qual ocorrem interrupções do estado gestacional e desistências dos estudos. O corpo da pesquisa se avoluma, aconchegado no útero. Precisando cada vez mais de espaço. Aumentou-se as horas de dedicação a escrita. Livros, artigos e horas na frente do computador são exigidas. As dores nas costas já são sentidas. Família e amigos deslocam-se para o segundo plano na escala de prioridades. Suspiro e penso: “Quantos sacrifícios fazemos para conceber nossos projetos?”.

7.1 A PRODUÇÃO DE DADOS:

A presente pesquisa utilizou a metodologia qualitativa, através da observação participante. Esta última foi escolhida, ancorada em Minayo (1994), Triviños (1987), Lüdke e André (1986), que defendem que a observação participante é uma forma de obter a realidade empírica. Iniciei com um mapeamento destas idosas. A escolha das entrevistadas foi realizada da seguinte forma, por conveniência, por haver poucos estudos exploratórios, busquei representantes que tinham destaque nas seguintes categorias: Yalorixá, líder comunitária, escritora e uma representante da Ala das baianas de uma agremiação carnavalesca, totalizando 4 mulheres. Os critérios para participar desta pesquisa foram mulheres negras a partir de 60 (sessenta) anos que possuíam função social em comunidades, na cidade de Porto Alegre. No próximos parágrafos, detalharei esta fase da pesquisa.

A partir da construção do perfil que busquei para encontrar as futuras entrevistadas, comecei a conversar com representantes de entidades carnavalescas, terreiros e ativistas sociais para encontrar as possíveis candidatas. Recebi algumas indicações, entrei em contato – preferi enviar mensagens via whatsapp e logo depois ligar. Aconteceu também em alguns casos, que falei com um familiar para depois conseguir conversar com a candidata. Após esse primeiro

contato, verificava se a idosa se enquadrava nos critérios, em caso positivo, a convidada a conceder uma entrevista. Já no primeiro contato foi explicado o objetivo da entrevista, como elas ocorreriam, tempo de duração (tempo mínimo e máximo) e também que as seriam convidadas a escolher dois objetos para apresentar no dia do encontro. Foi previamente orientado que destes dois objetos escolhidos por elas, um representaria sua história- memória e o outro representaria a sua função/ importância no território. Nessa mesma conversa, solicitei algumas informações sobre a biografia das entrevistadas em diversas fases da vida, suas experiências e atuação junto à comunidade em que desenvolve seu trabalho social. Foi previsto um encontro com cada participante com duração de 30 a 50 minutos. Falei também que a entrevista seria gravada em áudio, e marcaríamos no dia e local previamente combinados, conforme sua disponibilidade e escolha. Acrescentei que no final da pesquisa, haveria um espetáculo de danças, focado nas danças de origem afro-brasileiras e performances que trarão a biografia das mulheres Nanãs, ou seja, as entrevistadas. Entendendo que o momento da entrevista precisa ser realizado em um local confortável, na qual a entrevistada se sinta à vontade, foi oferecida a possibilidade de escolher um local que tinha um valor afetivo e simbólico para cada uma delas, por exemplo, a Yalorixá concedeu sua entrevista no seu terreiro. Também ofereci no momento da entrevista, bolos, seguindo princípios da cultura negra que ensinam que o alimento aproxima as pessoas.

A coleta de dados foi através de entrevistas semi estruturadas. Sendo essa última, um roteiro de perguntas não engessadas, semelhante a uma conversa, que surgiu em torno dos dois objetos que cada participante trouxe para o encontro, possibilitando, assim identificar subjetividades. Além da pesquisa bibliográfica que visou aprofundar a historicidade da mulher negra idosa, categoria geracional/envelhecimento, do mapeamento e análise de conteúdo das entrevistas semiestruturadas, utilizei um *IGBASILE*³⁷ para anotar impressões – um equivalente a um diário de bordo. Ademais, o *Igbasilé* é um caderno de anotações que alguns adeptos do candomblé utilizam para registrar seus conhecimentos.

³⁶ Fala da autora Piedade disponível em: <https://sintufrj.org.br/2020/07/resistir-e-transformar-a-dor-em-potencia/>

³⁷ Significa “registro”, em Yorubá.

Houve também registro fotográfico, sendo que este registro foi feito após autorização de uso de imagem. Este documento está anexo a esta dissertação.

Na ótica desta pesquisa, pretende-se identificar, através do relato escrito e também oral, a análise das práticas-práxis destas idosas. A análise de dados foi inspirada e regulamentada nas etapas técnicas propostas por Bardin (1977). Recursos secundários foram utilizados, como pesquisas em plataformas digitais contendo artigos científicos, mídias jornalísticas, sites institucionais, fotos e documentos dos participantes da pesquisa.

7.1. O CENÁRIO DA PESQUISA:

“Naquele tempo, uma peste infestava a terra. Por todo lado estava morrendo gente. Todas as aldeias enterravam seus mortos. Omolu curava a todos, afastava a peste”. Itãde Omolu

Este projeto iniciou-se no período da Pandemia do Covid-19. Esta doença tornou-se mais um problema à população negra, descortinando mazelas sociais, evidenciando o caos do sistema de saúde, dentre outros. As comunidades, de modo geral, não tiveram condições de cumprir o isolamento social, pois no Brasil há mais de 5 milhões de aglomerados subnormais ou moradias irregulares, segundo o IBGE³⁸. Neste período de semiconfinamento, presenciamos muitas violências contra a população negra que nos fizeram confessar que “ Não conseguimos respirar³⁹! Muitos “Miguels”⁴⁰, “João Pedros”⁴¹ e “Georges Floydes” foram prematuramente para o Orum. Nossas vidas importam. Tornou-se obrigatório o uso de máscaras. Então, usaremos as nossas máscaras, máscaras africanas como as do Grebo – Costa do Marfim⁴², na qual os olhos redondos representando alerta e sentimento de raiva e nariz reto que nos lembra nossa determinação. Sentimentos que precisaremos nutrir neste momento que vivemos.

³⁸ <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101717>

³⁹ Não consigo respirar- frase falada repetidas vezes por Jorge Floyd, homem negro norte-americano, de 46 anos, morto após um policial branco pressionar o joelho contra o seu pescoço, durante quase 9 minutos. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/07/09/george-floyd-disse-mais-de-20-vezes-que-nao-conseguia-respirar-revela-transcricao.ghtml>

⁴⁰ Caso do menino Miguel: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2021/09/15/caso-miguel-foi-muito-bem-ensaiada-ate-o-show-que-ela-deu-no-final-chorando-diz-mae-de-menino-sobre-fala-de-sari-corte-real-em-audiencia.ghtml>

⁴¹ Caso da morte do menino João Pedro: <https://www.brasildefato.com.br/2022/09/05/rj-2-anos-apos-morte-caso-do-adolescente-joao-pedro-em-sao-goncalo-tem-a-primeira-audiencia>

⁴² Máscaras africanas: <https://www.youtube.com/watch?v=YEKRKcRfeLA>. Visitado em 14/07/2022

Figura 2 - Máscaras africanas do Grebo - Costa do Marfim



Fonte: Google (2022)

Regionalizando a análise do momento vivido, nota-se que em Porto Alegre, foram as lideranças comunitárias e yalorixás, dentre outros, que se mobilizaram para combater os problemas que vieram com a Pandemia. Afinal, ela acabou com a renda de muitas famílias. Juntamente com o vírus, veio também outro problema grave: a fome. O período pandêmico também descortinou desigualdades históricas brasileiras: miséria, falta de saneamento básico – e a população negra é a que mais sofre com isso. Mais uma divindade africana é convocada neste projeto: venha, Senhor Omolu⁴³, livre-nos desse vírus, passe com suas palhas e espante-o. Junto a ele, vejo outras máscaras surgindo, seres com as máscaras Vogons⁴⁴ do Povo Mali que vm para transportar asalmas dos desencarnados nesta pandemia.

¹ Fotografia vertical de uma máscara africana em tons terrosos, com fundo preto. A máscara tem o formato retangular, testa grande com dois semi-círculos desenhados, sobrancelhas largas unidas ao nariz em formato retangular, dois olhos redondos em alto relevo e boca larga com pequenos dentes e um orifício preto.

⁴³ Omolu, ou Obaluaiê, é o orixá da doença e da cura. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/e-a-doenca-que-nos-ensina-que-saude-e-um-bem-precioso/>. Acesso em 15/07/2022.

⁴⁴ Máscaras dos Vogons: <http://www.afreaka.com.br/a-filosofia-dogon-e-a-origem-do-mundo/>

Figura 3 – Máscaras kanaga do povo dogon

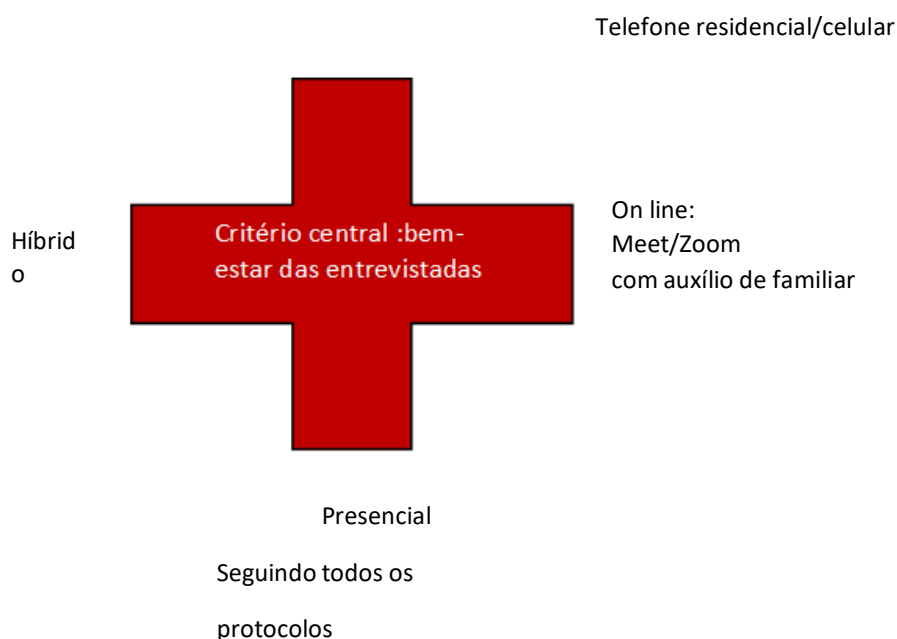


Fonte: Google (2022)

² Fotografia vertical, ao ar livre, de seis homens africanos do povo Dogon que usam máscaras com grandes plumas e dois orifícios pequenos para os olhos e sem abertura para nariz e boca, decorada com figuras geométricas coloridas. Abaixo, usam pequenos adornos que cobrem apenas seu peito na cor preta, com contorno de búzios. Nos braços, adornos na altura do cotovelo e punhos feitos por muitas tiras coloridas. Eles usam saiotos com o mesmo material.

7.2 ENTREVISTA-ENCRUZILHADA

Compreendendo o perigo de contaminação que foi vivido (e vivemos), como também percebendo que as protagonistas da presente pesquisa se encontram no grupo de risco, as entrevistas com as negras idosas foram uma encruzilhada de possibilidades. Puderam ser realizadas de 4 formas, conforme o modelo a seguir:



A partir da entrevista encruzilhada, sendo a encruzilhada a morada do senhor Èsù, foram abertos caminhos possíveis para criação de um ambiente seguro para a protagonistas desta pesquisa. Ao entrar em contato com cada uma delas, foram oferecidas quatro possibilidades de realização da entrevista. Foram elas: por ligação telefônica (celular ou residencial – este último também foi ofertado tendo em vista que muitos idosos por não se adaptarem com as novas tecnologias de comunicação, utilizam ainda este tipo de telefone); através de salas virtuais pelas plataformas Meet/Zoom – tendo ajuda de um familiar para acessar o link da reunião e assessorar a idosa; de forma presencial – no local de escolha da entrevistada; e híbrida – unindo as possibilidades anteriores.

Conforme foi apresentado no primeiro parágrafo deste capítulo da metodologia, foi solicitado que cada entrevistada trouxesse dois objetos para a conversa –

lembrando que todas as entrevistada optaram pelo encontro presencial, e que levei iguarias, petiscos e itens que compõe um lanche. Pois nesta refeição, nasceu a entrevista, através de uma conversa. Após a apresentação (meu nome, instituição a qual pertença), foi novamente explicado o objetivo do encontro e somente quando a entrevistada se sentiu à vontade, começou. Foi solicitado que apresentasse o primeiro objeto que representa a sua biografia, que retrata um momento, uma fase ou um período significativo de sua vida. Logo depois, o segundo objeto que representa a sua atuação.

Para não correr o risco da entrevista perder o foco da pesquisa, introduzi algumas perguntas previamente criadas, de acordo com o tema (o roteiro de entrevista foi elaborado de acordo com os objetivos desta pesquisa). Mesmo o roteiro não sendo rigoroso e, sim, com perguntas semi estruturadas, as perguntas formuladas seguiram seus objetivos para que não houvesse perda de foco – pois entrevistas sem estrutura podem trazer informações difíceis de analisar. Conforme (ROESCH, 1999, p.159) “resultam num acúmulo de informações difíceis de analisar que, muitas vezes, não oferecem visão clara da perspectiva do entrevistado”.

A seguir, apresento o processo de elaboração de cada pergunta. O questionário nasce de acordo com assuntos importantes desta pesquisa como: memória (Coletivas e individuais), fases da vida, experiências, saberes, comunidade. Abaixo, segue o quadro que deu origem ao roteiro da entrevista:

Quadro 1 – Roteiro de entrevista

Objetivo	Perguntas
1) Conhecer as memórias das diferentes fases da vida - infância	Relate uma memória da sua infância, da juventude, da fase adulta e uma recente.
(Oxum), adolescência (Iansã), adulta (Iemanjá) e velhice (Nanã) Esse objetivo visa trazer à tona memórias das diferentes fases da vida – as memórias individuais alegres e também as tristes, que mulheres negras buscam esquecer,	
2) Identificar as experiências que constituem os saberes das Mulheres Nanãs.	Quais experiências das tuas vivências te trouxeram mais saberes/conhecimento? O que você aprendeu com suas vivências que considera importante?
3) Entender a dinâmica de atuação social junto à comunidade.	Relate sobre o tua atuação como Yalorixá, etc., junto à comunidade? Como você se vê nessa posição, nesse trabalho?
4) Analisar como essas mulheres comunicam e vivem esses saberes com suas comunidades.	Qual a tua relação com a comunidade? Como tu se sente vista pela comunidade? O que você aprende e ensina a partir da tua atuação nesta comunidade?

Lembrando que cada fase da sua vida será relacionada com uma iabá: Fase Oxum (Infância), Fase Iansã (Juventude), Fase Iemanjá (fase adulta) e Fase Nanã (velhice).

7.3 AS MULHERES NANÃS DA PESQUISA:

Nesta Sessão, relataremos brevemente como ocorreram as entrevistas, apresentaremos nossas Nanãs e seus objetos que sulcaram as entrevistas. Todas são mulheres negras que tem sessenta anos ou mais e residem em diferentes bairros de Porto Alegre. Acrescentamos que as quatro entrevistadas optaram por entrevistas presenciais e todas desejaram que seus nomes aparecessem no presente estudo.

Acrescentamos que ao mencionar o nome dessas grandes mulheres na pesquisa, há uma justiça histórica. Afinal de contas, a história sempre invisibilizou as mulheres negras.

Nesta pesquisa as entrevistadas não serão chamadas de objeto de pesquisa e nem de sujeitos, por acreditar que historicamente, as mulheres/ homens negros já foram objetificados e “coisificados”. Como também vale ressaltar que por conta do processo de desumanização que atravessou o povo negro, até hoje, lutamos por sermos vistos como humanos. E a palavra sujeito também não se enquadra neste estudo, pois o sujeito está sujeito a algo e aqui, essas mulheres escreveram suas vidas, recusando-se a se sujeitarem a qualquer opressão. Por isso, foi utilizado o vocábulo *Nanã* para se referir a elas. A seguir, apresentarei um relato breve, na qual será apresentada cada entrevistada e como foi a entrevista e os objetos simbólicos apresentados por elas. Para isso separei o relato em quatro partes, sendo que cada parte traz uma Nanã e será precedido por um subtítulo que foi escolhido a partir de algo que chamou minha atenção na entrevista.

- **Sou Leopoldina, Imperatriz é o meu amor**⁴⁵

“Dá licença que eu vou passar Respeita a mina da leopoldina! Sonhadora, guria deste lugar Empoderada, dona de mim Poderosa, rainha da quebrada Que arranca a burca, rasga a mordaza” (samba-enredo 2022 Imperatriz Dona Leopoldina

A primeira entrevistada é a representante mais velha da Ala de Baianas de uma escola de samba de Porto Alegre. Seu nome é Maria Isolina de setenta e nove anos, aposentada, moradora do bairro Rubem Berta. Ela optou por realizar a entrevista na sua casa, no cômodo em que guarda as máquinas de costuras e fantasias da ala supracitada. Os dois objetos apresentados por ela foram fotos da família e um figurino seu da Ala das Baianas.

O encontro ocorreu na manhã de uma segunda-feira. Tive um pouco de dificuldade em encontrar a sua casa, pois não conhecia muito bem o bairro. Quando finalmente cheguei, vi-a na frente de casa, ao lado de um cachorrinho muito simpático. Convidou-me para entrar.

Ao entrar, logo avistei e pude identificar os objetos simbólicos que iriam conduzir a conversa: um figurino carnavalesco de baiana, amarelo com detalhes dourados – a peça estava repousando em cima de uma mesa, esperando por mim, como também as fotos estavam na mesa. Levei um bolo e Isolina ofereceu refrigerante, mas a conversa foi tão produtiva que só lanchamos depois da entrevista. Ela falou sobre seu amor pelo carnaval, relatando em detalhes o que sente quando está desfilando; também explicou como uma baiana deve se portar, os itens que tem a fantasia, como o costeiro (adereço que fica nas costas e acessórios que usam na cabeça). Explicou também que na hora do desfile cada integrante tem que saber cantar o samba-enredo para a escola “fazer bonito”, como ela disse. E que as baianas executam giros, da direita para a esquerda no refrão previamente combinado, pois nos sambas-enredo, como dito por ela, podem ter mais de um refrão. Aprendeu a gostar do Carnaval, muito jovem, pois o pai também foi envolvido com o mundo carnavalesco.

Isolina relatou que no período de carnaval, ele é a prioridade e que mesmo quando o pai faleceu, perto do período da festividade, ela desfilou, por ele e também por seu amor ao Carnaval. Ela é a baiana mais velha da escola de Samba Imperatriz Dona Leopoldina, zona norte de Porto Alegre. Devido à sua experiência, é a baiana que concede entrevistas e que representa a ala. Dona Isolina finalizou dizendo que o samba-enredo que lhe marcou foi o que foi apresentado no carnaval passado (2022), intitulado como “Me respeita”⁴⁶, por este motivo, a epígrafe inicial desta parte da pesquisa traz um trecho desta música. Ela justificou a predileção por este samba-enredo argumentando que a mulher ainda sofre muito preconceitos.

⁴⁵ Frase cantada pelo interprete e integrantes da escola de Samba Imperatriz Dona Leopoldina paradar início ao desfile deste ano.

- **Entrevista com cheiro de café:**

Tenho páginas rabiscadas Janelas ainda fechadas Palavras não faladas

Queria que fosse ontem

Mas o ontem já passou (Fátima Farias)

A segunda entrevistada, a escritora Fátima Farias, de sessenta anos, escolheu realizar a entrevista na sala de sua casa, onde escreve seus livros e seus objetos condutores da conversa foram dois livros de sua autoria. Ela mora no bairro Bom Jesus, em Porto Alegre. Semelhante à entrevistada anterior, aguardou-me na frente de casa.

A entrevista ocorreu no início da noite de uma segunda-feira. Quando começamos, ela fez um café: nunca esquecerei a imagem daquela mulher, ao lado do fogão, conversando e contando histórias. Fiz muitas manobras com o celular, pois aquela conversa tinha muita potência e não poderia esperar para ela fazer o café e aguardar sentar para iniciarmos – até que finalmente coloquei o celular próximo de onde ela preparava a bebida. A água ferveu, pude observá-la colocando o pó no passador, derramar a água quente, ver a fumacinha que sobe por causa da água. E o cheiro de café invadiu a casa toda.

Eu observei tudo aquilo, sentada em uma cadeira, em frente à mesa que Fátima escreve seus livros. Na mesa, haviam blocos e papéis com anotações e atrás, uma estante com livros. Passado um tempo, ela sentou-se perto de mim e a entrevista prosseguiu, tomamos o café e comemos o bolo que eu trouxe. A entrevistada era dinâmica, alegre e empolgava-se ao contar sua história. Ela organizou mentalmente a sua biografia, um fato se ligava ao outro, acredito que devido seu ofício de escritora.

⁴⁶ Samba-enredo Me respeita- disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AxnMY9dHtdE>

- **Amor preto**

“mas o amor preto cura ponha isso na sua cabeça. Agradeço todo meu amor te dou, Choro ao ver irmãcaindo no conto do branco salvador, Tua solidão me dói Solução crua me destrói Mas, afrocentrando nossa ponte se constrói”. Trecho da Música Atotô, “Me curei com seu amor”

A terceira entrevistada, Ogênia, de oitenta e seis anos, aposentada, foi uma liderança que esteve, juntamente com seus esposo, na diretoria do Tênis Clube Floresta Aurora e Satélite Prontidão. Ela mora no bairro Rio Branco, em Porto Alegre. Destaco que ela foi a única que quando liguei para explicar como seria a entrevista, pediu que eu não levasse nada, ela organizaria o lanche.

A entrevista ocorreu na tarde de uma terça-feira. Cheguei em seu prédio, entrei no elevador e quando saí, ela já me aguardava no corredor. Estava maquiada, batom vermelho nos lábios, brincos, gargantilha e unhas pintadas. Logo que me viu, sorriu de forma acolhedora.

Quando entramos no seu apartamento, notei que o rádio estava ligado numa estação que só toca samba e pagode. A entrevista ocorreu, tendo com trilha sonora pagodes e sambas antigos. Ela escolheu a sala de jantar de sua casa, notei que a mesa era grande e tinha muitas cadeiras e sobre a mesa, uma toalha rendada branca, confesso que tive até receio de derramar algo por descuido, pois a toalha era muito bonita.

Dona Ogênia indicou a cabeceira para eu sentar, perguntou se eu queria água, um suco ou uma “Cervejinha”, sorri e aceitei apenas a água que veio numa taça sobre um porta-copos. Ogênia sentou-se ao meu lado e disse “eu vou tomar uma cervejinha”, e assim fez. Nesse momento pensei, devo omitir este fato, mas depois pensei, não. A pesquisa traz pessoas de verdade, que de forma autêntica contam a sua verdade. A entrevistada falou como se sentia sendo a única mulher negra dos locais que frequentava, acrescentou que notava, mas não se abalava. Contou sobre a infância, como foi sua postura quando liderou junto com seu esposo os grupos já citados. Fizemos uma pequena pausa para ela trazer o lanche: bolos, doces, pizza e refrigerantes.

Os objetos escolhidos em um primeiro momento foram fotos que traziam imagens de sua família e da sua trajetória na direção dos Clubes. Porém, ao longo da conversa, ela mostrou o segundo objeto, um caderno com mensagens escritas por várias pessoas destinadas a ela.

Na primeira folha, tinha um bilhete, tratava-se do último bilhete que o falecido marido havia escrito, preparando-a para a morte dele. Ele escreveu que haveriam mudanças, que a esposa deveria se preparar, mas que ela seria sempre seu grande amor! Foi impactante ler aquele bilhete, foram cinquenta e oito anos juntos. Ogênia, com o semblante tranquilo, falou que foi muito amada pelo esposo e que esse bilhete não tinha sido mostrado nem para os filhos ou netos. Senti-me muito honrada e agradei a confiança.

Minutos depois, chegou o seu neto e Ogênia explicou que estava mostrando algumas recordações que tinha do marido. Aquele foi o momento que o neto pode ler o último bilhete do avô. Após ler, percebi a emoção envolver os dois, avó e neto, que num ato de respeito e saudade ficaram alguns minutos em silêncio. Como já estávamos lanchando nesse momento, o Neto, que se chama Winicius, foi convidado a participar, mas se recusou, segundo ele, não queria atrapalhar a entrevista, contudo, aceitou pegar um dos petiscos da mesa. Quando ele esticou o braço para pegar o alimento, pude perceber uma pulseira dourada. Este fato chamou minha atenção momentaneamente, mas segui a entrevista. Mais tarde, conversando com este neto, ele relatou que a pulseira foi um presente de dona Ogênia, e que ela deu para cada neto uma joia semelhante a dele. As pulseiras foram feitas com o ouro das uniões das alianças dela e do falecido esposo, pois assim seria uma maneira de eternizar o casal na vida dos netos.

- **Ògún ieé**

“Eu tenho sete espadas pra me defender Eu tenho Ogum em minha companhia / Seu Ogum é me pai, seu é meugua” (Ponto de Ogum)

A quarta entrevistada, conhecida como Ieda de Ogum, tem oitenta e dois anos, aposentada, filha de Ogum na religião e o seu Terreiro é de Nação, Umbanda e Quimbanda. Mora no bairro Cidade Baixa – a entrevista foi realizada em seu Terreiro. Quando cheguei, encontrei-a sentada numa cadeira toda ornamentada, semelhante a um trono. Estava maquiada, turbante na cabeça e unhas longas e pintadas. Ao seu lado, estava sua neta que irá sucedê-la na liderança do terreiro quando a vó partir para o Orun. A menina, estava ali também para aprender de forma oral um pouco mais sobre a religião. O local estava muito bem iluminado, havia também alguns “filhos de santo” pois estavam organizando os preparativos da festa de Ogum.

Os objetos que conduziram a conversa foram várias fotos. A partir delas, a

entrevistada contou que sua mãe carnal foi uma grande benzedeira e que desde criança teve uma relação com o sagrado. Na vida adulta, relatou ativamente do Carnaval. Como Yalorixá ou mãe de santo, pois ela aceita os dois tratamentos, teve programa de rádio, na qual levou um pouco da religião para o público. Hoje, tem filhos de santos na Argentina e no Uruguai. Essa entrevista durou exatamente trinta minutos pois, devido ao festejo, Ieda tinha muitas tarefas para realizar

No quadro abaixo, seguem os dados de identificação das Nanãs da pesquisa:

Nome	Idade	Atuação
Isolina	79 anos	Baiana do Carnaval
Fátima	60 anos	Escritora
Ogênia	86 anos	Lideranças de Clubes
Ieda	82 anos	Yalorixá

Nas próximas sessões será apresentada a análise das entrevistas.

7.4 COLETA DE DADOS:

A coleta de dados foi feita através de entrevistas semi estruturadas. Como instrumento de coleta de dados primários, foram entrevistadas quatro mulheres negras e idosas de diferentes territórios de Porto Alegre. Sendo elas moradoras dos seguintes bairros: Rubem Berta, Bom Jesus, Rio Branco e Cidade Baixa. As entrevistas tiveram duração de 30 a 50 minutos. Todas foram gravadas e posteriormente transcritas e depois analisadas. Conforme Bardin,(1977, p.100) “As entrevistas gravadas são transmitidas (na íntegra) e as gravações conservadas (para informação paralinguística)”. Várias impressões foram observadas a partir das entrevistas, conforme Silva e Fossá (2013, p.06), “as entrevistas individuais possibilitam alcançar uma variedade de impressões e percepções que os diversos grupos, possuem em relação as variáveis de estudo”.

Depois da realização da coleta de dados, utilizamos a técnica de análise de conteúdo para realizar a análise do material. Conforme Silva e Fossá (2013, p.03), “A análise de conteúdo atualmente pode ser definida como um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdo (verbais ou não-verbais)”. Esta técnica precisa que o pesquisador dedique bastante tempo, observação e análise. Silva e Fossá (2013, p.03) reforçam esta afirmativa, “É uma técnica refinada, que exige do pesquisador, disciplina, dedicação, paciência e tempo.”.

Para realização da análise de dados coletados deste estudo, utilizamos como suporte, as etapas técnicas propostas por Bardin (1977). Segundo a autora, nesta técnica existem três fases a serem seguidas: 1) Pré-análise, 2) Exploração do material, 3) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na primeira etapa, realizamos a leitura das transcrições das entrevistas. Lembrando, como explicam Silva e Fossá (2013, p.03) que “A primeira fase, **pré-análise**, é desenvolvida para sistematizar as ideias iniciais colocadas pelo quadro referencial teórico e estabelecer indicadores para a interpretação das informações coletadas”. Neste momento, utilizamos para organizar o estudo, os seguintes passos:

- a) Realização da leitura flutuante, na qual foi estabelecido o primeiro contato

com os textos das entrevistas, surgindo com isso, as primeiras impressões.

- b) Escolha dos documentos que seriam utilizados no estudo
- c) Criação de instrumentos para interpretar o material coletado

Foram também aplicadas as regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência conforme as etapas técnicas propostas por Bardin (1977) exigem. Após a conclusão da primeira fase, iniciamos a segunda etapa: **exploração do material**, que conforme Silva e Fossá explicam:

A exploração do material consiste na construção das operações de codificação, considerando-se os recortes dos textos em unidades de registros, a definição de regras de contagem e a classificação e agregação das informações em categorias simbólicas ou temáticas. (Silva e Fossá, 2013, p.03)

Nesta fase, todas as entrevistas tiveram palavras, frases e parágrafos considerados importantes para a pesquisa, grifadas. Também, foram realizadas identificações dos pontos mais significativos do material. Em seguida, foram feitos resumos dos parágrafos e frases importantes e, a partir deles, surgiram as primeiras categorias. Deste agrupamento, surge a primeira categorização, conforme acrescentam Silva e Fossá (2013, p.03), “As categorias iniciais são agrupadas tematicamente e originando as categorias intermediárias e estas últimas também aglutinadas em função da ocorrência do tema, resultam nas categorias finais.”

Na terceira e última etapa, nomeada de “Tratamento dos resultados, inferências e interpretação”, foram observados aspectos semelhantes e diferentes, comparando as entrevistas, observando pontos em comum e divergentes. Destacamos que nesta pesquisa optamos por utilizar a sequência de Bardin (1977) por sua ampla utilização e confiabilidade. Sistematizando as fases deste estudo, seguimos a ilustração,

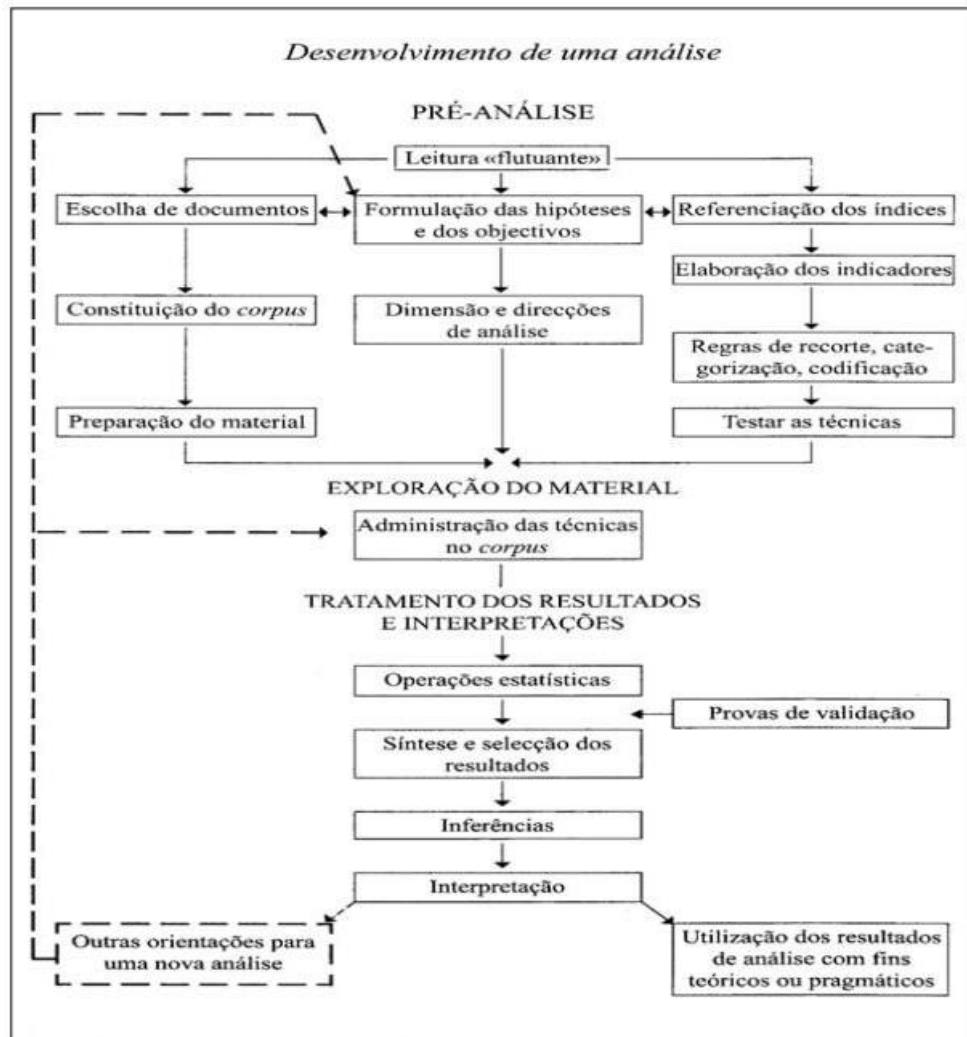


Figura 1: Desenvolvimento da análise de conteúdo
 Fonte: Bardin (1977)

esquematizada por Bardin (1977), presentes na figura 1, abaixo. Em suma, a presente pesquisa seguiu os seguintes passos: leitura geral das entrevistas transcritas, codificação para concepção das futuras categorias, recorte de palavras, expressões utilizadas pelas entrevistadas que foram comparadas e agrupadas por terem semelhanças, como também foram destacadas as diferenças. Logo depois, as unidades semelhantes foram agrupadas. Na qual foram comparadas as falas e iniciaram-se o registro das categorias iniciais. Para isso foi criado um quadro com as categorias que surgiram e ao lado a ordem das entrevistadas: primeira entrevista, segunda entrevista, terceira entrevista e quarta entrevista. Logo depois foi assinalado com um “x” quais categorias estavam presentes em cada entrevista. Com isso objetivávamos facilitar a visualização dos itens que deram origem a categoria inicial. Segue o quadro abaixo:

Categorias	Primeira entrevista	Segunda entrevista	Terceira entrevista	Quarta entrevista
1- Convite para participar de grupo negro	x	x	X	x
2- Única negra		x	X	
3- Estranhava ausência de outros negros		x	X	
4- Auto-amor		x	X	x
5- Consciência Racial		x	X	x
6- Teve um parceiro junto nas Ações			X	
7- Liderança e inovação nas Ações	x		X	x
8- Dedicção/ doação/ entrega no trabalho realizado	X	x	X	x
9- Cuidado/ zelo com os Atendidos			X	x
10-fortalecimento de outras Mulheres	x	x	X	x
11- Foi influenciada pela família	x	x	X	x
12- Acredita na espiritualidade		x	X	x
13- Tem descendente	x	x	X	x
14- Luto/ Perda	x		X	
15- Autocuidado		x	X	x
16- Consciência do seu legado		x	X	x
17-Lembranças do passado: Memórias	x	x	X	x
18- Nasceu no território que Atua	x			x
19- Veio de outra cidade		x	X	
20-Multiplica seus saberes	x	x		x

21-Percepção que seus saberes foram e são passados	x	x	X	x
22- Sente/ percebe o preconceito (Racial/ gênero)	x	x		x
23- Percebe a mudança do território que atua	x			x
24- Zela pelos seus Descendentes	x		X	
25- Esqueceu momentos difíceis (memórias e esquecimentos)		x		
26- Sente-se pertencente ao grupo ou ação que realiza	x		X	
27- Conflito de gerações nos Grupos	x			
28- Ligação com seus ancestres (pai/mãe/avó)		x		x
29- Sua ação ultrapassa seu Território		x		x
30- Atuou no passado e parou devido a velhice			X	
31- Não atua no seu território / ou atua em outros territórios		x	X	

Figura 4: Categorias Iniciais

Fonte: Elaborado pela autora

7.5 ELABORAÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Objetivando responder ao problema “Como os saberes constituídos de negras idosas nas comunidades de porto alegre influenciam seus territórios?”, como também ao objetivo ‘Compreender como os saberes constituídos a partir das vivências de mulheres negras idosas impactam nas comunidades em que possuem uma função social, a partir da perspectiva de gênero e raça” que a presente pesquisa de mestrado se propôs, todas as entrevistas foram analisadas através da análise categorial que de acordo com Bardin (1977) consiste em dividir e separar partes dos

textos da entrevistas em categorias/ agrupamentos. Em seguida foi realizada a codificação, assim foram observadas a repetição das palavras que foram trianguladas com os resultados do material, constituindo unidades de registro. Depois foi realizada a categorização. A seguir serão apresentadas as categorias iniciais.

7.6 CATEGORIAS INICIAIS

Estas categorias foram resultado das primeiras impressões que surgiram acerca da pesquisa. Surgiram da análise das entrevistas trinta categorias. Cada categoria veio de partes das falas das entrevistadas, amparadas pelo referencial teórico. A Figura 3, abaixo representa cada categoria:

- Categoria Inicial:

CATEGORIAS INICIAIS
1-Convite para participar de um grupo negro
2-Única negra nos lugares
3 -Estranhava a ausência de outros negros em espaços de poder e destaque
4-Auto-amor
5- Consciência Racial
6- Teve um parceiro atuando junto no grupo ou campo de atuação
7-Liderança e inovação nas ações
8- Dedicção/ doação/ entrega no trabalho realizado
9- Cuidado/ zelo com os atendidos
10-fortalecimento de outras mulheres
11- Foi influenciada pela família
12- Acredita na espiritualidade
13- Tem descendente
14- Luto/ Perda
15- Autocuidado
16- Consciência do seu legado
17-Lembranças do passado: memórias
18- Nasceu no território que atua
19- Veio de outra cidade
20-Multiplica seus saberes
21-Percepção que seus saberes foram e são passados
22- Sente/ percebe o preconceito (Racial/ gênero)
23- Percebe a mudança do território que atua
24- Zela pelos seus descendentes
25- Esqueceu momentos difíceis (memórias e esquecimentos)
26- Sente-se pertencente ao grupo ou ação que realiza
27- Conflito de gerações nos grupos
28- Ligação com seus ancestres (pai/mãe/avó)
29- Sua ação ultrapassa seu território
30- Atuou no passado e parou devido a velhice
31- Não atua no seu território / ou atua em outros territórios

Figura 5: Categorias Iniciais

Fonte: Elaborado pela autora

Foi realizado um esquema de cores para grifar e mostrar quais categorias eram semelhantes.

7.7 CATEGORIAS INTERMEDIÁRIAS

Depois da análise das **trinta categorias iniciais**, elas deram origem a **oito categorias intermediárias**. Esses agrupamentos de categorias iniciais têm origem na fala das entrevistadas, juntamente com o referencial teórico da pesquisa e observações feitas e anotadas no Igbasilé da entrevistadora. As trinta categorias iniciais foram enumeradas e a união delas deu origem as categorias intermediárias: as categorias seis, sete, oito nove, vinte e três, vinte e sete, vinte e nove, trinta e trinta, totalizando dez categorias, que deram origem a categoria Intermediária **Atuação e Território**. Essa categoria recebeu este nome devido à forte presença dos temas que a nomeou. As categorias Iniciais de números um, dois, três, cinco, vinte e dois, quatro e dez foram aglutinadas e originaram a segunda categoria Intermediária denominada **Conscientização Racial**. As Sete categorias Iniciais de números onze, doze, vinte e quatro, vinte e oito e dezesseis deram origem a terceira categoria intermediária denominada **Ancestralidade e Legado**. A categoria inicial de número quatorze- Luto e perda, deu origem a quarta categoria intermediária, chamada de **Luto**. A categoria Inicial de número quinze deu origem a quinta categoria Intermediária que preservou o seu nome, **Autocuidado**. As categorias Iniciais dezessete e vinte e cinco originaram a sexta categoria Intermediária, que foi intitulada **Memória**. A união das duas categorias, dezoito e dezenove, originaram a sétima categoria intermediária, chamada **Relação com o Território**. Das categorias iniciais de números vinte e vinte e um, surgiu a categoria Intermediária, intitulada **Transmissão de Saberes**. As categorias Intermediárias estão no quadro a seguir, lembrando que cada nome das categorias foi escolhido após longa análise, na qual foi observado o(s) tema(s) mais presentes no material analisado.

Categoria intermediária:	Categorias iniciais
Atuação e Território	6- Teve um parceiro atuando junto no grupo ou campo de atuação 7-Liderança e inovação nas ações 8- Dedicção/ doação/ entrega no trabalho realizado 9- Cuidado/ zelo com os atendidos

	<p>Percebe a mudança do território que atua</p> <p>23- Percebe a mudança do território que atua</p> <p>26- Sente-se pertencente ao grupo ou ação que realiza</p> <p>27- Conflito de gerações nos grupos</p> <p>29- Sua ação ultrapassa seu território</p> <p>30- Atuou no passado e parou devido a velhice</p> <p>31-Não atua no seu território / ou atua em outros territórios</p> <p>*10 categorias</p>
Conscientização Racial	<p>1-Convite para participar de um grupo negro</p> <p>2-Única negra nos lugares</p> <p>3 -Estranhava a ausência de outros negros em espaços de poder e destaque</p> <p>5-Consciência Racial</p> <p>22- Sente/ percebe o preconceito (Racial/ gênero)</p> <p>4-Auto-amor</p> <p>10-fortalecimento de outras mulheres</p> <p>*7 categorias</p>
Ancestralidade e Legado	<p>11- Foi influenciada pela família</p> <p>12- Acredita na espiritualidade</p> <p>24-Zela pelos seus descendentes</p> <p>28- Ligação com seus ancestrres (pai/mãe/avó)</p> <p>16- Consciência do seu legado</p> <p>*5 categorias</p>
Luto	<p>14- Luto/ Perda</p> <p>*1 categoria</p>
Autocuidado	<p>15- Autocuidado</p> <p>*categoria</p>
Memória	<p>17-Lembranças do passado: memórias</p> <p>25- Esqueceu momentos difíceis (memórias e esquecimentos)</p> <p>*2categorias</p>
Relação com o Território	<p>18- Nasceu no território que atua</p> <p>19- Veio de outra cidade</p> <p>*2 categorias</p>
Transmissão dos Saberes	<p>20- Multiplica seus saberes</p> <p>21- Percepção que seus saberes foram e são passados</p> <p>*2 categorias</p>

Figura 6: Categorias Iniciais Fonte: Elaborado pela autora

7.8 CATEGORIAS FINAIS

As **categorias finais** são frutos da análise e posterior aglutinação das oito **categorias Intermediárias**, que por se tratarem de um processo progressivo são oriundas das trinta e uma **categorias iniciais**. Ao observar o quadro abaixo, nota-se que as **Categorias Intermediárias Ancestralidade, Luto e Memória** deram origem à **primeira categoria Final** que foi nomeada como **Ancestralidade e Memória**. Seguindo a análise das **categorias intermediárias – Atuação e Território, Relação com o território, Transmissão dos Saberes e Legado** – e devido a suas afinidades deram origem a **segunda categoria final: Atuação, Territórios e Saberes**. E a **terceira categoria final**, intitulada **Processo de Conscientização Racial e de Gênero** surge da Categoria Intermediária Conscientização Racial.

Categorias Finais	Categorias intermediárias
Ancestralidade e Memória	Ancestralidade Luto Memória
Atuação, Territórios e Saberes	Atuação e território Relação com o território Transmissão dos Saberes Legado
Processo de conscientização Racial e de Gênero	Conscientização racial

Figura 5: Categorias Iniciais
Fonte: Elaborado pela autora

Neste momento, cabe explicar que como se trata de uma escrita decolonial, por isso a escolha do referencial teórico, e buscando por ter na prática uma postura enegrecida e afrocentrada, a presente dissertação foi impressa, encadernada e enviada para os avaliadores, que folharão e sentirão a escrita. Juntamente, foram enviados incensos, um passador de café, café em pó, ervas para chá (para beberem enquanto a leem) e um bilhete informando que ler este estudo é um exercício sensorial em que vários sentidos são envolvidos. Todos esses itens foram colocados numa caixa personalizada e enviados via sedex para a residência de cada avaliador, que gentilmente disponibilizou um endereço para entrega. No dia da defesa, a dissertação será apresentada de forma performática, dando continuidade

à experiência sensorial que começou com o recebimento da dissertação. Com as informações da categoria final, será criado um espetáculo de dança. Nele terá poesia, performances, danças Afro e tambores para contar a história destas mulheres através da arte. O espetáculo é uma forma de devolver à sociedade, comunidades e entrevistadas o conhecimento adquirido neste processo de pesquisa. A princípio será uma apresentação num teatro da cidade de Porto Alegre, na qual as idosas e suas comunidades serão convidadas a prestigiar, como também o público em geral.

8 OFÚN - O NASCIMENTO DA PESQUISA-ERÊ:

Nas semanas que antecedem o parto, o corpo produz progesterona. O feto- pesquisa se vira, o orí se encaixa na pelve. A prostaglandina⁴⁷ amacia o colo do útero e a Ocitocina comanda altivamente as contrações, que vêm ritmadas e doloridas. Intensificando gradativamente a dor, músculos uterinos se tencionam, (resultando na abertura do colo do útero), músculos empurram o feto para baixo. Uma camada amarelada de muco é expelida. Há o rompimento das secundinas⁴⁸, líquidos jorram como os rios de Oxum. O colo do útero se afina e dilata. A pesquisa quer nascer, começa a coroar.

Nesse momento, Iemanjá recebe o orí da pesquisa, apresentando para o mundo a cabeça daquele ser. Por isso o orí é tão importante e é ele que se no parto não houver complicações, é o primeiro a ter contato com o externo. As contrações seguem, o corpinho da pesquisa é expelido. Oxum recebe a pequena criatura que ainda está sanguinolenta. Então, a Pesquisa-Erê inaugura os movimentos pulmonares e começa a respirar sozinha...Nasceu a pesquisa!

⁴⁷ Prostaglandinas. São substâncias similares a hormônios, que ajudam no início do trabalho de parto. São liberadas pelo útero quando este é estimulado pelo estrogênio, e atuam diminuindo os níveis de progesterona e no preparo do colo do útero e da pelve materna para o parto.

⁴⁸ Placent

9 “ANCESTRALIADADE E MEMÓRIA”

O rebento⁴⁹ nasceu, pequeno e tímido, chora a plenos pulmões. Quem vem socorrê-lo, cortando o céu, é o grande pássaro que olha para trás, Sankofa. Só ele pode se apresentar nesse momento, trazendo a **ancestralidade** para alimentar a pequena criatura. A ave bem sabe que inquietações como “quem sou eu?” que traz este ser só pode ser respondida com a frase “quem fomos?”. A pele preta da criança denuncia a ligação com o África, e essa ligação é reforçada pelos restos e vestígios do cordão umbilical; ele nasceu dela e, mesmo cortado diasporicamente esse cordão, a ligação ainda existe. Nesse momento, minha avó retorna e enfaixa a região umbilical da **pesquisa recém-nascida** e fala “assim que fazíamos no meu tempo...” E eu respondo “O seu tempo é agora minha avó!” Ela não veio sozinha, nunca vem só, suas mãos tremulas apontam e conduzem o meu olhar em direção das **Nanãs** dessas pesquisas, suas **vivências, memórias** e o bebê se acalma e adormece.

Quando o pequeno abre os olhos, Sankofa sabe que é o momento de contar do grande assassinato, o epistemicídio da nossa cultura. O racismo epistêmico aniquilou nossa história. O grande ser emplumado conta que depois deste crime, colonizadores reduziram nossas histórias a escravidão, chicote, tronco e cativo. Todavia, muito antes do Séc XV, a África já existia. Falharam ao nos contar a nossa história, inclusive as escolas e os livros. O povo negro passou por um processo cruel de desumanização. O colonialismo fez com que mulheres e homens negros fossem vistos com o olhar atravessado pelo racismo, cobertos de pensamentos estereotipados e cercado de pré-julgamentos. A falta de referências históricas positivas, gerou muitas lacunas e ausências no povo preto.

Ancestralidade tem relação com os antepassados. E responde os questionamentos: “Quem nós fomos? Quem somos e quem iremos ser?” Quem nos antecedeu, os nossos mais velhos, podem nos ensinar e podemos aprender com a experiência deles. Nosso corpo traz nossa história e a ancestralidade nos conecta. Oralidade é a potência da Ancestralidade, oferecer seus ouvidos para ouvir os que

⁴⁹ A Pesquisa-Erê

Após essa explicação, Sankofa guia as retinas do rebento para a história, convidando-o a enxergar o passado numa ótica negra, revendo conceitos, fenômenos e acontecimentos. A criança ainda está com os olhos amarelados⁵⁰ devido a icterícia, por conta da fragilidade do seu fígado. As fontanelas permeáveis⁵¹ de seu orí buscam as memórias ancestrais, moleiras prontas para serem moldadas no barro de Nanã. Sankofar é preciso, tornar Sankofa em verbo-ação, conjugando-o na terceira pessoa do plural, em todos os tempos verbais: Passado, presente e futuro. Enxergar a história negra, tendo-a como protagonista. Acima de tudo é preciso compreender que a África tem uma história anterior a escravidão e como qualquer outro continente teve reinos, civilizações, filosofias e grandes descobertas. É preciso destacar que o contato com o europeu empobreceu o continente. Como também é necessário a compreensão do que foi a diáspora africana e quais estratégias de inferiorização foram utilizadas para justificar a subalternização desses povos.

O processo de escravização dos africanos trata-se de um grande sequestro. “A forçada presença dos africanos e seus descendentes nas Américas teve como base o Colonialismo europeu, como também nas formas de incrementação das riquezas-comércio mercantilista e acumulação primitiva de capital que estavam ligados a relações econômicas e sociais, que se organizavam em torno da compra e venda de humanos e na exploração de africanos e indígenas (Andrade et al., 2015). O colonizador subtraiu muitos habitantes da África, os escravizou, como também os colocou numa posição inferior e vertical, ou seja, o projeto da diáspora subalternizou os povos africanos (Andrade et al., 2015).

De acordo com Ramos (2014), os povos africanos escravizados, além da função econômica exercida nas Américas, também deixaram impressões étnico-culturais nos povos que e civilizações que surgiram no “Novo Mundo”. Essas impressões estão

⁵⁰ Com frequência, é comum observar nos **recém-nascidos** uma cor amarelada, visível primeiro na conjuntiva (a parte branca do olho) e logo no resto do corpo. Esta **característica** se denomina “icterícia” e está relacionada com a **imaturidade do fígado** nos primeiros dias de vida da criança, que faz com que os níveis de bilirrubina aumentem acima do normal. <https://www.maisabracos.com.br/bebe/recem-nascido/cuidados-com-um-recem-nascido.html>

⁵¹ **Todos os recém-nascidos apresentam as fontanelas permeáveis.** As fontanelas são denominadas habitualmente “moleiras” e são essas **zonas moles da cabeça**. <https://www.maisabracos.com.br/bebe/recem-nascido/cuidados-com-um-recem-nascido.html>

presentes até hoje na cultura brasileira. Todavia, uma estratégia utilizada foi desqualificar esse povo, “assim as culturas africanas e afro-brasileiras foram relegadas ao campo do folclore com o propósito de confiná-las ao gueto fossilizado da memória.” (Oliveira, 2009,p.01). Trata-se de um apagamento histórico, na qual, reduziu-se toda a cultura de um continente a manifestações culturais, diminuindo, desqualificando e folclorizando. “Folclorizar, nesse caso, é reduzir uma cultura a um conjunto de representações estereotipadas.” (Oliveira, 2009, p.01). “Com isso, os indivíduos que foram capturados e seus descendentes distanciam-se da sua origem. Uma estratégia de dominação efetiva é alienar do sujeito cultural sua possibilidade de produzir os significados sobre seus próprios signos idiossincráticos”. (Oliveira, 2009,p.01).

Os negros escravizados não aceitaram pacificamente este novo cenário de opressão. Criaram formas de resistir e manter viva a ligação com o continente negro. Sua cultura foi recontada pelos mais velhos que, através da oralidade, ensinavam e, acrescento, que ainda ensinam às novas gerações. Retomar assuntos ancestrais significava resistir, “Posteriormente, a ancestralidade torna-se o signo da resistência afrodescendente” (Oliveira, 2009, p.01). Mesmo separados de suas famílias e linhagem, devido à escravidão, africanos que aqui chegaram e afrodescendentes buscam na força do coletivo, reconectar-se com sua cultura. Então, “o negro procurava reunir-se em grupo para assim preservar sua cultura ancestral, incluindo, nesse patrimônio, línguas e dialetos, ritos, religiões, costumes, medicina das plantas e das raízes, música dentre outros”. (Andrade et al., 2015, p.177). Graças a essa estratégia, permaneceu e se recriou de uma cultura muito rica.

Como diz um provérbio africano “Asa ko kọ, asa nse, igbesi aye” (cultura não se ensina, cultura se vive) e a pesquisa-criança vivenciando essa experiência, aprende a olhar para trás com Sankofa. E como há beleza no ato de olhar para trás! Ela sente-se conectada com o grande continente, ouvindo os grandes feitos e histórias vindas diretamente dos tronos africanos. Também compreendeu o que foi o cativo e as formas de resistência. Assim, percebeu, mesmo tão jovem, a necessidade que nós negros temos de nos ligarmos com África. Essa ligação é feita através do resgate de nossa ancestralidade através das aprendizagens transmitidas pelos nossos mais velhos, “os ancestrais, além disso, parecem estabelecer a ligação entre estes homens e mulheres do mundo contemporâneo com a África mítica,

quase em uma ligação simbólica com o útero da mãe”. (Andrade et al., 2015, p.174). Maior que quaisquer

modismos, enegrecer é uma forma dos negros viverem, “ a ancestralidade não é um conjunto rígido de sanções morais, mas um modo de vida” (OLIVEIRA, 2007, p.182).

Sankofa, alerta acerca da importância do poder ancestral, de aprender com quem veio antes e que esses saberes são ofertados em nossas casas, nos terreiros, nos coletivos negros, na rua, embaixo de uma árvore. Nesse momento, a criaturinha abre os braços para receber os ensinamentos das Nanãs desta pesquisa. Então percebe que todas as Nanãs relataram na entrevista que aprenderam em casa com suas avós, mães e pais, saberes e ofícios que levaram para sua vida, conforme fica evidente nos trechos a seguir:

(A relação) com o carnaval o meu falecido pai já tinha o bloco de carnaval. Isolina, 79 anos)

A fé é o poder de tudo. É o que me leva até hoje nos meus oitenta e dois anos quero que Deus me ajude, que eu possa ir bem mais, caminhando, fazendo caridade, ajudando as pessoas, a minha vida desde menina foi dentro da religião eu acompanhava a minha mãe, no kardecista, eu tinha sete anos de idade, a minha mãe era médica, passista, ouvinte, vidente e cavalo de transporte. Eu era a filha que acompanhava ela e ali eu participei muito, aprendi, gostei. (Ieda, 82 anos)

Então daí eu herdei, herdei a poesia do meu pai, a veia artística do meu pai e o ato de compor e ser apaixonada pela raiz, pela história. Da história, aquela história que não nos contaram nos colégios, não contam hoje né? Não contam e quem me mostrou Kunta Kuntê, lanceiros negros, navios negreiros foi o meu pai no pátio. (Fátima, 60 anos)

Eu acho que, eu acho não, tenho certeza, eu comecei em Santa Maria. Eu sou santamariense. E o meu pai tinha salão de baile, aquele tempo se chamava salão de baile, não era sociedade, era o dele. União dos Atravessados, era um bloco de carnaval na rua e tudo. Depois a minha mãe faleceu e ele fechou, aí depois ele. a gente foi crescendo, aí ele foi convidado pra participar, né, de fundador do Treze de Maio. Aí a gente começou a frequentar o Treze de Maio. E ali iniciou a posse social, onde eu fui debutante, fui primeira princesa do Carnaval de cinquenta e cinco e então foi a nossa sociedade dali vim pra cá e deu uns tempos depois comecei a participar aqui. (Ogênia, 86 anos)

Outro instrumento importante de conexão com a ancestralidade e seus ensinamentos ocorre nos Terreiros. “A consciência histórica é mais forte nas comunidades de base religiosa, por exemplo, nos terreiros de Candomblé, graças justamente aos mitos de origem ou de fundação, conservados pela oralidade de e atualizados através de ritos de outras práticas religiosas” (Andrade et al., 2015, p.169).

Aqui no Rio Grande do Sul, as religiões africanas mais presentes são a Umbanda, a Quimbanda e a Nação/Batuque⁵², que semelhante ao Candomblé, também são um forte conector ancestral. A Nação/Batuque é dividida em nações, sendo as mais desconhecidas Oyó, Jejé, Ijexá, Cabinda e Nagô. Nas falas de Ieda, percebe-se essa ligação com o sagrado ancestral que envolve as religiões de matriz africanas. Nessas religiões, seus líderes dedicam-se muitos anos aprendendo para só depois poder multiplicar esses ensinamentos. Quando falamos que aprendemos com os nossos ancestrais, estes têm o compromisso de se dedicar a aprender, conforme o provérbio africano “Àyàfi máa dide láti kó, ẹnití ti jókó láti kẹ kọ.” (Só se levanta para ensinar aquele que sentou para aprender), ou seja, na cultura negra idoso não é sinônimo de sabedoria, tem que haver um compromisso de primeiro dedicar muito tempo, aprendendo, conforme percebemos na fala a seguir:

Enfim, aqui é a nossa casa de caridade. Sendo que são três linhas que eu tenho: Umbanda, Quimbanda e Nação. Eu comecei o meu terreiro com dezenove anos, minha Terreira de umbanda Cacique Supremo da Montanha, minha casa denação, o lado de Oyó, o lado africano. Hoje faz sessenta e quatro anos que essa casa existe no mesmo lugar. Trabalhei muito nas mata, cachoeira, Pedreira, pela parte da umbanda, preparando os meus filhos na praia de mar também, trinta e quatro anos fazendo cruzamento, compromisso na Praia de Mar. (Ieda, 82 anos)

Percebe-se também além dos anos de dedicação dos líderes religiosos, há também uma preocupação em como ensinar, o que ensinar e a quem ensinar. Não se trata de transmitir os ensinamentos ancestrais de forma irresponsável. Trata-se de perceber que assim como nas instituições de ensino, os saberes são transmitidos de forma gradual. Os adeptos das religiões africanistas sabem que com o tempo irão aprendendo cada vez mais da religião. Há um zelo, um cuidado em tratar de alguns assuntos. Sendo que alguns ensinamentos só são transmitidos para os frequentadores do terreiro. Como podemos perceber nos trechos a seguir de Ieda:

É, o nosso lado de Oyó, ele é um pouco fechado, muita coisa não se fala. Nasceu é dentro do terreiro e aqui é que fica.

⁵² Nação ou Batuque: Muito popular no Rio Grande do Sul, o Batuque, anteriormente denominado Nação, é a vertente religiosa que mais abrange características da cultura africana. Ele também faz parte da tríade das chamadas religiões afro-gaúchas, junto da Umbanda e da Quimbanda. No Batuque, cultua-se apenas orixás, os quais somam um total de 12: Bará, Ogum, Iansã, Xangô, Ibeji, Obá, Odé/Otim, Ossanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá e Oxalá. Esses orixás seguem uma ordem, dos mais antigos para os mais novos.

Sim. Eu aprendi na casa da minha mãe de Santo. Essa história, esse segredo. Que foi Mãe Isaura da Oyá! Ela era de Porto Alegre (Ieda, 82 anos)

Ancestralidade tem relação com o fato de tuas ações se immortalizarem e perpetuarem nas próximas gerações. Ser lembrado aqui no Aiyê, quando estiver no Orum. Trata-se da construção de um legado. Este pensamento é nítido na fala da escritora Fatima que percebe a importância de sua escrita para as próximas gerações:

Porque escrever pra nós é como firmar existência né. Eu tava conversando sobre enfrentar a morte, né? Escrever é o mesmo que enfrentar a morte através da vida. Porque tu sabe que se tu escrever um livro ou se tu fizer umamúsica, aquela música tem muita chance de se immortalizar na voz de alguém, né? Na lembrança de alguém, aí quando tu partir daqui vai ficar a música. Então tu se immortalizou através daquela música, daquele texto do livro é a mesma coisa. Então eu agradeço nunca ter permitido que o sonho de escrever, de fazer história – eu chamo fazer história e não fazer sucesso. Eu acho sucesso muito raso, muito rápido de passar, assim como vem, ele já vai embora. Já fazer história, ficar, perpetuar o teu nome e juntamente com teu nome e estar perpetuando os ancestrais, a tua história. E está deixando em aberto aqui para os que estão vindo. (No futuro) Vão olhar a tua foto, vão sequestrar, mas essa aqui chega aqui em dois mil e vinte. Olha aí comigo. Olha a história, olha a biografia, olha, ela nasceu em tal lugar. Poxa, mas eunão sabia que nessa época já tinha mulher que escrevia. Vai saber, né? Umamulher negra de periferia que escreveu, que fez, eu não sabia, pois agora tá sabendo então. Perpetuar o teu nome e juntamente com o teu nome vem, o teu pai, vó, do lugar de onde tu veio e infelizmente terá que vir a história triste de como viemos e como fomos arrastados para cá é uma maneira de perpetuar o quê? Perpetuar a história, a tua vivência, né? A tua estada, a tuaspassadas aqui, né, nesse terra. (Fatima, 60 anos)

Nesse sentido, a pesquisa-criança percebe a importância do resgate da ancestralidade negra, a importância de seus ensinamentos ancestrais, pois através deles, a história da África e dos seus descendentes será protagonizadas e contadas pelos próprios indivíduos, compreendendo o continente como um todo e não fragmentando ou se detendo apenas em um episódio histórico (escravidão). Repudiando folclorizações, estereótipos e a desumanização negra. E essa mudança de paradigma fortalecerá e preencherá as lacunas resultantes da diáspora, como também possibilitará as pessoas não negras a não serem tão refratárias ao racismo.

Acrescentamos que os conhecimentos ancestrais passam de geração para geração, muitas vezes de forma oral, envolvendo saberes construído ao longo dos anos e fruto da experiência dos ancestres. Essas aprendizagens ocorrem em

diferentes lugares evem sempre de Orís fortes e estão envolvidos em memórias e também esquecimentos guardados ou esquecidos nesses orís...

Então, a pequena pesquisa decide emprestar seus ouvidos para ouvir o que as Nanãs tinham para falar, lembrar, esquecer, alegrar e se entristecer. Sankofa satisfeito, abre suas longas asas e abraça as Nanãs, reconfortando-as e convidando a apresentar suas vivências.

Nesse momento, Sankofa abre suas enormes asas e numa revoada, retoma seu lugar de origem. Todas (as Nanãs, a pesquisa-criança e minha avó) podem observar nesse movimento de partida, a ave partir. Umas dúvidas surgem nelas: “será que veremos Sankofa novamente?” Um dor então é sentida, a dor da saudade. Pensam: “nunca achamos que a ave iria embora, se soubéssemos, teríamos aproveitado melhor o tempo com ela, passou tão rápido!” Mas logo percebem que há um lugar no qual podem encontrá-la: nas suas memórias, lá estarão todas juntas com Sankofa. As Nanãs dessa pesquisa-criança sabem fazer isso muito bem e todas, então sorrindo, com uma dorzinha teimosa no peito, sorriem e viram suas cabeças para traz, como o pássaro ensinou. Nesse ato, não enxergam apenas a criatura emplumada e sim um amontoado de memórias.

Memória está ligado a reminiscências, lembranças e recordações, é a possibilidade de visitar momentos já vividos. “A memória pode ser considerada uma evocação do passado”, ou seja, mentalmente reviver algum momento que já ocorreu. (AMORIM, 2012, p.107). Como não podemos congelar o tempo, revisitá-lo é uma maneira de preservar um momento. “É a capacidade que o homem possui de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total.” (AMORIM, 2012, p.107). Todavia, o tempo não passa, ele é estático quem passa por ele somos nós (Bosi, 1994), porque nós que envelhecemos. Todavia, ao envelhecer, tecemos memórias de vida, mas não apenas nossas, pois estas são atravessadas por pessoas, acontecimentos e mudanças.

A memória que se preserva com a passagem dos anos, a memória do idoso pode ser a ligação da nossa geração com o passado (Bosi, 1994). Na mesma direção de Ecléa Bosi, acrescentamos a importância que a memória tem para a população negra. Quando falamos de memória de negros idosos, percebemos a importância dela para perpetuar a sua história que foi silenciada. “Nem mesmo é possível para o negro resgatar resquícios de suas memórias antepassadas, pois estas estão

soterradas pela historicidade escrita por mãos brancas. Afinal quem tece nossas memórias? (Oliveira, 2019). Podemos responder ao este questionamento, recapitulando o tema apresentado no início deste capítulo: Ancestralidade, Oralidade e saberes. transmitidos pelos mais velhos. Esta tríade é muito importante para a manutenção de nossa história negra. Afinal, os ancestrres utilizam a oralidade para transmitir o conhecimento, “a memória oral é fecunda quando exerce a função de intermediário cultural entre gerações”. (Bosi, 2003)

Como a população negra não está presente na história oficial, contudo tem suas memórias (Oliveira, 2019). “Guardados tesouros, contados e entremeados na oralidade, sobrevivem em pequeninos cacos que montamos com muito esforço. Pois memória também é identidade”. (Oliveira, 2019). Lembrar é viver e no caso da população negra, lembrar é, acima de tudo, resistir. Nossos idosos são a fonte viva de histórias e lembranças. Convidamos a pensar nesse momento da pesquisa como o idoso, de modo geral, esquece de acontecimentos que ocorreram há pouquíssimos minutos, todavia lembra com exatidão de fatos ocorridos no passado. O adulto não dedica muito tempo de sua vida lembrando do que já passou, ele é prático e a memória seria uma fuga, um momento de lazer, de pausa para esquecer o dia corrido. (Bosi, 1994). Já a pessoa idosa quando recorda do passado, não está descansando, num momento de lazer e, sim, ao relembrar, o faz ocupando-se consciente e atento ao passado. (Bosi, 1994). “O velho não se contenta, em geral, de aguardar passivamente que as lembranças o despertem.” (Bosi, 1994, p.24). “Ele reflete sobre o passado, interroga outras pessoas que tenham sua idade, analisa antigos papéis e rele cartas antigas, contando o que lembra e também e também escreve memórias. (Bosi, 1994). Visitar o passado para o idoso é algo importante, um compromisso. “Em suma, o velho se interessa pelo passado bem mais que o adulto”. (Bosi, 1994, p.24).

Nesta pesquisa, três das quatro Nanãs relatam memórias, lembrando da infância, da família, sendo que a última (Ogênia) chega a perder horas de sono, relembrando o passado, analisando:

Então, eu lembro desde pequeninha do meu pai tocando cavaquinho e cantando. (Fatima, 60 anos)

A minha memória que eu não esqueço e tenho vontade de continuar, mas não dá, é a parte social, carnaval, os almoços nas casas de religião, essa é a minha memória social. Gosto!
(Ieda, 82 anos)

Sim, sim, muitas noites que eu perco o sono, porque a maioria eu faço retrospectiva da minha vida. Desde de criança até hoje. Uma (lembranças) não muito boa, as outras muito, mas eu tenho mais memórias boas do que memórias ruins, mais positivas do que negativas. Até porque eu sou bem amada, então isso aí reforça muito. (Ogênia, 86 anos)

Num outro trecho da entrevista de Fatima, que escolhemos colocar na íntegra mesmo sendo extenso para não fragmentar a narrativa, há informações importantes para esta pesquisa pois, ela relata com muita riqueza de detalhes como foi sua infância, analisando a organização da família, nomeando o pátio em que morava. Fatima relata como se organizava aquela família negra. Também nota a liderança de sua ancestral (avó) no lugar onde moravam (Quintal Quilombo). Em seguida, fala do relacionamento inter-racial do pai e da mãe, cria hipóteses da dificuldade que o casal pode ter sofrido. Como também traz a figura do pai, homem ativista social e finaliza analisando a postura dele, que mesmo apresentado consciência racial, trazia falas que ao ver de Fatima, eram machistas.

Bom, aí o nosso pátio lá em casa em Bagé, eu costumo chamar de quilombo, porque ali vivia três famílias, né? Eu conto no meu livro "Santos de Casa". Eram três famílias, era minha tia com os filhos, a minha avó com a minha irmã mais velha que era filha de criação e mais nós que éramos seis filhos, né? A minha mãe e meu pai, nasce seis, oito, a minha vó e minha irmã mais velha dez, a minha tia e o marido, doze e mais os quatro dela dezesseis. Nós éramos dezesseis pessoas no pátio, né? Então, num pátio só, com casas separadas. Então, era um quilombo. Chamo inclusive de Quintal Quilombo. E ali a gente se criou à vontade, livres, né? Dali íamos pro colégio, dali íamos brincar, ali a gente aprendeu a se gostar, a se respeitar quanto família, né? Família preta, família resistente, a minha avó, a mãe do meu pai era indígena, né, da etnia charrua. Uma mulher resistente que tomava conta de todo pátio, de todo o quintal, assim, varrendo e limpando e plantando e colhendo e quando né, meu pai preto, a minha mãe já mais mestiça, né. Então o meu pai era compositor, né? Meu pai era compositor e tocava cavaquinho. Ah, meu pai era boêmio carnavalesco! Ativista social, homem preto que sofria muito oracismo, né? Um homem ativista social naquela época, né, eu sou de cinquenta e nove. Imagina, né? Antes bem de mim, quanto ele não sofreu, né? A minha mãe é uma mulher clara, considerada branca lá, considerada branca e acho que tiveram bastante dificuldade pra fazer acontecer esse amor por conta do racismo, né? Então foram, a minha mãe foi, casou com meu pai, foi morar nesse terreno, que era da minha avó, a mãe dele, né? Aí viemos, viemos nós. Então, eu lembro desde pequenininha do meu pai tocando cavaquinho e cantando, tocando cavaquinho, cantando, pinga né. Tomava cachaça. Chegava cantarolando, chegava brincando, rindo e a minha vó, a minha mãe brava, minha mãe não gostava, "sai daqui com esse cheiro", até inclusive uma composição que eu fiz homenageando ele, um samba muito lindo, um samba de velha-guarda, que fala nessa parte do carnavalesco, cavaquinho, fala do cheiro de cachaça. Lembro o semblante da minha mãe empurrando ele levemente, né? Esse daqui que tá cheirando a cachaça. E ele cantando pra ela, ah o Nelson, né, pá Sambas do Mel, músicas apaixonadas ou então dizia Amélia que era mulher de verdade, eu vou arrumar outra Amélia, aquelas coisas que eram as brincadeiras que não eram tão brincadeiras, né? (Fatima, 60 anos)

Na entrevista anterior, Fatima relata com detalhes como era o pátio em que morava, mesmo não dando detalhes de como era propriamente a sua casa, ela traz a ideia de lar para depois, no decorrer da entrevista falar de outros lugares. “Em primeiro lugar, a casa materna; tal como aparece nas biografias, é o centro geométrico do mundo e a cidade cresce a partir dela em todas as direções” (Bosi,2003p.200). A partir da casa se percebe o que há ao redor: ruas, bairro, cidade. Todavia, estes lugares não permanecem estáticos, com o passar dos anos, muda-se também a arquitetura do lugar. “Uma cidade muda mais rápido, aí, que um coração mortal”, com este trecho do poema “O cisne”, de Charles Baudelaire, que apresenta o seu lamentando frente às mudanças de sua cidade, apresentaremos a relação que duas entrevistadas que observaram a mudança que ocorreu no bairro que moram. Sendo testemunhas vivas daquelas alterações do cenário urbano que vivem:

Quando nós viemos aqui, não tinha nada. A primeira vez que nós viemos ver, não tinha nada. Só tinha campo, banhado, nossa aqui embaixo era um banhado. Mudou, mudou bastante. Nós não tinha ônibus, agora nós duas, dois Ônibus, temos lotação. Vai pela Protásio. E temos a outra que vai pra pela Assis Brasil mas ela não entra aqui. Da Protásio passa aqui na frente. (Isolina ,79 anos)

O meu Terreiro era bem pequeno. Tinha uma cerquinha que separava a assistência dos médiuns. Mas era pequenininho. Os moradores, né, os primeiros moradores eu era criança, então, a gente conhecia os moradores, né. Os vizinhos, hoje morador da Baronesa do Gravataí, que é a frente aqui, Luiz Afonso e a parte dos fundos, muito pouco. Dois ou três, mudou, muito, muito, muito. Mas eu tô aqui! (Ieda,82 anos)

Todos os dias são criadas muitas histórias em todo lugar, cada rua, bairro, cidade, têm biografias de crianças, adultos e idosos. Todas elas acompanham as transformações da região. Os lugares têm história “os bairros têm não só uma fisionomia como uma biografia”. (Bosi,2003p.204). “As lembranças se apoiam nas pedras da cidade” (Bosi,2003p.200). Quando refletimos sobre mudanças no cenário dos lugares, não se trata apenas das construções que se erguem, falamos da alteração da fisionomia do lugar que é atravessado por memórias. Elas são criadas todos os dias. Quando se corta árvores para construir novas casas, podemos nos questionar quantas crianças brincaram nelas, humanizando a visão das mudanças. Cada canto das cidades possui memórias, “cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarra” (Bosi,2003p.199)

Sankofa não retornará, cumpriu sua missão e cada Nanã sabe que ele habita dentro de nós. Elas percebem que ao recordar, revivem momentos felizes e tristes. Nesse momento, surge, diretamente da sua morada, as águas lamacentas, Nanã

Buruque, séria e misteriosa. Quando se trata de orixás, não devemos aplicar conceitismos morais de outras civilizações, pois eles não cabem na relação polarizada de bom ou

mal, eles são. “Naná é a senhora da vida que induz à morte” (Martins, 2008, p. 115). Ela, no Aiyê, dá a vida, mas também age em parceria com Icu – orixá masculino que para os iorubas, é responsável pela morte.” (Martins, 2008, p. 115-116). Neste momento, com a chegada de Nanã que traz a relação vida e morte, duas das idosas de nossa pesquisa lembram das perdas. A primeira relata a morte dos jovens que cresceram com seus filhos. Trazendo uma triste realidade que ocorre no país: o genocídio dos jovens negros.

A gurizada da idade dos meu não tem mais nenhum. (Isolina, 79 anos)

A segunda Nanã, Ogênia, traz a dor da viuvez, depois de cinquenta e oito anos com seu esposo, ele faleceu. Optamos por trazer este trecho na íntegra pois para fazermos a devida análise, não podemos fragmentá-lo:

Foi muito difícil. Mas eu sou uma pessoa um pouco espírita, né. Então eu já estava preparada pra que fosse acontecer. Como eu cuidei dele até a última hora, não deixei ninguém fazer nada pra ele, eu levava no médico, levar fazer exame. Eu fiz tudo: botei um hospital com cadeira, com tudo, com cama, dei toda a assistência pra ele, alimentação foi toda feita por mim, a não ser o tempo que ele estava no hospital, né? Também no hospital foi eu que cuidei duas noites, um filho ficou uma noite, outro dia e no mais sou eu, cuidando da hospitalização. Aqui nesse hospital que fica aqui em cima (mostrando a direção do hospital) e então, é triste a separação, é muito triste, mas não é fácil a gente viver sozinha! **E foram cinquenta e oito anos bem vividos, bem vividos e fui muito amada, tenho certeza que fui bem amada, ele também foi muito amado.** Então a recíproca é verdadeira e não tenho remorso de nada. E o dia que eu morrer também vai ser uma partida bem tranquila porque meus filhos tão criado. Tenho três netos e uma bisneta. Então deixei uma família, eu tenho certeza que a minha família não tem vergonha de nada que nós deixamos. O pai foi embora sem deixar marca, de alguma coisa não concretizada. Então eu acho que vale porque hoje não valeu deixar uma fortuna, deixar bom carro, boa casa na praia, mas isso, mas aquilo se tu não tiver um alicerce bem feito. E esse alicerce pros meus filhos, ele deixou. E até hoje meus filhos são maravilhosos, meus netos também. Sou muito amada pelos meus filhos, tenho certeza e muito amada pelos meus netos. Valeu! (Ogênia, 86 anos)

Para finalizarmos este capítulo e cumprirmos com a promessa que fizemos no texto de apresentação desta pesquisa, analiso o trecho em destaque da entrevista acima: **“E foram cinquenta e oito anos bem vividos, bem vividos e fui muito amada, tenho certeza que fui bem amada, ele também foi muito amado.”** Escolhemos este trecho por se tratar de um bálsamo e uma referência para as mulheres negras

que merecem serem amadas – no capítulo Consciência Racial, aprofundaremos o assunto. Todavia, necessitamos de mais exemplos assim e também é para isso que esta pesquisa serve: para lembrar da importância que o afeto tem nas vidas das mulheres negras. Finalizamos esta parte com a imagem de um amor preto e, sim, esta foto deve aparecer aqui e alimentar nosso imaginário. A seguir trago um texto que foi criado pelos filhos de Ogênia e ofertado a todos os convidados na comemoração de Bodas de Ouro do casal. Leia-o como um exercício de criar memórias, mas também leia com o coração. Por mais memórias afetivas dos nossos casais negros, “amar também é um ato Político”. (Hilário, 2023, p.104)

2



Figura 2 casamento



Figura 3 Bodas de Ouro

² Figura 2: Fotografia horizontal preto e branca de um casal de jovens noivos negros no centro. A noiva está de vestido branco e véu na cabeça, já o noivo usa terno preto, camisa branca e gravata borboleta na cor preta. Ambos cortam um bolo de dois andares e muitos enfeites, sobre uma mesa com duas garrafas e alguns copos. A foto está numa moldura em alto relevo, semelhante a tiras que formam uma espécie de trançado na cor prata. Ao lado há uma fotografia na posição vertical e colorida do mesmo casal, todavia, mais velhos. Ambos estão no centro da foto, dançando. A esposa exibe um sorriso e está usando um vestido branco e longo e tem os cabelos na altura dos ombros. Ela é conduzida pelo esposo que está usando terno preto, camisa branca e gravata borboleta, calça preta e sapato social. Estão num ambiente interno com piso branco e há duas pessoas do sexo masculino atrás deles.

A vida decididamente esta definida muito antes de sabermos...

A história iniciou-se em 1956 quando duas pessoas pensaram em se unir e tudo aconteceu...

Oswaldo mandou sua foto para Ogênia, em dezembro de 56. Ele nesta época só pensava em jogar futebol. Em retribuição ela mandou-lhe um cartão de natal, pois era seu costume. Ele sem pensar em se envolver, mas foi delicado enviou-lhe um cartão também em janeiro de 57. E a história desenvolveu-se da troca de cartas.

Em fevereiro de 57, um mês após a viu por foto. Guardava-a consigo, sem mostrar a ninguém. E as correspondências continuaram a serem trocadas. Nas quartas-feiras marcaram que podiam falar por telefone, ela ligou e nesta troca as vozes se confundiram.

Então chegou o mês de agosto e Oswaldo resolveu viajar a Porto Alegre para conhecê-la pessoalmente, e pedir sua mão em casamento a seu cunhado Leandro e esposa Tereza. Ele pensou: Opa agora ficou sério.

Ela se fez de difícil e disse que iria pensar no assunto. As cartas e telefonemas seriam o seu meio de resposta ao seu pedido. Oswaldo esperou e ela custou a responder seu pedido de casamento. Em janeiro de 58, decidido resolveu vir novamente a Porto Alegre, mas com as alianças no bolso, sem ela saber. Ao chegar, resolveu colocá-la dentro de uma revista e dar-lhe de presente, pois nesta havia uma foto de Marta Rocha, a miss vestida de noiva. Ficou com medo de sua reação, mas ela aceitou.

A parte mais difícil havia terminado e começou a outra etapa, o noivado que ocorreu em 1º fevereiro de 58. Oswaldo voltou para sua terra, e surpreendeu a sua família, contanto que haviam noivado. Todos perguntaram quem era a moça.

E a troca de correspondências continuou durante um ano. Finalmente marcaram a data do casamento, também por correspondência, seria em junho de 59. Em outubro de 58, Oswaldo retornou definitivamente para Porto Alegre.

Ogênia no dia 05 de junho 59, conheceu a família de seu tão querido noivo. E o enlace firmou-se no dia 06 de junho às 18hs na igreja Santa Cecilia.

Após quatro anos tiveram seus filhos, Marcos Reni e um ano e três meses depois Airton Luis. Eles casaram-se com Fabiane e Maria Reni, sendo que estes também tiveram filhos, isto é neto do casal Oswaldo e Ogênia, são estes Willyam, Winicius e Matheus Reni.

E já se passaram 50 anos de união, não foi fácil, também não foi difícil. Muita felicidade inúmeras mudanças aconteceram o amadurecimento com diálogos diferentes, às vezes explicáveis outras não, e assim essa trajetória.

Agradecemos: Primeiro a Deus, depois a nossos cupidos, nosso irmãos, pessoas que nos ajudaram muito nesta trajetória, amigos sobrinhos as nossas noras, e nossos netos que formam mais um prolongamento da nossa comunhão.

Obrigado por estarem aqui conosco,

Oswaldo Reni e Ogênia 06 de junho 2009.

10 CAPÍTULO ATUAÇÃO, TERRITÓRIOS E SABERES

A Pesquisa-Erê quer caminhar sozinha, mas em que território ela irá caminhar? E o que faz de um lugar, um território? Qual relação esse lugar tem com as pessoas? Para ser território ter que ser habitado? Essas perguntas rondavam o orí da pesquisa-Erê. Mas, teimosamente ela quer caminhar, sem rumo, sozinha. Num ato solitário tentou firmar os dois pesinhos no chão. As frágeis musculaturas das pernas tremeram, os joelhos se flexionaram e logo tombou. Minha avó não interfere, a partir de agora são as Nanãs que vão socorrer a criatura. Elas a levantam, e ensinam a firmar seus passos no solo que elas conhecem bem. Ninguém faz nada só. O pequeno ser é guiada pelas mulheres Nanãs desta pesquisa e cada passo será em direção aos seus territórios. Que comece essa viagem...

Tantas perguntas relacionadas a território surgiram no orí da pesquisa-Erê, que ansiosa buscou no dicionário a resposta e encontrou a seguinte definição: “Extensão de terra; área extensa de terra; área de um país, de um Estado, de uma cidade, município etc.⁵³” Frustrada, pensou “seria apenas isso?”, mas as Nanãs que a seguravam pelos braços, mostraram que teria um outro sentido para esta pesquisa e convidaram-na a refletir. Território tem relação com o ser humano, muito além de uma porção de terras, é um lugar de pertencimento. Não é necessariamente o lugar que nascemos. Quantas vezes em nossas vidas, chegamos num lugar e por uma questão de identificação, sentimos que fazemos parte dele.

Ao iniciar esta reflexão, traremos a frase de Winston Churchill⁵⁴: “Primeiro fazemos nossas casas, depois nossas casas nos fazem”, ou seja, a partir da ação humana que surgem os territórios, carregados de características dos que os habitam e depois este mesmo território irá moldar seus habitantes numa relação circular de moldar e ser moldado. O território traz com ele a identidade dos seus moradores. “O território são formas, mas o território usados, são objetos e ações, sinônimo de espaço

⁵³ Dicionário on line: <https://www.sinonimos.com.br/territorio/>

⁵⁴ Winston Churchill foi o grande político britânico do século XX, sendo o primeiro-ministro e líder de seu país durante a Segunda Guerra Mundial.

humano, espaço habitado.”. (SANTOS,2003 p.255). Território é a união do espaço geográfico com a ação humana. Seguindo o pensamento miltoniano, o Território usado é essencial para elaborar e pensar no futuro, Território por conta das intervenções humanas e a dinâmica dos lugares se dá pelo uso desse espaço geográfico. Nesses lugares há o acontecer solidário, e essas solidariedades definem os aspectos culturais, econômicos e sociais no território. Essas solidariedades estão intimamente ligadas a este espaço geográfico. (SANTOS,2005).

Num ato geofágico, é como se os indivíduos “comessem” a sua terra, o seu território, sentissem fome e falta do lugar na qual se identificam. Utilizamos esta analogia para explicar a importância que o lugar tem para os indivíduos. O ambiente nos muda e nós mudamos o ambiente que habitamos. Ampliando a fronteira da reflexão, entendemos território como espaço na qual alguém ou alguma instituição exerce seu poder, seja ele econômico, social, político e cultural . Quem lidera um território tem poder, um país é um território. Tomando como exemplo o Brasil, temos na figura do presidente um representante do poder na esfera federal - vale lembrar que governa sozinho, governadores exercem seu poder nas esferas estaduais e prefeitos nas esferas municipais, todavia temos o governo paralelo, que são pessoas ou grupo que dominam um determinado território e impõe suas regras.

Existem várias regiões na qual o Estado não é o único poder como é o caso das milícias no Rio de Janeiro. Seguindo essa linha, poder está intimamente ligada a território, e a partir disso, temos relações tensas de disputas de territórios e consequentemente de poder. As guerras são um exemplo disso, ou seja, invasões de lugares e dominações para mostrar o poder. Nossa história brasileira é outro exemplo, quando os colonizadores invadiram o território indígena impuseram nele, uma relação de poder. Outros exemplos que vão nesta mesma direção de análise são os conflitos das facções de traficantes que buscam ampliar seu território dominando outros de grupos rivais.

Território usado, como Milton Santos afirma, é o lugar que dialoga com as ações de quem ali habita, mora, trabalha. Unindo este conceito a aos conceitos apresentados nos dois parágrafos anteriores, concluímos que existe uma relação de poder nos territórios que as pessoas realizam suas ações. As relações de poder

podem estar ligadas as áreas econômicas, políticas, culturais e sociais. Abordaremos aqui o poder cultural social que as Nanãs exercem nos seus territórios. Chamando a

atenção para um fator: elas conhecem muito bem os seus territórios e de uma forma muito sensível, percebem que precisam adaptar constantemente suas ações para continuarem com suas atividades. Há uma constante leitura da realidade e a partir dessa leitura, ocorre uma tomada de decisão. Na fala de três entrevistas podemos perceber isso:

Tinha sessões segundas e quinta e quarta-feira à tarde eu atendia mais os idosos, senhoras

...das quatro às seis horas. Pra senhora estarem cedinho em casa mas como seu passe tomando a sua benção dos preto velho, dos caboclo. Eu fiz muitoisso.

(Terminava a sessão religiosa mais cedo)Desse horário. Bom horário. Era um cuidado com as pessoas, pessoas que não tinham um carro, que moram longe pra não perder o seu Ônibus. Tudo isso a gente tinha e tem até hoje. (Ieda,82 anos)

Nós fizemos um “mutirão” e fechemos (a rua) lá com a criançada toda, na hora do pique. Pedindo calçamento pra nós. Porque pra a gente pra sair pratalhar a gente botava uma sacolinha nos pé pra ir até lá embaixo pegar oônibus .(Por causa do Barro na rua)

E a luz a mesma coisa, a gente fez a mesma coisa. Eu cansei de chegar no centro, quando a me olhava, o casaco tava toda pingada de vela, eu não tinhaluz, a gente usava a vela. A gente fez a mesma coisa, se juntemo todo aqui e fomos fechar lá fora. Gente, eu tinha pedido luz, tinha pedido as coisa tudoe não tinha. Aí então, depois eles botaram. (Isolina, 79 anos)

Eu iniciei (no Satélite Prontidão⁵⁵) pedindo pra diretoria um prato pra sopa, porque que nem nós da diretoria tínhamos pra tomar uma sopa no inverno. E talher, cada um trazer dois prato, uma colher que tivesse em casa, garfo, faca, começamos assim, aí tínhamos material para o jantar da diretoria. Fomos aumentando... fizemos uma janta, com ideia de diversos, cada casal da diretoria, tinha de trazer um amigo que vendia o convite, então e cada umda diretoria também comprava o seu convite, né . Assim trazia mais um. E aí foi aumentando. Aí conseguimos fazer os jantares. Aí começamos a alugar louça, porque eles não tinha, né. O chá também, e conseguimos alugar as xícaras, que também a gente não tinha. Aí fizemos a nossa a comenda com a própria turma do jantar ...formamos grupos que temos a comenda do Chorinho que é a comenda que eu sou madrinha, a Comenda Chorinho do Prontidão. (Ógenia, 86)

Nos dois primeiros trechos acima, percebemos um cuidado e uma atuação diferenciada nas falas da entrevistada. Ieda relatou que fazia as sessões religiosas, que geralmente ocorrem à noite, num horário diferente para atender idosos e donas de casa. Percebemos uma flexibilização no horário das atividades

que objetivava proporcionar o comparecimento desse público. Se não tivesse esse atendimento diferenciado, certamente aquelas pessoas não conseguiriam frequentar o Terreiro. Há esta mesma preocupação com os devotos que moravam longe e Ieda terminava a sessão mais cedo, para que eles não perdessem o ônibus. Já nas falas de Isolina e Ogênia, percebemos que ambas se mobilizaram para obter melhorias seja no bairro ou no Clube. As duas percebendo as dificuldades, ao invés de ignorarem, criaram formas de solucionar aqueles problemas.

Território não tem apenas relação com o lugar que nascemos ou moramos, pode ser o espaço geográfico que atuamos. Nesse sentido, o território de ação poderá ultrapassar as fronteiras geográficas dos estados e países. Apresentaremos a seguir um exemplo disso na fala e atuação de Ieda, que mora no Bairro Cidade Baixa, todavia, atua como yalorixá em vários lugares, ultrapassando as fronteiras do país:

Muitos, muitos (Filhos de Santo). Eu trabalho na Argentina há quarenta e oito anos, cinco anos em Buenos Aires. Eu tenho filhos que tem casa lá. Lá eu tenho uma base de trezentos das casa de filhos de religião.

Da Argentina, então ultrapassou o Brasil na verdade. Território não é só Porto Alegre, não é só o Brasil.

Tem as filhas no Uruguai. Tenho filhos em Tucumã. No Rio Grande do Sul em várias cidades. Também tenho. Então, eu não posso dizer pra ti que eu tenho número exato (de filhos de Santo), não posso. Muita gente que nunca me preocupe (em tem tantos filhos de santo) sempre gostei de ser a mãe Ieda. (Ieda, 82 anos)

Outro elemento presente na atuação das Nanãs em seus territórios de atuação é o compromisso com o trabalho realizado. Quando trazemos a palavra trabalho, ela é empregada com o sentido de agir, atuação, independentemente de ser uma atividade remunerada. O compromisso aqui aparece como responsabilidade, como podemos analisar na fala abaixo:

As baianas show, que somos dez baianas, aquelas que são obrigadas a ir, aí eu tem aquele compromisso de sair pela escola. (Isolina, 79 anos)

⁵⁵ Satélite Prontidão: A Sociedade Cultural Benficiente Satélite Prontidão provém da fusão das Sociedades Negras Satélite PortoAlegrense, fundada em 1902, com a Sociedade Cultural Carnavalesca Prontidão, fundada em 1925. No ano de 1956, com a fusão das duas organizações, tornou-se a atual Sociedade Cultural Benficiente Satélite Prontidão Para saber mais sobre esta organização Ver: Lucia Regina Brito Pereira, em sua tese de Doutorado intitulada: Cultura e Afrodescendência: organizações negras e suas estratégias educacionais em Porto Alegre (1872-2002), p.132-137.

As mulheres Nanãs desta pesquisa moram, atuam e articulam ações nos seus territórios. Dedicaram muitos anos aprendendo assuntos que são importantes para sua vida e atuação, conforme foi apresentado no capítulo anterior “Ancestralidade e Memória”. Essas aprendizagens foram se aprimorando com o passar dos anos, muitas vezes de forma oral, seja no Clube, terreiro ou agremiação carnavalesca. Não aprenderam na escola ou realizaram uma prova para mostrar o que sabiam ou não.

Atuam hoje por terem saberes prévios conforme Freire explica “O ato de cozinhar, por exemplo, supõe alguns saberes concernentes ao uso do fogão, como acendê-lo.” (FREIRE, 1996, p. 23). Com o passar dos anos, houve um aprimoramento de suas práticas, até as Nanãs começaram a partilhar seus saberes. Há uma relação de dedicação e prática no processo de construção de saberes. “A prática de cozinhar vai preparando o novato, ratificando alguns daqueles saberes, retificando outros, e vai possibilitando que ele vire cozinheiro” (FREIRE, 1996, p.24). Nos dois trechos da entrevista de Isolina a seguir podemos notar esta relação do estudo, da prática e da dedicação com potencializador do saber. Já na fala de Ieda percebemos o domínio do saber adquirido e que este saber traz benefícios às pessoas atendidas em seu terreiro.

A gente tem tudo um treinamento, né. Tem que se a gente faz fila de quatro, fila de três. Nós temos sempre de quatro. Então, a gente tem que acompanhar sempre uma acompanhar a outra

(Na ala das Baianas)...a gente aprende a nossa coreografia, que é nos refrão, girar né. Então a gente marca dois, três refrões pra girar e depois então só caminhar e dançar né. E quando escuta o samba enredo tem aquele refrão, a gente já sabe então todas giram

Vira sempre assim (da direta pra esquerda). Sempre. (Isolina, 79 anos)

Olha, pra mim é muito bom. Porque uma defumação, descarrega, muda o pensamento da pessoa que tem fé, eu trabalho muito com banhos de erva, amaci⁵⁶, mieró⁵⁷, coisas pequenas que são muito grande, muito importante. Dar vida pra pessoa. Dá um novo caminho, a pessoa se sente em paz consigo mesmo dependendo da fé, tudo se resolve. (Ieda, 82 anos)

⁵⁶ Amaci é um ritual

⁵⁷ Omieró: é um elaborado com ervas de fundamento e outros ingredientes. Este líquido sagrado é usado para banhar as pessoas ou iniciados durante uma cerimônia, lavar os Otás (pedras) consagradas aos Orishás e os Cawuris (búzios), fios de conta, pulseiras (Idés)

Depois de visitar esses territórios, a pesquisa compreende que os mesmos são lugares que imprimem as identidades de seus habitantes. Não se trata apenas de porções de terras, mas, sim, dos valores simbólicos que as pessoas que lá atuam

11 CAPÍTULO CONSCIÊNCIA RACIAL:

A Pesquisa-Erê já caminha, de forma desengonçada e inquieta, mas caminha. Passadas rápidas para não perder o equilíbrio, quase corre, ávido por dominar esta habilidade. Contudo, seu esforço é em vão, logo cai, desajeitado no chão. As Nanãs fingem não ver o tombo, a pequena criatura olha para todos os lados, procura alguma retina que esteja na sua direção. Como ninguém está olhando, levanta-se e segue caminhando; embora se Pesquisa-Erê observar um par de pupilas observando seu tombo, começa a chorar como se estivesse sendo escalpelada. Suas expressões faciais mudam para uma fisionomia de dor que só um colinho faz passar. É manhosa a criatura e as Nanãs já sabem disso. A pequena se apoia nos objetos próximos e desloca-se.

Independentemente, a pesquisa-Erê começou a se incomodar com o silêncio. Silêncio esse que há quando os jovens negros morrem prematuramente. Incomodou-se com os silêncios em torno da ausência dos negros nos espaços de poder. Incomodou-se com a falta de professores negros nas Universidades e com tantos outros fatos que pareciam terem sido normalizados. Prostrou-se, mas pior que o silêncio era ouvir aquela única voz, todo tempo falando pelo povo negro. Tudo isso a inflou e sufocou. O mal-estar foi tamanho que precisou abrir a boquinha carnuda. Nesse momento, o corpinho da criatura a socorreu. Os pulmões trataram de expulsar rapidamente o ar, que passou apressado pelas cordas vocais. Elas muito assanhadas vibraram devido ao estímulo. Esse movimento deu origem a um som que escalou desesperado o trato vocal e auxiliado pelos lábios, boca, língua e nariz, foi arremessado pela mandíbula e o gritopulou.

O pequeno ser nem sabia que podia falar, muito menos gritar, tinha se habituado a colecionar silêncios. Ficou assustada, colocou as pequenas mãozinhas na boca, tentando tapá-la. Todavia, foi tão libertador gritar, expelindo dores que ela desejou romper a membrana social que a calava. Desejou ouvir outras vozes, outros

narradores para contar essa história. Olhou ao redor e conseguiu enxergar tantas pessoas negras que ainda são amordaçadas. As Máscaras de Flandres ainda são utilizadas e de forma invisível tentam nos calar. A pesquisa-Erê abre a boca e fala para as Nanãs desta pesquisa: “Eu empresto meus ouvidos para cada uma de vocês, abram a boca e falem...”.

O último capítulo desta pesquisa tem como nome Consciência Racial, e com este título vem o questionamento: “Mas raça não seria uma só: a raça humana?” Rompendo com o conceito da biológica, na nossa sociedade a separação por raça ainda separa os indivíduos, “se para o biólogo molecular ou o geneticista humano a raça não existe, ela existe na cabeça dos racistas e de suas vítimas.” (MUNANGA, 2005-2006, p.52). Para uma melhor compreensão do tema, nos próximos parágrafos será apresentado alguns argumentos que serão analisados neste capítulo.

O conceito de raça, etimologicamente aparece num primeiro momento nas áreas de zoologia e botânica. Foi utilizado este conceito na classificação de animais e plantas, destacando as diferenças encontradas nas espécies. (MUNANGA, 2004). Raça no Latim Medieval significava “descendência” e serviu para separar pobres/plebeus de nobres/ricos, “Nos séculos XVI-XVII, o conceito de raça passa efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França da época”. (MUNANGA, 2004, p. 01). Podemos perceber que já existe o conceito de raça com objetivo de demarcar uma separação.

As descobertas do séc. XV colocam em dúvida o conceito do que significa humanidade para os europeus. Eles, ao terem contato com diferentes povos, devido às expedições marítimas e invasões territoriais se amparam no discurso religioso para justificar a existência de povos diferentes. “São bestas ou são seres humanos como “nós”, europeus?” Até o fim do século XVII, a explicação dos “outros” passava pela Teologia e pela Escritura, que tinham o monopólio da razão e da explicação”. (MUNANGA, 2004, p. 02).

Todavia, o séc. XVIII, deixa de lado explicações religiosas e focando na racionalidade amparou-se no conceito que antes eram apenas das Ciências naturais e passaram a classificar os seres. Assim a hierarquização das raças justificou o sistema de dominação racial. Essa valorização do racional, da

“Razão/Sujeito”, separou a razão do Corpo/Natureza. A racionalidade europeia colocou o corpo no lugar de objeto. Nessa lógica eurocêntrica certas raças são classificadas como inferiores por não terem a razão. Podendo serem dominados, justificando assim o tratamento dado a negros e índios. (QUIJANO, 2005). Essa divisão entre corpo e não corpo atingiu as relações de gênero também, ou seja, “e quanto mais inferiores fossem suas raças, mais perto da natureza ou diretamente, como no caso das escravas negras, dentro da atribuem a este lugar. Podemos até ir embora, mas levamos características do território conosco, dentro de nós.

natureza” (QUIJANO, 2005, p. 14). E até hoje as mulheres negras são as que mais sofrem preconceito.

As mulheres negras apresentam dores muito singulares, dores que a *Sororidade* não dá conta, pois além das questões de gênero, temos o racismo que nos atravessa. “A dor das ausências que nos invisibiliza.” (HILÁRIO, 2023, p.105). “A Dororidade sentimento que irmana mulheres negras se constitui na afetividade das ausências: a dor de ser preterida”. (HILÁRIO, 2023, p. 102). As rejeições nas vidas das mulheres negras começam muito cedo, já na escola sentirá essa dor. A dor do desprezo, de desde muito cedo ser classificada como feia ou ter o cabelo ridicularizado. Como também ter dificuldades em ter um relacionamento amoroso na vida adulta. Conforme aparece no trecho da entrevista de Fátima, logo abaixo:

Quando eu eu senti pela primeira vez, hoje eu sei que era racismo, mas na época que eu sentia eu não sabia o que que era. eu senti um incômodo. E foi exatamente quando eu entrei no colégio. Com sete anos.

Lembro perfeitamente porque eu ia pra escola já lida, né? Porque eu lia, meu pai me ensinou a ler novinha, a gente, meu pai era hidráulico e ele levava os canos, né? Nas construções e tal, nas obras e ele tinha uma pasta, uma valize de couro, onde ele levava ferramentas. E dentro da valise sempre tinha livro. Livro que as pessoas colocavam fora ou davam pra ele e levava pra casa.

Daí eu ia correndo ali naquela sacola procurar

algum livrinho, algum desenho, alguma coisa pra eu ler, pá. Pequena, seis, sete anos, sabe? Eu tava entrando na escola. Então, eu aprendi a ler rápido. Eu lia nas nas placas da rua, incomodava quando saia com a minha mãe, já, ela, aquilo ali, parali parala, parava pra ler na rua, ah, vou ler. Sempre gostei de ler e aí quando eu fui pro colégio eu já sabia ler um pouco e escrever um pouco. E aí quando a professora fazia a pergunta eu apontava o dedo pra responder e a professora o meu dedo era invisível, totalmente invisível, daí ela passava pra outra colega, aí a outra colega respondia, perfeito, aí todo mundo batia palma. Sim, era quase sempre aquilo ali. Isso aqui é estranho, né? Professora não quer que eu responda perigo pra lá. Aí depois com o tempo eu fui vendo, né? Que aquilo ali era

uma **invisibilidade**, a professoranão queria, né. que eu respondesse. E um dia ela perguntou pra mim onde eu aprendi a ler e escrever e tal. Bah, tu chegou no colégio escrevendo e lendo. Quem que te ensinou ,meu pai não me ensinou né? Minha mãe não me ensinou a minha fome. Todo mundo lê na minha casa. **e aí fui aprendendo o que que era o racismo. Mas não sabia definir aquela atitude das pessoas.** Por que que só as meninas brancas que ganhavam presente de Natal que a maioria das pessoas da minha rua que tinham mais condições sociais sempre era as brancas né? Os pobres na rua com aquela subalternidade sempre era a a pele preta, atrás do balcão sempre tava uma pessoa negra, eh branca e lavando o chão sempre uma negra. (Fátima, 60 anos)

Outro conceito importante de ser apresentado nesta pesquisa é o Conceito de *Interseccionalidade*, que complementa o conceito anterior, pois traz a questão da dor do racismo, associado a classe e gênero. “(...) interseccionalidade é um conceito e uma abordagem metodológica que possibilita aos sujeitos analisarem as várias realidades existentes entre os grupos sociais historicamente excluídos.” (CRENSHAW, 2002, p. 90). Reforçamos neste momento da Pesquisa que existem atravessamentos vivenciados apenas por mulheres negras. Por isso que conceitos que só enfocam o gênero feminino tornam-se incapazes de suprir questões singulares de mulheres pretas. Uma mulher branca pode sofrer com o machismo e, mesmo assim, discriminar uma mulher negra. Podemos perceber isto nos trechos da entrevista seguir em que Fátima (escritora) relata um diálogo que teve com a “patroa”, quando era empregada doméstica e insatisfeita com o trabalho, sugeriu que ademitissem:

Aí comecei a prestar atenção nas falas, na linguagem que elas usavam comigo que sempre usaram, porém, antes eu não reparava. “Olha não quero mais” - fala de Fatima

“Ah, mas como que a gente vai fazer isso?” -Fala da “patroa” em relação a organização da casa

“Faz a tua filha a limpar privada, ensina a tua filha a picar a cebola, ensina a tua filha a lavar as calcinhas. Eu não quero mais e tu vai me mandar embora!”

Não vou te mandar embora! - fala da “patroa”(Fátima, 60 anos)

...E eu escrevia muito e deixava naquela casa textos e poesias. Sim, esquecia ou não, né? (estratégia)
Pendurava na geladeira com ímã e tal e ela (patroa) via, daí dizia: Báh, Fátima eu vi aquilo ali que tu escreveu
na geladeira, assim é bacana, né? Ah esse aqui é teu? (Teu texto)

-Sim é meu. Respondeu Fátima

-Ah eu vou lá no final de semana na casa do aí fulano, dizia o nome de algum autor famoso né, De Porto Alegre.

-Fala pra ele, né? Mostra pra ele meus escritos. Disse Fátima

-Cê tá louca! E eu vou perder a empregada! Fala da patroa.
(Fátima, 60 anos)

Entretanto nos próximos trechos percebemos a tomada de conscientização racial, um ato de ser tornar negra. Neusa Souza (1983) “também conclui que não se nasce negro, mas torna-se negro, ou seja, passa-se por um processo de reconhecimento e conscientização.” (QUADROS, 2019, p.384) a partir de um processo de ligação com a sua cultura seja através da estética, mas não uma estética esvaziada e sim consciente das suas origens. Na mesma direção de análise, destacamos que o cabelo crespo é um forte marcador identitário e ao valorizá-lo torna-se um potente ato político no combate ao racismo como aparece no trecho da entrevista de Fátima em que ela se “torna negra”:

o meu caso foi que aconteceu que **nasceu a verdadeira mulher negra**. Quando eu vi depois de muitos anos a raiz natural do meu cabelo eu me transformei numa outra mulher, eu me tornei mais bonita, tá? Me tornei mais forte e era como se um se aquele grito que ficou calado por muitos anos, a partir daquele momento assim, ela ele fosse se espalhar como eco, como eco, né? (Fátima, 60 anos)

No próximo trecho, a entrevistada relata que já sentiu uma das inúmeras facetas do racismo, o racismo religioso e relata também como enxerga esses comportamentos. Ieda utiliza as indumentárias étnicas alusivas ao seu sagrado como uma forma de fortalecimento:

Eu... Eu costumo sempre me vestir no padrão, eu não tenho vergonha, eu me sinto bem. Eu gosto. Eu tive programa de rádio, jogava búzio na rádio e então sou muito conhecida, **isso não me afeta. Sou umbandista, sou africanista e não dá nada**. Não me preocupo com isso. (Ieda, 82 anos).

“Nós não nascemos sabendo amar alguém, quer se trate de nós mesmas ou de outra pessoa” (HOOKS, 2020, p.93-94). Amor com um instrumento na luta contra o racismo. “Afetividade recebida e demonstrada passa a ser estratégia a ser utilizada para avançar.” (HILÁRIO, 2023, p.104). Trago novamente o trecho em que Ogênia relata que foi muito amada devido a importância desse relato. Mulheres negras precisam aprender a amar e serem amadas:

E foram cinquenta e oito anos bem vividos, bem vivido como amada, tenho certeza que foi bem amada, ele também foi muito amado. (Ogênia, 86 anos)

Depois de ouvir as falas das Nanãs, a Pesquisa-Erê abre a boca e não para de falar, fala das reflexões, das conclusões, fala. Como nascem tantas palavras daquelaboquinha tão pequena? As Nanãs concluem, balançando a cabeça – “uma criança nunca cansa!”. A tagarelice da pequena pesquisa só é interrompida com a chegada de Oxum, a protetora das crianças e da criança interior de cada adulto. Ela conta um Itanna qual explica porque que quando ela entra no rio, lava primeiro suas joias e só depois, banha seus filhos. Nessa atitude ela ensina sobre autoamor. Oxum ensina as Nanãs e a pesquisa- Erê a se amarem. Logo em seguida, chega Iemanjá cuidando de todos os Orís. Cortando o chão, sacudindo tudo, vem a dona dos ventos, Yansã. Traza força para continuarem lutando. Todavia, Iansã traz também o equilíbrio pois sabe virar búfalo, como também sabe virar borboleta.

Naná chega com a serenidade e sabedoria de quem já viveu muito e traz com ela uma legião de ancestres diretamente do Orum. A pesquisa-Erê então, dança alegre, a dança ancestral que este estudo persegue. A dança afro-brasileira. Pés nus dançando com a terra e lembrando que a terra representa a ancestralidade. Dançar com o pés em contato com a terra é ter com ela num dueto ancestral. A pesquisa-Erê então sonha com outras pesquisas enegrecidas que nasceram de outros orís fortes e lhe farão companhia. Nesse momento eu tento agarrá-la, mas ela alerta-me: “Eu nasci! sou do mundo e segue a dançar. Que venha o espetáculo de dança com a histórias das Nanãs história no palco!”.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Somos começo, meio e começo”, parafraseando o Nego Bispo, ousadamente substituímos as considerações finais por considerações iniciais. Entendendo que esta pesquisa segue e que é apenas o início da investigação em torno dos saberes das Mulheres Nanãs. Compreendendo que no campo da pesquisa não há a possibilidade de se chegar a uma conclusão definitiva ou absoluta. Acrescentamos que toda e qualquer descoberta pode ser alterada/modificada. Havendo uma constante mudança. Sendo assim, sempre há espaço para novas descobertas. A pesquisa é essa busca por novos caminhos, tendo no pesquisador a figura do questionador, aquele que interroga, e questiona, buscando constantemente preencher lacunas. Buscando novas possibilidades de pesquisa.

Não havendo uma conclusão final e sim, considerações. Vale destacar que o tempo de pesquisa é pequeno em relação a complexidade do tema proposto e que as entrevistas foram feitas com um grupo limitado, e que cada entrevistada possuía uma realidade singular.

Para introduzir as considerações desta pesquisa, resgataremos a pergunta central que orientou este estudo: “Compreender como os saberes constituídos a partir das vivências de mulheres negras idosas impactam nas comunidades em que possuem uma função social, a partir da perspectiva de gênero e raça.”. A partir deste questionamento, as considerações que chegamos foi que a memória dessas mulheres é carregada de ensinamentos e as novas gerações podem aprender muito com as nossas mais velhas. Sendo que suas reminiscências e suas experiências as tornam detentoras de saberes não formais que aprenderam com seus ancestres. Esses saberes são repletos de conhecimentos, passados de geração para geração, mantendo viva a cultura negra.

Elas exprimem a força do Matriarcado, com sua liderança observam e reivindicam melhorias para os territórios que possuem vínculo. Como também, acolhem, cuidam e criam estratégias para proteger as pessoas que as procuram. Sejamno Carnaval, no Terreiro, à frente de clubes negros ou escrevendo, são as potências das comunidades de Porto Alegre. Percebe-se que a partir deste estudo que as Mulheres Nanãs modificam seus territórios a partir das suas ações, organizando-se individual ou coletivamente e criando formas de denunciar injustiças sociais vividas nas suas famílias e comunidades.

Retomamos os objetivos deste estudo, tivemos como proposta conhecer as memórias das diferentes fases da vida dessas mulheres, compreendendo a partir disso que suas memórias são individuais e coletivas, pois essas mulheres são o registro vivo das mudanças ocorridas em seus territórios e famílias. A partir das lembranças do passado aprenderam e ensinam a superar dores e criar formas de se solidarizar com seus pares. Outro objetivo era Identificar as experiências que constituem os saberes das Mulheres Nanãs. Percebeu-se a partir da forma como essas mulheres aprenderam seus ofícios em suas casas e comunidades e a partir de suas experiências de vida, elas podem ensinar e aconselhar a geração mais jovem. No presente estudo também buscava-se entender a dinâmica de atuação social junto à comunidade e de analisar como essas mulheres comunicam e vivem esses saberes com suas comunidades. Percebemos que essas mulheres partilham aprendizagens e buscam mudanças no territórios que moram ou que atuam.

Os aspectos gerais descobertos até o momento foram que os conhecimentos das Nanã também é fruto de dores herdadas do passado escravista. Todavia, aprenderam a combatê-lo e também a criar estruturas emocionais para suportar as diferentes facetas do racismo. Através dos afetos e do autoamor construíram uma arma poderosa contra o preconceito. As mulheres Nanãs da pesquisa ocupam um lugar de destaque em suas comunidades. Aprenderam através do tempo a ler o ambiente, percebendo e questionado o Apartheid Social que vivemos. Enxergando com um olhar questionador, os lugares em que elas são as únicas negras (lugares de Poder) e lugares em que encontram outros negros em situação de subalternidade. Elas criaram uma ligação muito forte com seus territórios de atuação, identificando-se com o local, mudando e sendo mudada por ele.

Na amostra feita nesta pesquisa, com ferramentas específicas utilizadas para este estudo, foram encontradas uma íntima relação entre as Mulheres Nanãs, a ancestralidade e suas memórias. Memórias essas que trazem alegrias e dores, e essas dores serviram para fortalecê-las. Episódios que sofreram com o racismo e machismo, proporcionaram uma tomada de conscientização racial e de gênero. Como também, dos seus territórios e seus saberes. Essas mulheres estão construindo um legado nas suas comunidades.

No decorrer deste estudo, observou-se que não apenas instituições formais de ensino promovem o conhecimento e que podemos aprender com os mais velhos – nesse estudo, com as mais velhas. Quando abordamos saberes, compreendemos que ele pode ocorrer por pessoas letradas e não letradas. Desta forma, os saberes podem ser transmitidos de geração para geração.

A metodologia usada foi suficiente para se aproximar às Nanãs, suas memórias, seus papéis nas comunidades e trazer primeiras respostas. Ao mesmo tempo, deve-se registrar que se trata de um campo amplo e complexo que merece um aprofundamento maior. Também é importante de notar que esta pesquisa foi realizada durante a pandemia em que a COVID-19 representava uma ameaça principalmente para as pessoas mais velhas, isso também limitou a abrangência do estudo. Sugere-se que estudos posteriores podem ampliar a aprofundar o tema da importância das mulheres Nanãs para as comunidades negras.

REFERÊNCIAS

- AMORIN, Maria Aparecida Blaz Vasquez- **História, memória, identidade e história Oral**. Jus Humanum – Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade Cruzeiro do Sul. São Paulo, v. 1, n. 2, jan./jun. 2012.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 14.ed.-São Paulo: Companhia das Letras, 1994
- CRENSHAW, Kimberlé. **Documentos para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Revista Estudos Feministas. Ano 10, 1º semestre, 2002
- Dossiê Mulheres Negras- **Retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil** (IPEA 2013) Disponível em:
file:///C:/Users/Perla/Downloads/Livro-Dossi%C3%AA_mulheres_negras-retrato_das_condi%C3%A7%C3%B5es_de_vida_das_mulheres_negras_no_Brasil.pdf. Acesso em 07/07/2021
- CARNEIRO, Sueli - **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 58, 2003.
- EVARISTO, Conceição. **A gente combinamos de não morrer**. In.: Olhos d'Água. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- FREIRE, Paulo & SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. São Paulo: **Medo e Ousadia** – O Cotidiano do Professor / Ira Shor, Paulo Freire; tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido: Saberes necessários à prática educativa**/Paulo Freire.—São Paulo: Paz e vida, 1996
- GOLDENBERG, Mirian. **Velho é lindo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real**. Tradução Roberto Cataldo Costa. 2. Ed
- GOMES, Heloisa Toller. **“Visíveis e invisíveis grades”**: Vozes de mulheres na escrita afro-descendente contemporânea. Caderno Espaço Feminino. Uberlândia: Ed. UFU, v.12, n. 15, 2004, p.13-26.
- GOLDSTEIN, Lucila L.; SIQUEIRA, Maria Eliane Catunda de. **Heterogeneidade e diversidade nas experiências de velhice**
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- LICHTENFELS, Patrícia. **As relações sociais e as funções sociais das mulheres idosas da Vila Fátima na constelação familiar atual**/Patricia Linchenfels; orient.

Johannes Doll. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

LIMA, LuísFilipe de, 1967-1º ed. **Oxum: a mãe da água doce/** Luís Filipe de Lima;[ilustrações Luciana Justiniani]- Rio de Janeiro: Pallas, 2008. Il.- (Orixás;6)

MARTINS, Cléo. **Nanã: a senhora dos primórdios/Cleo Matins;**[Luciana Justiniani, ilustrações]- Rio de Janeiro: Pallas,2008.il.- (Orixá 7)

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo e da memória: os congados. **O percebejo- revista de teatro, Crítica e Estética**, Rio de Janeiro, ano 11,n.12,p.68-83,2003

MORETTO, A.et al. A garantia de direitos na saúde In: MORETTO, A ET AL.(ORGS.).**Diagnóstico de saúde do distrito leste de Porto Alegre**. Porto Alegre: EDIPUCRS,2005. P.25-54.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Tradução . Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf> Acesso em: 01 maio 2023.

MUNANGA,Kanbenguele. **Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos**. REVISTA USP, São Paulo, n.68, p. 46-57, dezembro/fevereiro 2005-2006. Disponível em:

NASCIMENTO, Beatriz. **O conceito de Quilombo e a resistência cultural negra**. Afrodiáspora ,ano.3,n.6-7,p.41-48,1985.

PRANDI, Reginaldo- **Mitologia dos Orixás/Reginaldo prandi; ilustrações de Pedro Rafael- 1º ed.-** São Paulo: campanha das Letras, 2001.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Nós, 2017.

POLLACK, M.; **“Memória, Esquecimento, Silêncio”**; in: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989, p.3-15.

QUADROS, Denis Moura de. **Dororidade em É fogo!**(1987), de Maria Helena Vargasda Silveira (1940-2009): A voz de Helena do Sul recolhendo outras vozes. **REVELL- ISSN:2179-4456-2019. V.L,Nº21-Jan/abr. de 2019**

QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**, Buenos Aires,Editora Clacso, Consejo Latinoamericano de Ciências Sociais, 2005,

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **Meu tempo é agora**. São Paulo, Odudwa, 1993

SANTOS, Milton. **O retorno do territorio**. En: OSAL : Observatorio Social de AméricaLatina. Año 6 no. 16 (jun. 2005-). Buenos Aires : CLACSO, 2005- . -- ISSN 1515-3282
Disponibile en:<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território**. Geographia: Revista da Pós-Graduação em Geografia, v. 1, n. ju 1999, p. 7-13, 1999Tradução . . Acesso em: 30 abr. 2023.

SILVA, Tomás Tadeu da. **Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política**. Petrópolis: Vozes, 1996.

VALLADO, Armando, 1956- **Iemanjá: mãe dos peixes, dos deuses, dos seres humanos**/ Armando Vallado-I. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019

**APÊNDICE A — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO PARTICIPANTE**

**PESQUISA: MULHERES NANÃS: UM ESTUDO SOBRE OS SABERES DE
NEGRAS IDOSAS DE PORTO ALEGRE**

COORDENAÇÃO: Johannes Doll

Prezado(a) Sr(a)

Estamos desenvolvendo uma pesquisa intitulada **MULHERES NANÃS: UM ESTUDO SOBRE OS SABERES CONSTITUÍDOS DE NEGRAS IDOSAS NAS COMUNIDADES DE PORTO ALEGRE**, coordenada pelo Prof. Johannes Doll. Você está sendo convidado(a) a participar deste estudo. A seguir, esclarecemos e descrevemos as condições e objetivos do estudo:

NATUREZA DA PESQUISA: Esta é uma pesquisa que tem como finalidade compreender como os saberes constituídos a partir das vivências de mulheres negras idosas impactam nas comunidades em que possuem uma função social, a partir da perspectiva de gênero e raça. Este projeto foi aprovado pela Comissão de Pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PARTICIPANTES DA PESQUISA: Participarão desta pesquisa em torno de 03 (três) mulheres com mais de 60 (sessenta) anos que possuem função social em comunidades, na cidade de Porto Alegre.

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo você será convidada a conceder uma entrevista, que poderá ser gravada em áudio, se assim você permitir. O tempo previsto de duração será de 30 a 90 minutos, em dia e local previamente combinado com a pesquisadora responsável, conforme sua disponibilidade e escolha. Você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo podem entrar em contato com o Prof. Johannes Doll, pelo fone (51) 330-41-44.

SOBRE O QUESTIONÁRIO/ENTREVISTA: Serão solicitadas algumas informações sobre sua biografia em diversas fases da vida, suas experiências e atuação junto à comunidade em que desenvolve seu trabalho social.

RISCOS: Os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na pesquisa, conforme a Resolução 466/2012 e a Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde. Os riscos que envolvem os participantes são relativos a possibilidade de quebra da privacidade e da confidencialidade das informações prestadas. Para minimizar este risco, após a produção dos dados em ambiente virtual (mensagens de áudio ou escritas), será feito o download em um dispositivo eletrônico local (Pendrive), e todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem" será apagado. Os dados ficarão na posse dos pesquisadores, por até cinco anos. Além disso, as perguntas da entrevista podem despertar algum desconforto ou constrangimento. Se for o seu caso, sinta-se à vontade para não responder à questão ou pedir a exclusão dos dados prestados. Como participante, você poderá desistir a qualquer momento. Para isso, basta entrar em contato com os pesquisadores. Tais riscos serão resolvidos com encaminhamentos que garantam cuidados e respeito de acordo com a manifestação do respondente.

CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Trataremos todas as informações sem que haja identificação de particularidades de cada entrevistada. Os resultados obtidos na pesquisa serão utilizados para alcançar os objetivos do trabalho expostos acima, incluindo a possível publicação na literatura científica especializada. Caso você tenha interesse em acessar os resultados da pesquisa, envie um e-mail para: professoraperlamq@gmail.com. Os dados coletados

decorrentes da pesquisa devem ficar guardados sob a responsabilidade do pesquisador principal por, no mínimo, cinco anos.

BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto; entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas.

PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação.

Enfatizamos a importância de você guardar em seus arquivos uma cópia deste documento. Caso seja de seu interesse, você poderá solicitar uma devolução sobre os resultados da pesquisa, que estarão disponíveis ao final do estudo, pelo telefone (51)985625310, com a pesquisadora Perla Santos.

Em caso de dúvidas ou esclarecimentos, você poderá entrar em contato com os pesquisadores, pelo telefone (51)985625319, E-mail: professoraperlamq@gmail.com, ou com Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) UFRGS. O CEP/UFRGS é um órgão colegiado, caráter consultivo, deliberativo e educativo, cuja finalidade é avaliar – emitir parecer e acompanhar os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos, em seus aspectos éticos e metodológicos, realizados no âmbito da UFRGS. Pode ser contatado no endereço Av. Paulo Gama, 110, Sala 311, Prédio Anexo I da Reitoria - Campus Centro - Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060, Fone +55 51 3308 3787, E-mail: etica@propeq.ufrgs.br.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

Desde já, agradecemos a atenção e a da
participação. CONSENTIMENTO LIVRE E

ESCLARECIDO

Eu, _____, entendi os objetivos desta pesquisa, bem
como, a forma de participação. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento,
portanto e concordo em participar.

Local e data: _____

(Assinatura do participante)

Eu, _____, membro da equipe do
projeto

**MULHERES NANÃS: UM ESTUDO SOBRE OS SABERES CONSTITUÍDOS DE
NEGRAS**

IDOSAS NAS COMUNIDADES DE PORTO ALEGRE, obtive de forma apropriada e
voluntária o consentimento Livre e Esclarecido da participante da pesquisa ou
representante legal para a participação na pesquisa.

(Assinatura do membro da equipe que apresentar o TCLE ou o pesquisador
responsável)

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Relate uma memória da sua infância, da juventude, da fase adulta e uma recente.
- 2) Quais experiências das tuas vivências de te trouxeram mais saberes?
- 3) O que você aprendeu com suas vivências que considera importante?
- 4) Relate sobre o sua atuação como benzedeira, como lalorixá, etc...
junto à comunidade?
- 5) Como você se vê nessa posição, nesse trabalho...
- 6) Qual a tua relação com a comunidade?
- 7) Como você se sente vista pela comunidade?
- 8) O que você aprende e ensina a partir da tua atuação nesta comunidade?

APÊNDICE C – GLOSSÁRIO

Abebê: espelho de Oxum

Aiyê: Terra

Axexê: Ritual funerário de separação e desprendimento dos falecidos, dos indivíduos falecidos, pertencentes a uma casa de santo.

Bará: é o Princípio de Movimento e Interligação, é também o mensageiro dos Orixás. Bará pode ser o mais benevolente dos Orixás se é tratado com consideração e generosidade. Ele é dono das chaves dos portais, encruzilhadas e caminhos.

Batas:

Bori (borí): Cerimônia pela qual se cultua a cabeça (ori); significa dar comida à cabeça. É um ebó à cabeça.

Calunga grande: Mar

Ecodidé:

Egum:

Esú Bará: A palavra Èsù é o orixá do movimento

Exú castiço: é Exu Castiço, o emprego do verbete “castiço é errôneo, é corruptela de castiço”. Seria um Exu de boa linhagem, (poderíamos dizer que esta entidade esta ligada à nossa ancestralidade e não ao nosso orisá de cabeça como acontece aqui no Brasil.

Iansã: Iansã possui o domínio das tempestades e dos fenômenos climáticos, ela controla os ventos, as chuvas e os trovões

Iaôs: (em iorubá: Ìyàwó) é como são designados os filhos de santo que já passaram pela iniciação no candomblé e no batuque,

Iemanjá: é um orixá de grande poder e importância ao ter o seu nome diretamente ligado à origem de várias divindades que compõem o universo religioso afro-brasileiro **Ibiri:** Cetro de Nanã Buruquê

Igbasile: Significa Registro em Iorubá

Itam: O africano conta itans (histórias) para explicar diversas situações, principalmente as situações que interagem as energias dos Orixás e seus poderes e domínios.

Maafa: Holocausto negro, termo em kiswahili maafa para denonimar esse longo processo de violência vivida pelos africanos que parte desde a colonização árabe e europeia até os dias atuais

Naná: Orixá mais velha do panteão africano.

Obi (Obí): Fruto também denominado noz de cola, de origem africana, fundamental no culto dos camdomblés.

Omolu: Omolu, ou Obaluaiê, é o orixá da doença e da cura.

Omolokum: oferenda para Oxum

Orí: cabeça

Orum: Céu ou mundo espiritual

Oxum: é um orixá, é a rainha da água doce, dona dos rios e cachoeiras, cultuada no candomblé e também na umbanda, religiões de origem africana.

Padê: Comida oferecida a Èsù

Sankofa: Há na tradição africana um conceito que capta o essencial da prática de Abdias: o sankofa, parte de um conjunto de ideogramas chamados adinkra, representado por um pássaro que volta a cabeça à cauda. O símbolo é traduzido por: “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”

Semba: A palavra semba significa umbigada em quimbundo

Yabás: Yabá, cujo significado é “Mãe Rainha”, é o nome utilizado para se referir às Orixás femininas, que também podem ser chamadas de Aiabás, Lyagbas, Iabá, Lyabá ou Aiabá.

Yalodê: A palavra escrita, é o ato de expressão de ideias humanas por meio de sinais, e a palavra Yalodê, Ìyálodè, ìalodê ou Yalodé, uma palavra de origem iorubana que tem como significado: aquela que lidera as mulheres na cidade e/ou a dona do grande poder feminino

Yalorixá: liderança religiosa, cultural e social que tem por missão o respeito aos Orixás.



MULHERES NANÃS

ENTRE TRAVESSIAS E MEMÓRIAS

Autora: Perla Santos

“Naná aceitou ceder o barro a Obatalá para a construção do homem. Impôs uma condição: após um tempo limitado, o elemento retornaria aos seus domínios”

Cléo Martins

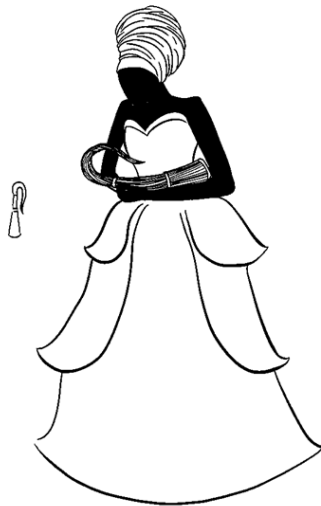
Esta obra resulta da minha pesquisa de mestrado que analisou e a biografia de mulheres negras idosas de algumas comunidades de Porto Alegre. O encantamento de suas histórias repletas de ousadia, amor e força serviram de base para esta performance que através da arte, homenageia essas as mulheres Nanãs.

Que a lama da criação de Nanã Buruque molde também este espetáculo e a senhora dos primórdios molde nossa arte preta.

Salubá, Nanã!

“ Nanã, a iaba dos primórdios , é a senhora das águas paradas, dos pântanos e lagoas, das areias movediças e das poças de água. É a senhora da lama, por excelência: a síntese de elementos primordiais, podendo ser definida como o início, meio e fim”

Cléo Martins



CENA 1

(A plateia enquanto aguarda na rua a frente do teatro já é recepcionada por bailarinos com roupas e chapéus pretos representando o povo da rua – Exús e pomba-giras que dançam, recepcionam e conduzem-as até a porta de entrada)

CENA 2

(Na porta de entrada do teatro, Um performer representando Exú Bará , dono das portas e cruzeiros fará uma dança e logo abrirás a porta para a plateia entrar.

CENA 3

(Escuridão. Na área de representação, inúmeros objetos espalhados por diversos pontos conforme ilustrado abaixo:

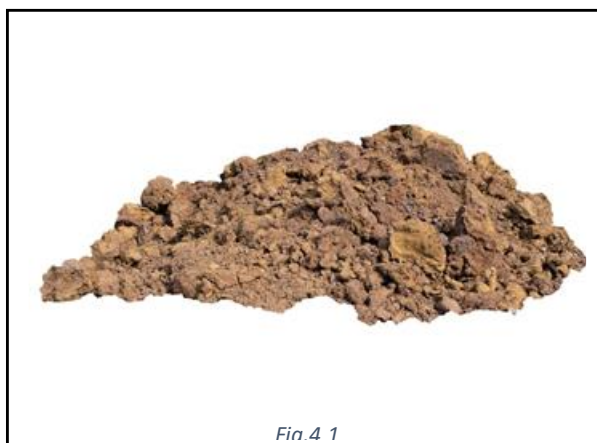
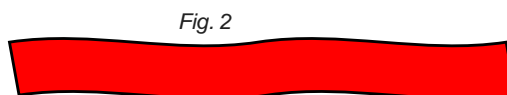
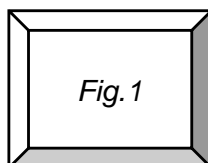


Fig.4



Fig. 5



Fig.7

*Sinal sonoro de aeroporto

Voz Off (Perla): Vinheta de abertura: Bom dia, a todas, todos e todes, sejam bem-vindos a borda performance Mulheres Nanãs, nossa próxima escala será a apreciação da obra. Pedimos sua especial atenção aos procedimentos de segurança: a partir deste momento, todos os celulares poderão estar ligados, fotografando e registrando a performance, observem os avisos luminosos de seguir lutando contra o preconceito, afivelem os cintos e mantenham seus encostos da sua poltrona na posição vertical enquanto sobrevoamos momentos históricos na qual o sistema colonial desumanizou o povo negro. Em caso de turbulência ou revolta, fortaleça a luta antirracista. Respire fundo e auxiliem os demais integrantes da sociedade. Lembramos que qualquer semelhança com a realidade não é mera coincidência e todas as falas da autora são totalmente intencionais. Alertamos também que irão se encantar com a força das mulheres Nanãs desta pesquisa. Toda a equipe tem a satisfação de recebê-los, tenham todes uma bela apreciação.

Voz Off: MULHERES NANÃS: ENTRE TRAVESSIAS E MEMÓRIAS

(Performer entra, desajeitada no palco, vestindo trages da nobreza europeia e máscara branca, faz uma reverência e ofegante aguarda a resposta da professora:

Voz Off: (voz rígida da professora) Atrasada de novo, garota!!! Sem desculpas, já

sabemos você trabalha, mora longe, perdeu o ônibus, ok,ok!! (Pausa)Aí! Desde que esses cotistas chegarem, enfraqueceu o programa, já viu como eles escrevem, aff!!! Então, tenta se encaixar por favor, mais pra esquerda, não esquerda não, esquerda é problema, mas pra direita, direita, pro centro, direita e centro.

Voz Off Perla:(Na frente da fig.1) Aí,chega, chega! Eu não sou assim! (performer mostra o corpo)

Eu não me encaixo (2x) (performer tira as luvas)

Voz Off Perla: Eu não sou assim (Performer rasga o vestido de estilo europeu... Tira a máscara,espera alguns segundos em silêncio,mostra seu rosto negro com uma mordaca na boca e um colar de pescoço da época da escravidão.

(**Colar de pescoço:** Esse aparelho era uma espécie de colar de metal que possuía picos salientes, o objetivo era lembrar o escravo de seus delitos, o equipamento torturava pois além de muito pesado e desconfortável ele era deixado por meses no escravo, que não conseguia descansar durante a noite e acabava tendo jornadas de trabalho mais cansativas por conta dele)



Voz Off Perla: Eu não vou mais ser silenciada (enquanto isso tira a mordação e um colar de pescoço).

Voz Off Perla: Não preciso que me deem a voz, ou falem por mim, eu vou falar , vou falar o que eu não sou... o que eu não faço parte

Não faço parte dos cinquenta e quatro por cento da população negra, analfabeta que é cinco vezes maior que a branca. (Som forte de Berimbau)

Não faço parte dos setenta por cento da população que vive em extrema pobreza e é negra no Brasil. (Som forte de Berimbau)

Não faço parte dos mais de cinquenta por cento da população negra que não possui acesso à internet. (Som forte de Berimbau)

Não faço parte dos trinta e nove vírgula três por cento dos negros que vivem em zonas urbanas e não possuem rede de esgoto. (Som forte de Berimbau)

Não faço parte dos setenta por cento da população carcerária que é negra no Brasil. (Som forte de Berimbau)

Não engrossei esses índices, não sou uma estatística, não sou um número, sou uma das poucas pretas que insiste, resiste, persiste nesse universo acadêmico, finalizando essa jornada nomeada mestrado, vou contar como foi Corpa preta experimentando mais um tipo de solidão. Sou Perla Santos. Sim, meu sobrenome é Santos. Esse sobrenome não traz a minha origem a diáspora resultou nisso. No início estava perdida, sem saber como começar.

(Performer para no centro do palco e olha para o lado direito e sorri com se visse alguém chegando)

(Som de gargalhada)

Voz Off Perla: Exu gargalhou e bradando exigiu: Comece comigo! Como eu não sou boba, comecei com ele. Obedeço, Laroîê,Exu

Tudo começa com ele .Iniciei essa escrita saudando e pedindo que Bará me desse e dê o dom da comunicação... Lembro-me como iniciei esta escrita...

Voz Off Perla: Inspiração, início de tudo, início da escrita, ideias, início da vida. Uma sensação libidinosa envolveu zonas erógenas da minha alma. Pensamentos lubrificandos, úmidos, expeliram entusiasmos ideias penetrativas, ejacularam palavras, rabiscos, rascunhos e num orgasmo mental concebeu-se essa pesquisa/ performance. Gestei e pari essa obra. O pensamento sêmen fecundou a escrita dando-lhe vida e vida é Exu. O início é Exu. Tudo que começamos saudamos ele. Mas não confunda. Exu Bará com Exu Catiço ou exú Mulher... Bom dia moço, bom dia moça, exús catiços são seres da encantaria que com suas capas pretas trazem mistério e magias (Ponto de Exú, performer desamarra a sua saia e a coloca nas costas , imitando uma capa preta de exus)

Voz Off Perla: Já Exu Mulher: com a sua saia rodada e malícia no olhar é a própria representação da mulher livre. (Ponto de Maria Padilha, performer tira a saia das costas e amarra na cintura, gargalha, mexe os ombros e quadril, com as mãos na cintura)

Voz Off Perla: Eles chegam gritando, mas calma, não precisa temer, são o povo que com seu fumacê, gargalham e giram trazendo a cura. Mas nunca confunda Esù Bará , Catiço ou Exú Mulher com o Diabo Cristão. Esse último é invenção do colonizador. Está amarrado essa vinculação.

(performer tira a saia e joga-a no chão com fúria)

Voz Off Perla: Encontrei-me na encruzilhada da escrita. E Bará avisou: Estou aqui!! Receba o seu padê Esú. Ele esteve comigo nessa jornada. Nessa escrita poética e fecunda. Até o nascimento da pesquisa que foi assim:

(performer se desloca até a figura 2 e pega o pano vermelho do chão e ela executa movimentos fluidos com o tecido)

Voz Off Perla: Os meses passaram rápido, na pesquisa fecundada, os zigotos se dividiram, células se multiplicam. E este agrupamento de células se fixaram no revestimento uterino. Hormônios foram liberados. Náuseas e enjoos tornam-se habituais. Placenta e cordão se formaram, conectando o embrião-pesquisa ao tema. A estrutura da medula espinhal -o eixo central da pesquisa- pode ser reconhecido, rascunhado. O coração da pesquisa já batia, pulsando timidamente em meio a anotações, dúvidas e medos. Braços e pernas se formaram, a pesquisa começa a ganhar forma... Nas semanas que antecederam o parimento, o corpo produziu progesterona. O feto-pesquisa se virou, o orí se encaixou na pelve. A prostaglandina amaciou o colo do útero e a Ocitocina comandou altivamente as contrações, que vem ritmadas e doloridas. Intensificando, gradativamente a dor, músculos uterinos se tencionaram, resultando na abertura do colo do útero, músculos empurram o feto-pesquisa para baixo. Uma camada amarelada de muco é expelida. Há o rompimento da secundinas³, líquidos jorram como os rios de Oxum. O colo do útero se afina e dilata. A pesquisa queria nascer, começa a coroar:

(Performer se cobre com o tecido vermelho como se fosse a placenta e depois puxa devagar o tecido como se estivesse nascendo)

Voz Off Perla: As contrações seguem, o corpinho da pesquisa é expelido. Então, a pesquisa intitulada como Pesquisa-Erê nasce! Além de Esú, pude ouvir muitas vozes, couros, tambores e atabaques de Bantos e iorubás que foram atingidos pela maafa.

(ao fundo, som de cantos e vozes africanas)

Voz Off Perla: Saúdo cada um deles. Saúdo também as africanas e africanos que não conseguiram fazer a travessia. E que num ato de muita coragem atiraram seus corpos e suas corpos na grande kalunga todos se apresentam nessa escrita. Por isso escrevi na primeira pessoa do plural pois escrevo com muitas mãos. Inspirada por muitos Orís fortes! Aconchegando-me nos escritos de Evaristo, encorajo-me a ouvir essas vozes sem corpos físicos que me auxiliaram na escrita. Essa pesquisa além de mãos e orís é feita com inúmeros pares

de pés. Pedestres que criam e escrevem a sua história. Como defende Nogueira criando passos, danças, dribles. Trilhando caminhos.

(Performer mostra os pés nus no chão que sambam e se movem)

Voz Off Perla: Também se fez presente nessa pesquisa , a minha avó que segurou a minha mão. Convidando a retornar retroceder para avançar. Voltar para poder seguir, nesse movimento de maré fui soleando. Assim começo pedindo também agô aos mais velhos que estão no Orum-céu mas que estiveram comigo nessa jornada, fazendo-me entender que essa escrita começou muito antes de mim e que ao escrever conecto-me com outras mulheres pretas criando pontes. Evaristo surgiu teimosamente com a sua escrevivência, fazendo-me pensar que a nossa escrita é plural. Escrita regada muitas vezes por lágrimas dolorida, difícil. Ainda é necessária. A minha avó sussurra: Calma! Retorna. É época de voltar para avançar. E junto com ela, vem Sankofa, a grande ave que olha para traz.

(performer levanta os braços como se fossem duas grandes asas e olha delicadamente para traz lembrando o símbolo de Sankofa)



Sankofa

Voz Off Perla: Aquilombei os saberes dos que vieram antes de mim, guiada por minha avó mergulhei na sua biografia que também é minha. Com esta mulher preta aprendi que não basta resistir precisamos subverter. Vale dizer que me refiro a ela, a minha vó no tempo presente. Mesmo ela tendo partido para o plano ancestral há alguns anos. Então, quatro divindades também se fizeram presentes : são elas as Yabás

(Neste momento a performer está com uma saia amarela, representando Oxum)

Voz Off Perla: Oxum que me ofereceu o seu Abebê, explica porque ele tem nos dois lados espelho. Pois quando me enxergo nele reflito todas as mulheres. Ao contrário de Narciso, Oxum, ensina-me que ao se olhar no espelho. Não fica apaixonada pela sua minha imagem e sim nessa atitude ela pode ver as outras mulheres. Aprendo que olho-me e vejo todas. Oxum convidou-me com isso a descolonizar a minha escrita e pensamento.

(A performer então desamarra a saia amarela e embaixo tem uma saia vermelha- cor de Yansã)

Voz Off Perla: A dona dos ventos, Iansã, de vestimentas Carmim, rasgando o céu com seus trovões ensinou-me que é a tempestade mas que pode se tornar brisa e me acalmou.

(performer tira a saia vermelha e embaixo tem uma saia azul –cor de Iemanjá)

Voz Off Perla: Iemanjá, beijou meu orí e tranquilizou meus pensamentos, com suas ondas levou embora medos e incertezas, firmando meu pensar.

(Performer desamarra saia azul e fica com uma saia lilás-cor de Nanã)

Voz Off Perla: E Nanã, a mais velhas das Yabas surgiu com seu ibiri, numa passada lenta e um sorriso largo e trouxe o barro da criação, moldando-me e enegrecendo minha pesquisa. Nanã segurou o meu braço e me levou para a sua morada...

(Performer se desloca para frente da figura 3 e pega a jarra de água)

Voz Off Perla: Água... que é usada no ipadê, acalmando as Adés, as grandes feiticeiras que se transformam em aves, água portadora de axé, água que é essencial nos amacis e omierós, que quando derramada no chão, forma lama e lama é a morada de Nanã.

(performer se desloca para frente da figura 4(terra) e derrama a água da jarra na terra, fazendo lama e interagindo com ela)

Voz Off Perla: lama esta que foi usada para moldar os corpos dos seres humanos, e que deu origem a toda a humanidade. Essas terras lamacentas moldaram a presente pesquisa. Neste caminho vejo na figura de Nanã a história das idosas negras deste estudo:

(Performer se desloca até a frente da figura 5- livro)

Voz Off Perla:Vejo Nanã na escrita de Fátima, cozinheira e escritora, mas que prefere ser chamada de contadora de histórias...

Voz Off representado a escritora Fátima: Primeiro compus músicas, depois veio a poesia, diziam que isso era passageiro, mas eu senti que era algo mais forte. Porque escrever para nós é firmar existência, é enfrentar a morte, me immortalizando em cada palavra ou poema escrito. Eu, uma mulher preta da periferia perpetuando o meu nome, o nome do meu pai, da avó, o lugar que eu venho, infelizmente vem também a história do grande sequestro, dos tumbeiros e de como fomos arrastados para cá. Esta escrita enegrecida é uma maneira de lutar, uma arma contra o opressor, é uma revolução diária. Herdei a poesia do meu pai, foi ele que me mostrou Kunta Kuntê, lanceiros negros, navios negreiros, contando histórias que a escola não contou. Aprendi lá em Bagé, no pátio de casa, nosso quilombo. Na escola, eu aprendi a ser invisível, foi lá que senti pela primeira vez o racismo, na época eu não sabia o que era, só senti uma dor, um encomodo, anos mais tarde, eu alisei meus cabelos, mas quando eu tirei a química, vi pela primeira vez meu cabelo natural, nasceu a verdadeira mulher negra: **“ A preta saiu da senzala, os cabelos não alisa mais, resolveu abolir as mordanças, escravidão ficou lá atrás.”** (trecho de um poema da escritora)

(performer solta os cabelos crespos e gira com os cabelos soltos, em seguida, performer caminha até a figura 6, enquanto surgem vozes de jornalistas noticiando casos de intolerância religiosa. Logo após, toca o ponto de Ogum, enquanto a performer coloca as guias de ogum no pescoço, o turbante verde na cabeça e levanta

a espada de São Jorge, e caminhando de forma altiva de uma lado para outro do palco.

Voz Off representado a lalorixá leda de Ogum: Meu terreiro tem 64 anos, trabalhei muito nas matas e cachoeiras. “ A fé é o poder de tudo!” É o que me leva até hoje nos meus 82 anos e quero viver muito mais, fazendo caridade. Desde menina que eu aprendi a religião, acompanhando minha mãe, grande benzedeira. Minha casa de Nação é do lado de Oyó, os oyós são um pouco fechados, muitas coisas não se fala. “ Nasceu dentro do terreiro é aqui que fica”. Aprendi isso na casa da minha mãe de santo, o segredo! Saberes Sagrados! Faço defumação, descarrego, banho de ervas, amacis e omieros, coisas pequenas que são muito grandes, é muito importante os detalhes na religião. Tenho tantos filhos de Santo que ultrapassei meu território. Há 48 anos trabalho na Argentina, também no Uruguai. Sou muito conhecida, sou leda de Ogum!

(performer tira o turbante e a guia)

Voz Off representado a representante da Ala das baianas: O amor pelo Carnaval eu aprendi com meu pai. Ele teve bloco de Carnaval. Eu gosto, a minha ala é a ala das baianas. Quando meu pai morreu, inclusive não fiquei de luto não. Lá estava eu desfilando no carnaval. Para ser baiana tem que ter um treinamento, nossa coreografia! Giramos nos refrões escolhidos. Virando sempre assim da esquerda para direita

(Performer gira da esquerda para direita)

Voz Off representado a representante da Ala das baianas: Tem aquele samba que amo...

(Toca o trecho do Samba-enredo “Me respeita” da dona Imperatriz Dona Leopoldina 2022 e performer dança)

Voz Off representado a representante da Ala das baianas : A escola de samba é aqui no território e aqui mudou muito, o bairro sabe. Nos mobilizamos para trazer as

mudanças aqui, bloqueamos as ruas e veio o calçamento, a luz... O tempo passou e muitas coisas mudaram, muitos partiram...muitos jovens, os meninos que se criaram com meus filhos não sobrou nenhum!

(Neste momento se ouve vários áudios noticiando a morte de jovens negros, seguido de choros de mãe velando seus filhos, enquanto a performer abraça um tecido preto como se embalasse um bebê, depois se despede da peça e se desloca para o outro lado do palco. Performer coloca o casaco que está na figura 7. Som de batida na porta)

Voz Off representado a representante uma liderança negra: Já vai! Já vai! Pode entrar, veio me entrevistar né, meu nome é Ogênia, Ogênia com O, a única no mundo, senta. Quer uma água, um suco, uma cervejinha? Não pode beber na entrevista? Mas eu vou beber!

(Performer abre uma latinha de cerveja e bebe e oferece bebida para pessoas da plateia)

Voz Off representado a representante uma liderança negra: Eu e meu marido fomos liderança, fomos os primeiros negros a fazer parte da diretoria do Tênis Club, depois fomos diretoria no Floresta Aurora e Satélite Prontidão. Sempre juntos. Eu fui muito amada, foram 56 anos juntos.Olha a foto do nosso casamento e bodas.

(Projeção das fotos no fundo do palco)

Voz Off representado a representante uma liderança negra: Sempre juntos, eu guardo o último bilhete que ele me escreveu:

Voz Off Masculina representando o marido de Ogênia: Hoje é dia de abrir um pouco a sua mente para poder para poder assimilar coisas diferentes que estão acontecendo, mesmo contra a sua vontade. Procure se adaptar aos fatos. Teu sempre amor.Osvaldo

(Som de monitor cardíaco mostrando que paciente veio a óbito e música de despedida)

Voz Off representado a representante uma liderança negra: Mas eu acredito que eu e o meu marido ainda vamos nos encontrar, eu sou meio espirita né, e eu não deixo a peteca cair, ele se foi, mas eu sigo sempre com meu batom vermelho!

(Performer pega um baton vermelho no bolso do casaco e um espelho, alcança o espelho para alguém da plateia que o segura, enquanto ela passa o batom nos lábios)

Voz Off representado a representante uma liderança negra: Eu sou Ogênia, a única no Mundo!

(performer tira o casaco e vai para o centro do palco)

Voz Off Perla: E com essas mulheres pude descobrir que elas detem saberes ancestrais e mudam seus territórios não apenas os locais que moram, algumas borraram as fronteiras e atuam em outros países. Possui memórias individuais e coletivas. Não são objetos da esquisa, não são sujeitas da pesquisas são as mulheres Nanãs.

(Performer começa a dançar lentamente ao som de uma música que traz o tema da Nanã Buruque, a luz do palco vai diminuindo até a figura da performer desaparecer)

Link da performance:

<https://www.youtube.com/watch?v=9Q7wPzBtBzw>